

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

FALA JUVENTUDE!
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER
NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

SANDRA RANGEL DE SOUZA

CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ
MARÇO/2013

FALA JUVENTUDE!
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER
NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

SANDRA RANGEL DE SOUZA

ORIENTADORA: Profa. SIMONNE TEIXEIRA

CO- ORIENTADORA: Profa. SONIA MARTINS ALMEIDA NOGUEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais, sob a orientação do Profa. Dra. Simonne Teixeira e a Co-Orientação da Profa. Dra. Sonia Martins Almeida Nogueira

CAMPOS DOS GOYTACAZES
MARÇO/2013

Aos jovens participantes da pesquisa por compartilharem suas experiências e sentimentos e por alimentarem esperanças contagiantes de um mundo melhor. “Tipo assim”, espero que os seus sonhos tornem-se realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me oportunizado chegar a lugares, antes, inimagináveis, por tornar sonhos realidade e ser presença constante em minha vida.

A mamãe Ângela e ao papai Joel, exemplos de luta, perseverança e vitórias.

Aquele que acredita mais em mim do que eu, motivando-me a voar mais alto, companheiro de caminhada, ainda bem que você veio comigo, meu amor, Bezinho.

Aos meus irmãos que torcem por mim, se alegrando com os bons momentos e dividindo os maus.

Aos familiares, pelo apoio e as orações, em especial, à Vovó Dulce. Obrigada por me incentivar.

Aos amigos pela compreensão e torcida. Em especial à amiga Margarida companheira no início da caminhada, senti sua falta.

Ao meu anjo, amiga Gisele, obrigada pelo apoio, pelas trocas, por tudo.

A todos com os quais tive oportunidade de conviver durante a trajetória na UENF/Campos: aos colegas de turma do mestrado, iniciado em 2011, pela acolhida, afeto e companheirismo; e aos professores pela paciência e pela qualidade das discussões.

Um agradecimento especial à profa. Simonne Texeira, mesmo longe num primeiro momento, esteve presente constantemente. Obrigada por aceitar o convite para a minha orientação nesta trajetória: pela compreensão, paciência e competência. Infinitamente obrigada!

À querida profa. Sonia, nosso encontro foi especial, agradeço-lhe pelo carinho, rigor e disposição na co-orientação.

Às professoras participantes da Banca examinadora: professora Isabela Sarmet (UFF), professora Lígia Ságio (UENF) que aceitaram, de forma tão gentil, o convite para participar deste momento tão especial em minha vida. A vocês, agradeço pelos momentos que dedicaram a este trabalho e pela contribuição.

Aos funcionários do Colégio Salesiano e da E. E. Dr. Félix Miranda pela acolhida e suporte durante toda a realização da pesquisa de campo, em especial na primeira escola ao coordenador do Ensino Médio David e seu auxiliar Fábio e na segunda escola a diretora Marilene e ao vice-diretor Renato. Obrigada pela disponibilidade e contribuição neste trabalho.

À professora e cunhada querida Heliane Miscali, pela competência e cuidado na realização da revisão ortográfica deste trabalho.

Ao amigo Reginaldo pela formatação cuidadosa, disponibilizando o seu tempo tão precioso.

Aos gestores e funcionários da Secretaria Municipal de Cultura e da Fundação da Infância e da Juventude pelas informações cedidas.

Aos jovens participantes da pesquisa, pela convivência riquíssima e pela oportunidade de crescimento que me proporcionaram, por compartilharem suas vivências, histórias e projetos de vida. Dedico este estudo a vocês.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRCC – Associação Beneficente Rio Criança Cidadã
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude
DESCA - Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais
DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FMIJ – Fundação Municipal da Infância e da Juventude
FPA – Fundação Perseu Abramo
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MMA – Artes Marciais Mistas
MST – Movimento Sem Terra
MUNIC - Pesquisa de Informações Básicas Municipais
OIJ - Organização Ibero-Americana de Juventude
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCCC – Programa Campos Criança Cidadã
POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares
PPJs - Políticas Públicas para Jovens
PNAD – Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios
ProJovem - Programa Nacional de Inclusão de Jovens
SNJUV - Secretaria Nacional da juventude
UENF - A Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UNE – União Nacional dos Estudantes

TABELAS

TABELA 1. Óbitos, por sexo, participação relativa e razão de sexo dos óbitos, segundo os grupos de idade das pessoas ao falecerem - Brasil – 2010.....	42
TABELA 2. Distribuição das despesas monetária e não monetária média mensal familiar da área urbana, por grupos de idade da pessoa de referência da família, segundo os tipos de despesa Brasil – período 2008-2009.....	47
TABELA 3 - Percentual de municípios que possuem equipamentos culturais e meios de comunicação, segundo o tipo - Brasil - 1999/2009.....	50

GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade BRASIL.....	36
GRÁFICO 2. Taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - Brasil - 2000/2010.....	37
GRÁFICO 3. Distribuição das pessoas de 15 anos a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino frequentado - Brasil – 2010.....	38
GRÁFICO 4. Distribuição dos domicílios particulares permanentes, por situação do domicílio, segundo as classes de rendimento nominal mensal domiciliar <i>per capita</i> Brasil - 2010.....	39
GRÁFICO 5. Distribuição percentual das pessoas de 15 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo os grupos de idade - Brasil - 2009/2011.....	40
GRÁFICO 6. Percentual das pessoas de 15 anos ou mais de idade, desocupadas na semana de referência, segundo as características selecionadas Brasil - 2009/2011.....	41
GRÁFICO 7. Proporção de óbitos masculinos e femininos no total de óbitos de cada grupo de idade - Brasil – 2010.....	43
GRÁFICO 8. Média dos municípios com treze equipamentos culturais de comunicação – Brasil 1.999/2.009.....	52

GRÁFICO 9. Percentual de municípios por caracterização do órgão gestor da cultura - Brasil - 2006/2009.....	64
GRÁFICO 10. Percentual de municípios com Conselho Municipal de Cultura - Brasil - 2001/2009.....	64
GRÁFICO 11. Percentual de municípios com legislação de proteção ao patrimônio cultural, segundo a natureza do bem tombado - Brasil - 2006/2009.....	66
GRÁFICO 12. Percentual de municípios com articulações interinstitucionais na área de cultura, segundo o tipo de articulação - Brasil - 2006/2009.....	67
GRÁFICO 13. Distribuição das despesas de consumo monetária e não monetária média mensal familiar, por tipos de despesa - Brasil - período 2008-2009.....	68
GRÁFICO 14. Domicílios particulares permanentes, total e respectiva variação percentual, segundo a existência de alguns bens duráveis - Brasil - 2009/2011.....	69
GRÁFICO 15. Percentual das pessoas que utilizaram a Internet no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - Brasil - 2009/2011.....	69
GRÁFICO 16. Idade dos jovens da escola pública.....	100
GRÁFICO 17. Idade dos jovens da escola privada.....	100
GRÁFICO 18. Cor dos jovens da escola pública.....	101
GRÁFICO 19. Cor dos jovens da escola pública.....	101
GRÁFICO 20. Renda familiar dos jovens da escola pública.....	102
GRÁFICO 21. Renda familiar dos jovens da escola particular.....	103
GRÁFICO 22. Há quanto tempo trabalha - jovens da escola pública.....	103
GRÁFICO 23. O que os jovens entendem por cultura.....	120
GRÁFICO 24. Lugares que os jovens já visitaram.....	121
GRÁFICO 25. Participação de projetos culturais oferecidos pelo poder público.....	122
GRÁFICO 26. Participação em atividades culturais oferecidas pelo poder público.....	123
GRÁFICO 27. Participação em atividades culturais no tempo livre na cidade.....	125
GRÁFICO 28. Participação em atividades culturais no tempo livre em casa.....	127
GRÁFICO 29. Participação nas atividades domésticas - jovens da escola pública.....	128
GRÁFICO 30. Participação nas atividades domésticas – jovens da escola privada.....	128
GRÁFICO 31. Atividades de que nunca participaram – jovens da escola pública.....	130

GRÁFICO 32. Atividades que realizam todos os dias – jovens da escola pública..	131
GRÁFICO 33. Atividades de que nunca participaram – jovens da escola particular.....	132
GRÁFICO 34. Atividades que realizam todos os dias – jovens da escola particular.....	132
GRÁFICO 35. Atividades que gostariam de fazer no tempo livre – jovens da escola pública.....	133
GRÁFICO 36. Atividades que gostariam de fazer no tempo livre – jovens da escola privada.....	136
GRÁFICO 37. Fatores que impedem de realizar as atividades desejadas – jovens da escola pública.....	137
GRÁFICO 38. Fatores que impedem de realizar as atividades desejadas – jovens da escola particular.....	138
GRÁFICO 39. Tipos de grupos que participam - jovens da escola pública.....	140
GRÁFICO 40. Tipos de grupos que participam - jovens da escola particular.....	141

FIGURAS

FIGURA 1. Jovens fazendeiros – August Sander – 1914.....	23
FIGURA 2. Conjunto Musical da Década de 20, Cidade de Simão Dias.....	25
FIGURA 3. James Dean.....	26
FIGURA 4. Infográfico baseado no filme “We all want to be yong”.....	30
FIGURA 5. Mapa dos bairros no município de Campos dos Goytacazes, com a localização do Colégio Estadual Dr. Félix Miranda e do Colégio Salesiano.....	90
FIGURA 6. Colégio Salesiano.....	91
FIGURA 7. Colégio Estadual Dr. Félix Miranda.....	91

CARTOGRAMAS

Cartograma 1 - Número de equipamentos culturais e meios de comunicação nos municípios – 1999.....	52
Cartograma 2 - Número de equipamentos culturais e meios de comunicação nos municípios - 1999.....	53

Acredito na Rapaziada
Gonzaguinha

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão.
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão.
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada.
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo identificar a relação entre juventude, cultura e lazer no uso do tempo livre. Para tanto, baseamos este estudo na experiência de jovens estudantes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública situada na periferia e de outra particular situada na região central. Levamos em consideração o período a partir do ano 2000, marcado pelo debate sobre a formulação de políticas públicas de valorização da categoria juventude e a da sua diversidade de expressões culturais. Para fundamentar a análise desta pesquisa, partimos da compreensão de que a cidadania cultural e o direito à cultura são pressupostos da pluralidade cultural. É nesse contexto de diversidade da categoria juventude e as suas diferentes práticas culturais que a cultura assume papel relevante para o seu desenvolvimento, formação e expressão de suas identidades, pois são sujeitos que circulam por diferentes espaços, transitam em contextos variados e participam de iniciativas diversas. As práticas culturais no uso do tempo livre dos jovens estudados se constituíram em uma ação problematizadora e organizadora da experiência cultural que potencializa as escolhas dos jovens baseadas em limites (socioeconômico, território) e possibilidades (participação, produção, enfrentamento das dificuldades). O trabalho de campo foi realizado nos anos de 2011 e 2012 e reuniu a aplicação de questionários a 60 jovens e entrevistas com 21 jovens homens e mulheres que informaram no questionário participarem de grupos juvenis no município de Campos dos Goytacazes, região Norte do estado do Rio de Janeiro. É possível identificar recorrências nos relatos dos jovens entrevistados, que revelam o significado de ser jovem, as práticas culturais e aspirações que unem e separam os dois grupos estudados, num processo de experimentação marcado por desigualdades de oportunidades, pela participação em grupos juvenis e pela convivência comunitária. Essas experimentações, por sua vez, se dão ora em espaço privado, ora em espaço público de fruição cultural e de sociabilidade, que impulsiona o coletivo e a produção juvenil. Do ponto de vista teórico, este estudo foi orientado pela categoria de identidade de Stuart Hall, em diálogo com as abordagens de juventude de Helena Abramo. O estudo do direito à cultura e da política cultural teve como subsídio a leitura de instrumentos legais, normas jurídicas e declarações internacionais sobre a temática, além da contribuição das autoras Marilena Chauí e Isaura Botelho.

Palavras-chave: Juventude, Cultura, Política Cultural, Identidade e Tempo Livre

ABSTRACT

This paper has the aim of identifying the relationship among the youth, culture and leisure in the use of the free time. For that, we based the study in the experience of young students from the second and the third stage of high school from a public school placed in the outskirts and another private school placed in the central region. We took into consideration the period from the year 2000, marked by the debate about the formulation of public politics of valorization of the youth category and its diversity of cultural expressions. To found the analysis of this research, we started from the comprehension that the cultural citizenship and the right of culture are presupposition of cultural plurality. It is in this context of diversity of youth category and its different cultural practices that the culture accepts a relevant role to its development, formation and expression of their identities, because they are subjects that circulate in different spaces, transit in varied contexts and take part in several initiatives. The cultural practices in the use of the free time of the studied young people constituted in a problematical and organizing action of the cultural experience that give potency to the young people choices based in limits (social-economical, territory) and possibilities (participation, production, confrontation of difficulties). The field work was done in 2011 and 2012 and it collected the application of questionnaires of 60 young people and interviews with 21 young men and women that informed in the questionnaire that they take part in youth groups in Campos dos Goytacazes, North region of Rio de Janeiro State. It is possible to identify recurrences in the report of the interviewed young people that reveal the meaning of being young, the cultural practices and aspirations that unite and separate both studied groups in a process of experimentation marked by inequality of opportunities, by the participation in youth groups and by the communitarian acquaintanceship. These experimentations, in turn, are given sometimes in private space, sometimes in public space of cultural fruition and sociability, that impel the collective and the juvenile production. From the theoretic point of view, this study was oriented by Stuart Hall's category of identity, in dialog with Helena Abramo's approach to the youth. The study of the right of culture and cultural politics had as subsidy the reading of legal instrument, juridical norms and international declarations about the thematic, beyond the contribution of the authors Marilena Chauí e Isaura Botelho.

Key-words: Youth, Culture, Cultural politics, Identity and Free time

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – O LUGAR DO JOVEM NO BRASIL	20
1.1 Alguns aspectos sobre as juventudes a partir do século XX.....	21
1.2 Modos de vida das juventudes brasileiras.....	31
1.3 Os jovens e a construção de identidades.....	43
CAPÍTULO II - POLÍTICA CULTURAL	55
2.1 Políticas Públicas de cultura e Direito à cultura.....	55
2.2 Políticas Culturais no Brasil: alguns indicadores.....	62
2.3 Juventude brasileira: culturas, lazer e tempo livre.....	70
CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIAS DE POLÍTICAS CULTURAIS NO INTERIOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	79
3.1 Alguns elementos introdutórios sobre as políticas culturais no município de Campos dos Goytacazes.....	79
3.2 A construção da pesquisa.....	89
3.3. Dificuldades do Estudo – limites da pesquisa.....	94
CAPÍTULO IV – FALA JUVENTUDE! OS RESULTADOS DO ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES	97
4.1. Ser jovem: as juventudes.....	99
4.2. E o que pensam os jovens sobre suas juventudes.....	104
4.3. Acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude e cultura e o uso do tempo livre.....	120
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

ANEXO

ANEXO A Consentimento Informado.....151
ANEXO B Roteiro para entrevista.....152
ANEXO C Questionário.....153

INTRODUÇÃO

A cultura sempre nos fascinou e observar a relação da juventude com ela, no âmbito profissional¹, nos trouxe muitas questões. Por isso, nossa motivação para desenvolver um projeto de pesquisa, propondo-nos a refletir sobre determinados segmentos da juventude, aquele das camadas populares da periferia e outro privilegiado, ligado ao centro da cidade, discutindo a sociabilidade presente nos grupos e buscando compreender os modos de ser jovem nesse segmento da população. A partir destas perspectivas buscamos compreender como os jovens se relacionam com a cultura no seu tempo livre e de lazer, considerando as atividades culturais por eles praticadas.

Ao identificar o envolvimento dos jovens com a cultura e o seu papel na vida destes, foi possível focalizar um eixo norteador possível de conectar as outras dimensões da pesquisa. Ao adentrarmos no mundo cultural dos jovens, percebemos o que une e separa as juventudes participantes da pesquisa. Apesar de a nossa pesquisa não conter a metodologia de pesquisa-ação, traz elementos significativos para a constituição de políticas públicas para o segmento jovem.

Tendo como objetivo geral Identificar as relações entre juventude, cultura e lazer no uso do tempo livre, e a sua importância na formação identitária, no desenvolvimento pessoal e na sociabilidade dos jovens do município de Campos dos Goytacazes, este estudo partiu de três perguntas centrais: Até que ponto, ao estarem inseridos em grupos/classes heterogêneas sociais, os jovens apresentam possibilidades e condições de cultura e lazer diferentes? Em que medida o lazer e a cultura são compreendidos pelos jovens como constituidores de suas identidades e direitos? Em que medida os jovens gastam o seu tempo livre em atividades que envolvem cultura e lazer em espaços públicos (fazendo uso de políticas públicas) ou privados?

¹ Após a graduação em Serviço Social no ano de 2004, iniciamos nosso trabalho com jovens em projetos de prevenção. Este período nos oportunizou observá-los, numa tentativa de compreender suas demandas e necessidades. Foi quando percebemos a importância da cultura para este segmento e o poder de transformação social oriundo da relação entre juventude e cultura.

A construção da dimensão cultural na vivência dos jovens consiste numa questão que permeia toda a investigação e está implícita quando nos referimos às atividades culturais que os jovens praticam, à ampliação do acesso à cultura e à participação dos jovens na comunidade. Esse deslinde, porém, nos provoca algumas questões para reflexão: de qual conceito de cultura estamos falando? Qual o alcance, os limites e as possibilidades envolvendo as práticas culturais dos jovens?

A escolha em trabalhar com a cultura, nas suas dimensões sociológicas e antropológicas, tem origem na intencionalidade desta pesquisa em focar as pluralidades de atividades culturais praticadas pelos jovens, voltadas à construção de novas expressividades, de formação de identidades e sociabilidades. Por acreditar no potencial transformador da cultura, quisemos atentar da pluralidade à singularidade das atividades culturais que fomentam o direito de participar não como consumidores, mas de produção cultural e dos resultados de sua transformação. A produção cultural é vista como possibilidade de criação e a sua essência coletiva, no contexto social de sua organização e as relações de sociabilidade estabelecidas em seu processo criativo.

Outro aspecto que reforça a escolha de abordar as atividades culturais praticadas pelos jovens, consiste na tendência hegemônica da indústria cultural em multiplicar os consumidores, massificar a produção e diminuir os criadores. Desta forma, nos interessa conhecer as formas de produção dos jovens no âmbito cultural.

O estudo relacionado às atividades culturais também justifica a escolha, por sua vez, de desenvolver uma análise a respeito da cultura, em suas relações com o lazer e o uso do tempo livre. A compreensão da cultura enquanto construção simbólica com significados partilhados, e cuja intencionalidade articula a troca, a fruição das expressões artísticas ao contexto social e político das manifestações culturais, levando-se em consideração também as atividades de lazer marcadas pela diversão, pela fruição do tempo livre, pelo caráter pessoal, mais liberatório de obrigações.

Partimos da relevância do lazer, de suas práticas lúdicas, da dimensão que envolve comportamentos ativos e do seu papel na construção simbólica do imaginário; também valorizamos a conquista social que ele representa e sua participação na formulação de políticas culturais. A escolha de análise deste estudo,

busca compreender a intrínseca relação entre essas esferas da cultura: o lazer e a prática de atividades culturais, o que apenas representa um enfoque da abordagem.

Dessa forma, a pesquisa sobre as atividades culturais dos jovens no uso do tempo livre partiu da compreensão da cultura, para além da noção de produção voltada para o mercado, qualificando a discussão do tempo livre no sentido de atender para a escolha livre do jovem em ocupar o seu tempo, criando alternativas à indústria do lazer e da cultura.

Embora a pesquisa não tenha sido realizada a partir de uma instituição no campo das políticas públicas, (partimos das vivências dos jovens), nem trate do processo de implementação ou avaliação, foi necessário estudar a sua oferta, no que diz respeito às políticas culturais para a juventude no município em que os jovens estão inseridos.

Ao abordar o direito à cultura, consideramos o direito de acesso, fruição e produção de bens culturais, compondo o pano de fundo deste estudo. Esta investigação se propôs a abordar as formas de acesso a equipamentos, bens, serviços ou programas culturais. Os sentidos empreendidos nessas escolhas e o exercício do direito à participação na vida cultural da comunidade e nos espaços culturais por parte dos jovens.

A pesquisa se iniciou com um levantamento da literatura existente sobre os temas referentes às interfaces entre juventude, cultura e identidade. Esse levantamento bibliográfico teve como foco as categorias cultura e juventude. As reflexões sobre o campo teórico e conceitual da pesquisa estão organizadas em três momentos do primeiro e do segundo capítulo desta dissertação: inicialmente, são trabalhadas as concepções de juventude no contexto histórico com recorte do século XX. Em seguida, buscamos alguns apontamentos por meio da literatura e dos indicadores sociais sobre as juventudes no Brasil. A partir disto, abordamos a relação entre juventude e a constituição das identidades dos jovens perpassados pela cultura. Esses referenciais nos permitem introduzir a perspectiva da juventude e sua relação com a cultura, antes de abordar a singularidade da condição juvenil e as atividades culturais dos jovens, que constitui o segundo momento da análise.

O segundo capítulo, portanto, reúne esse estudo que trata inicialmente de uma contextualização do debate sobre a política cultural e o direito à cultura e, em

seguida, discorre alguns apontamentos sobre a política cultural no Brasil, e as relações envolvendo juventudes, culturas e lazer das juventudes brasileiras.

O desenvolvimento dessas reflexões pautou-se a partir do cruzamento de alguns dados a respeito da distribuição de equipamentos culturais, do perfil da juventude brasileira e do perfil dos municípios brasileiros, o que nos permitiu visualizar as condições de acesso à cultura, os interesses e as escolhas dos jovens no campo da cultura. Com esse quadro teórico e conceitual encerramos o segundo capítulo.

Após essa introdução a respeito das culturas e das políticas culturais e do uso dos tempos livre no contexto em que estão inseridas as juventudes, foi possível focar-se nas políticas culturais no município em que os jovens participantes da pesquisa estão inseridos e descrever projetos e ações para este segmento, compondo o conteúdo do terceiro capítulo. Nossa preocupação consiste em situar as atividades culturais oferecidas nos programas e projetos municipais no campo da cultura para as juventudes, por onde perpassam o direito à cultura; foram descritas os tipos de programa e projetos, que nos oferecem elementos para identificarmos a sua intencionalidade política, o alcance ou não de suas ações.

O problema desta pesquisa de mestrado, por sua vez, tem como questão principal a análise das práticas culturais dos jovens no uso do tempo livre, a formação de sua identidade e sociabilidades. As práticas culturais, bem como o sentido dessas experiências para os jovens também constituem parte deste estudo e estão reunidos no último capítulo.

Nesse momento da pesquisa foi realizada a aproximação qualitativa² com a experiência de jovens do segundo e terceiro ano de duas escolas – uma pública, na periferia e outra – particular, na área central da cidade de Campos dos Goytacazes, do estado do Rio de Janeiro, quando fizemos aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas com os jovens. O foco desta etapa era reunir elementos concretos da experiência dos jovens sobre as práticas culturais, sentido, a motivação e o significado da constituição de suas identidades e sociabilidades no uso do tempo livre. O trabalho de campo realizado aqui teve como objetivo

² A metodologia do estudo será abordada com mais detalhes no item 3.2 do capítulo III, quando falaremos sobre a construção da pesquisa.

aprofundar o estudo sobre o vínculo entre cultura e juventude, sob o olhar e a vivência dos jovens.

Foi possível reunir 60 jovens homens e mulheres que participaram da pesquisa para dialogar sobre a sua experiência em relação à cultura e o uso do tempo livre vivenciado por eles, sua conexão com a constituição das suas identidades e sociabilidades. A aplicação dos questionários foi realizada com os jovens alvo por meio de um formulário, com perguntas abertas e fechadas, obedecendo às seguintes etapas: primeira, o perfil dos jovens; segunda, o que consideravam cultura; a terceira, as atividades culturais realizadas pelos jovens no uso do tempo livre. Para a participação nas entrevistas foram selecionados 21 jovens integrantes de grupos juvenis que responderam as perguntas abertas, estruturadas em três partes: a primeira parte está voltada à identidade do jovem; a segunda trata da relação do jovem com o grupo e a sua atuação nesse espaço; a terceira parte do roteiro busca conhecer a relação entre a cultura e as práticas culturais no uso do tempo livre dos jovens, a partir da sua visão e vivência. Os principais conteúdos resultantes das entrevistas e dos questionários estão reunidos no quarto capítulo. O questionário e o roteiro de entrevista se encontram nos Anexos A e B, respectivamente.

Este processo de pesquisa se alimentou da expectativa de poder reunir algumas recorrências e singularidades, frutos das vivências e experiências das atividades culturais no uso do tempo livre dos jovens, assim como a formação dos grupos e as sociabilidades constituidoras de identidades, e isso pode ser visitado no quarto capítulo. Apesar de a amostra de jovens entrevistados não ser tão vasta, nos permite visualizar recorrências que contribuem para a formulação de leituras e interpretações comuns a respeito das práticas culturais dos jovens. Não temos aqui a pretensão de generalizar as informações reunidas nesta pesquisa, apenas a intenção de realizar um estudo qualitativo que apresente semelhanças e singularidades e ofereça subsídios para posteriores leituras, análises e aprofundamentos.

Tendo em vista a totalidade desta pesquisa, a última parte deste estudo consiste num convite para a continuidade da reflexão sobre a diversidade de atividades culturais praticadas pelos jovens, suas potencialidades e vulnerabilidades no campo da cultura. Nossas juventudes se unem ao desejarem um futuro melhor e

nos seus anseios por práticas culturais e esportivas e se separam a partir das desigualdades de oportunidades que se apresentam. A partir disto, torna-se necessário refletir sobre novas formas possíveis de conceber acesso, fruição e produção por meio das políticas culturais públicas como processo político que contribua, por sua vez, para a afirmação dos jovens como sujeito de direitos.

CAPÍTULO 1 – O LUGAR DO JOVEM NO BRASIL

A juventude, como conhecemos hoje, consiste numa construção histórica, social e cultural. Recorreremos, brevemente, aos antecedentes históricos – da constituição juventude a partir do século XIX e sua consolidação no século XX, influenciando a revolução cultural e sendo influenciados por ela, para delinear o processo e suas consequências atuais como a constituição de políticas públicas para este segmento, bem como as possibilidades e limites de vivência das juventudes.

Os modos de vida das juventudes brasileiras nos trazem elementos, a partir dos indicadores sociais, para refletirmos na atualidade, como os jovens se relacionam com o trabalho, a educação, a cultura e a violência. Os conceitos sobre a juventude e as demandas contribuem no século XXI para estes ganhem visibilidade e um novo escopo de políticas públicas.

Assim, em meio a como são vistos, e ainda, as diferentes formas com que os jovens vivenciam as suas juventudes e as suas práticas culturais – como veremos adiante – contribui de forma determinante para a sua formação identitária.

1.1 Análise situacional a partir do século XX

A juventude consiste num tema recente na história. A partir da maior expectativa de vida desde o século passado, adquire categoria própria atrelada ao adiamento de ingresso no mundo produtivo devido à maior especialização do trabalho e a mudança geracional de valores e projetos numa cultura moderna. Nos dois séculos anteriores, a transição da infância para a vida adulta não contava com essa condição, que hoje se constitui a juventude.

Ao longo do processo histórico de construção e vivências da categoria juventude, eles (os jovens) foram vistos de muitas formas diferentes e até mesmo antagônicas. Como podemos verificar:

Confiança e desconfiança nas formas em que a juventude recria a vida social. A juventude mal-entendida como moratória, quer dizer, um parêntese necessário em que se adia a construção de vidas próprias para acumular capacidades que renderão seus frutos no

futuro. E mais: jovens como portadores da mudança, com maior autonomia moral que as crianças, mas sem a autonomia material dos adultos, expostos a riscos e provocadores de riscos, transbordantes na produção de sentido e mediações culturais. Jovens como objeto de preocupação e como sujeitos de transformação (CEPAI, 2008, p.9).

Diversas imagens estão associadas aos jovens, que variam de potência criativa, rebeldia, transgressão, inconformismo, aventura e beleza até indolência. Essas construções se dão conforme as expectativas que lhes são atribuídas e em relação aos papéis que lhe são confiados pelos adultos: trabalho, estudo e cuidado nos afazeres domésticos. Esses papéis sociais são estabelecidos de acordo com as condições de vida, valores culturais e expectativas dos grupos socioeconômicos aos quais pertencem.

Dentro do processo histórico, podemos observar que a intervenção social sobre os sujeitos que passam a ser considerados jovens se dá pela criação das escolas. Primeiramente, as crianças e, posteriormente, os jovens são afastados do convívio com os adultos e submetidos a uma relação hierárquica e posto em condição de inferioridade.

Não foi apenas a escola a responsável pela mudança na forma como os jovens deveriam ser tratados, mas as ciências modernas também contribuíram para esta categoria social fosse vista como frágil, como etapa perigosa. Como podemos observar:

Através da modernidade, a infância e a juventude foram consideradas estágios perigosos e frágeis da vida dos indivíduos. Crianças e, por extensão, jovens foram vistos como propícios a contraírem todas as espécies de males: doenças do corpo e da mente, perversão sexual, preguiça, delinquência, uso de tóxicos etc. Esta concepção só veio colaborar no incremento do isolamento vigilância e esquadrinhamento dos indivíduos durante sua infância e juventude.

A modernidade traz consigo um processo de cerceamento político, policial, moral, empírico, e científico do indivíduo (GROPPO, 2000, p. 58).

De acordo com Groppo (2000, p. 59), esse processo de “naturalização” da infância e da juventude está inserido na busca das ciências por uma definição objetiva das fases de maturação do indivíduo e o que seria apropriado a cada uma dessas fases. Assim, as juventudes possuem uma função social de “maturação” dos indivíduos, tarefa de socialização do infante ou do jovem, integrando-os à sociedade

moderna. Um exemplo disto é a criação do conceito de “adolescência” pela Psicologia, definindo a juventude como “função de maturação do indivíduo”, na sociedade.

A juventude também pode ser concebida como um direito humano reconhecido pela modernidade. Os direitos do homem tornaram, do ponto de vista teórico, todos os homens iguais. Desta forma a juventude, seus cuidados e deveres seriam um direito desta fase do desenvolvimento humano, independente do segmento social.

A igualdade entre os indivíduos foi estabelecida formalmente na modernidade, mas no que diz respeito às relações sociais, cultura, etnias, raças, gênero, classes sociais, entre outras questões, ela se dá de forma desigual. Essas diferenças contribuem para que alguns sujeitos demorem a conquistar o direito à juventude, ou mesmo perdê-la assim que a conquistam.

Como afirmamos anteriormente, a modernidade ocidental, contribui para a institucionalização do curso da vida, por meio da escolarização e do Estado. O século XIX produziu um número maior de níveis na passagem para a maturidade. No mesmo século, a moradia própria estabelecia o critério da aquisição da maturidade; então, proporcionava uma maior interação com a família e prolongava a chegada da maturidade. O século XX consagra a faixa etária como critério para o estabelecimento da juventude, independente das necessidades da família como outrora.



Figura 1: Jovens fazendeiros – August Sander – 1914
Fonte: <http://oglobo.globo.com>

Ao observarmos a foto de jovens alemães na década de 10 do século XIX tiradas pelo artista alemão August Sander, notamos que suas vestes em nada se diferenciam dos adultos daquele período. Então, podemos perguntar, como e quando a juventude como conhecemos hoje foi “construída”, enquanto categoria social, histórica e cultural?

A juventude é construída, do século XIX ao início do século XX, através de instituições preocupadas com a proteção dos indivíduos ainda não maduros e diagnosticados em suas fragilidades, ou através de instituições interessadas na potencialização das capacidades desses indivíduos, entre as quais as instituições escolares, as ciências modernas, o direito, o Estado e o mundo do trabalho industrial (GROPPO, 2000, p. 77).

Os jovens, objeto dessas ações, não aceitam passivamente os planos dos adultos; pelo contrário, desde o início do século XIX, os jovens anunciavam de alguma forma, modos diferentes de pensar das instituições das quais eles eram matéria a ser moldada.

Segundo Certeau (2005, p.169-170), houve um deslocamento modificando o equilíbrio das famílias que “desorganiza” e reorganiza a autonomia das “crianças”, tornando a possibilidade de transmissão problemática. As relações das gerações se modificaram no mesmo ritmo que a existente entre culturas e nações contemporâneas. A partir da independência política de culturas, até então submetidas a uma grade intelectual ocidental, com a autonomia dos jovens, desta forma:

Como a criança, segundo Philippe Ariès, nasceu nos séculos XVI e XVII como categoria social e cultural, o jovem poderia certamente ter surgido no século XIX, com a extensão do secundário, as exigências crescente da formação técnica, a universalização do serviço militar e a constituição do tipo literário do “adolescente” poeta. É no século XIX que, pouco a pouco, o jovem deixa de participar diretamente das estruturas profissionais. A aprendizagem separa-se das profissões. Agora lhe são dedicados um tempo e meio à parte. Mas se trata de um espaço de privilegiados (CERTEAU, 2005, p. 170).

O trabalho deixa de ser o princípio educativo e a escola passa desempenhar a função social de preparar o jovem para o trabalho. Antes este aprendizado se dava de forma empírica, de geração a geração, os mais velhos ensinando aos mais

jovens. Como pontua o autor, a separação das profissões da aprendizagem exige a dedicação de um tempo específico e se constitui em um espaço privilegiado.

O sistema educacional no Brasil, no século XIX, retrata de forma fidedigna como a educação constitui-se em tempo específico e espaço privilegiado para a camada dos dirigentes que articulava os interesses metropolitanos e as atividades coloniais:

Essa educação de tipo aristocrático, destinada antes à preparação de uma elite do que à educação do povo, desenvolveu-se no Império. Nesse regime de educação doméstica e escolar, próprio para fabricar uma cultura antidemocrática, de privilegiados, a distância social entre os adultos e as crianças, o rigor da autoridade, a ausência de colaboração da mulher, a grande diferença na educação dos dois sexos e o predomínio quase absoluto das atividades puramente intelectuais sobre as de base manual e mecânica mostram em que medida influiu na evolução de nosso tipo educacional a civilização baseada na escravidão (AZEVEDO, 1976, p. 80-81)

O ensino secundário era predominantemente para alunos do sexo masculino, os métodos aplicados eram os tradicionais e a maioria das escolas era privada. O ensino secundário tinha um currículo constituído de um conjunto de aulas régias e primava pela falta de organicidade. Estava mais direcionado a preparar os alunos mais abastados para o ingresso no ensino superior, não havendo preocupação em ministrar um currículo que possibilitasse um conhecimento mais denso e profundo.



Figura 2: Conjunto Musical da Década de 20, Cidade de Simão Dias
Fonte: Grupo Minha Terra é Sergipe

Na década de 20, Annápolis - Sergipe (atual Simão Dias) possuía um Conjunto Musical organizado pelo maestro José Profeta da Silveira (Zeca Laranjeiras), constituído por várias senhoritas da sociedade de Annápolis que executavam melodias ao som de violinos e bandolins. Na ocasião promoviam festas familiares e tocavam na praça marchas, sambas, valsas, tangos.

Ao constituir suas análises sobre o século XX e a revolução cultural, Hobsbawm (1995) identifica como a juventude se apresenta neste período:

“[...] o aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações. A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade – que nos países desenvolvidos ocorria cada vez mais cedo que as gerações anteriores – até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente” (HOBBSAWM, 1995, p. 317)

Os jovens deste período já participavam da indústria fonográfica, ganhando dinheiro com ela, por meio do rock, que tinham os discos consumidos também por jovens. Jovens que rejeitavam o rótulo de criança ou adolescente e rejeitando preceitos de pessoas com mais de trinta anos.

No período da década de 50 do século XX, a autonomia da juventude chega a patamares jamais vistos antes, mas podemos destacar um certo retorno à fase romântica do início do século XIX, instigada pela figura de James Dean³ no cinema e do que se tornou a expressão característica da juventude – do rock e do “o herói cuja vida e juventude acabavam juntas” Hobsbawm (1995, p. 318)



Figura 3: James Dean
Fonte: <http://www.jamesdean.com/>

³ Astro do filme *Juventudes Transviadas*, o ator era conhecido por uma agitada vida social, fumava e bebia, e possuía um enorme fascínio por carros velozes e pela velocidade em si - paixão que lhe custou a vida em 1955, aos 24 anos.

De acordo com Hobsbawm (1995, p. 319), os grupos etários não são novidades na sociedade burguesa, porém somava o grupo que entrava cada vez mais cedo na puberdade e com isso aumentava a tensão entre pais e professores que não os tratavam como os adultos que eles sentiam ser. A novidade da nova cultura juvenil era tripla.

A primeira novidade apontada por Hobsbawm (1995) foi como a “juventude” deixou de ser uma fase preparatória para a vida adulta, a fim de tornar-se o estágio final do desenvolvimento humano. Mesmo num mundo governado, ou que o poder se dava pelos mais velhos. Há, de certo modo, um “juvenescimento” da sociedade, como se a vida declinasse a partir dos trinta anos, com o investimento de cosméticos pela indústria para este segmento. Neste período em alguns países na década de 60, reduziu-se a idade eleitoral, assim como a idade para a vida sexual.

A segunda novidade, diz respeito ao fato de a cultura juvenil tornar-se predominante nas “economias de mercado dominante”. Eles (os jovens) não eram consumidores, mas produtores, criadores de novos produtos que faziam os adultos sentirem-se inferiores. Antes os pais ensinavam aos filhos; no caso das novas tecnologias, essa relação inverteu-se. Neste período foi constituída uma identidade própria em torno juventude, jamais vista na história.

O internacionalismo foi a terceira novidade da nova cultura juvenil nas sociedades urbanas. O jeans e o rock alcançaram proporções, a ponto de serem uma marca da juventude “moderna”, demonstrando uma certa hegemonia do Estados Unidos da América, que já se havia iniciado com a difusão de sua indústria cinematográfica. Seus estilos juvenis expandiram-se pelo cinema, pelas ondas dos rádios e pelas universidades em escala mundial.

Ao referir-se ao século XX, Hobsbawm (1995, p. 24) destaca que uma das maiores transformações teria sido a “desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e, com ela, aliás a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente”.

O pleno emprego da “Era de Ouro” proporcionou aos jovens um poder aquisitivo, assim como aos seus pais, o que permitiu diminuição da contribuição financeira dos jovens às suas famílias. O comércio da música popular e da moda foi revolucionado por este novo mercado jovem na década de 50. Esse poder de mercado foi importante na difusão e descoberta de símbolos culturais de identidade.

Uma consequência da “Era de Ouro” foi o alargamento do abismo histórico das identidades entre pais e filhos, pelo menos até a década de 70. Acontecimentos políticos, econômicos, sociais, novas tecnologias, passagens de gerações rurais para ex-rurais são um exemplo disso.

Os jovens deste período mudaram publicamente valores e costumes, voltados para uma liberação pessoal e social, tornando publicamente aceitáveis comportamentos em torno da liberação sexual, homossexualismo e do uso de drogas, rompendo com convenções e proibições. Podemos entender como consequência destes acontecimentos, a quase legalização das drogas nos 90 e os debates em torno desse tema na atualidade. Tendo em vista que:

A cultura juvenil tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução de modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos. Duas de suas características são portanto relevantes. Foi ao mesmo tempo informal e antinômica, sobretudo em questões de conduta pessoal. Todo mundo tinha de [estar na sua], com o mínimo de restrição externa, embora sua prática a pressão dos pares e a moda impusessem tanta uniformidade quanto antes, pelo menos dentro dos grupos de pares e subculturas (HOBSBAWN, 1995, p.223).

Ao ampliar desmesuradamente o espaço dos jovens, a juventude adquiriu atualmente outro sentido. O tempo da formação se prolongou, a ocupação dos cargos pelos adultos se enrijeceu e acentuou o rigor das seleções, mas existem fenômenos que lhes parecem compensador: “o saber muda de campo; a experiência profissional perde seu prestígio; a educação permanente torna-se necessária para todos; a autoridade da idade desvaloriza-se” (CERTEAU, 2005, p. 171).

No Brasil, do ponto de vista da participação política, os jovens já participam de movimentos abolicionistas no século XIX, tendo uma atuação radical em defesa dos escravos e organizando inclusive fugas em massa (CACCIA-BAVA, 2004). Na sequência das décadas até 50 do século XX, os jovens identificaram-se com o movimento classista e de conscientização da nacionalidade, marcando este período a Semana de Arte Moderna, a criação do PCB, fundação da UNE e da Ação Católica. Não podemos deixar de registrar os dois períodos de ditadura e com eles, cada qual com suas peculiaridades, a repressão e a resistência que caracterizaram este período histórico e tentaram silenciar vários movimentos sociais, sindicais,

organizações partidárias e associações que considerassem uma ameaça, são elas: Ditadura Vargas (1939 – 1945) e a Ditadura Militar (1964 – 1985).

Segundo Abramo, nos anos 1980 há o surgimento das tribos urbanas com o surgimento de agrupamentos de jovens presentes, principalmente, nas grandes cidades brasileiras como, por exemplo, os Punks e os Darks. Neste período houve uma despolitização, pois a identidade estudantil não passava mais pela política, mas por questões pertinentes à realidades dos jovens. Mudam-se as formas de participação, como por exemplo, a criação do movimento cultural Hip Hop na década de 1990.

Por outro lado, podemos destacar na década de 1990 a participação dos jovens “carapintadas”, protagonistas do movimento de *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, e a juventude do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), único movimento social resistente ao neoliberalismo no Brasil. Apesar destas participações políticas importantes, os jovens da década organizam-se em movimentos culturais articulados à música, ao teatro e à dança.

Os jovens dos anos 2000 participam principalmente de entidades religiosas e movimentos culturais e lúdicos. Segundo Novaes (2000, p. 54), “Os jovens, através de atividades culturais e experimentos sociais, podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para a mudança de mentalidade”. Para a autora a religião se constitui em tempos de violência e instabilidade como espaço de sociabilidade para os jovens.

No Brasil, na tentativa de criarem identificações para as diferentes gerações de jovens, a juventude recebeu vários rótulos. A partir da década de 50, foi chamada de rebelde sem causa ou transviada, na década de 60 de revolucionária, na década de 90 geração *shopping center*, em 2000 a terceira onda, atraídos pelas religiões pentecostais e carismáticas.

O filme “We All Want to Be Young” (Todos nós queremos ser jovens) produzido pela BOX1824, mescla conceitos acadêmicos, filmes americanos, músicas, reunindo tendências de comportamento e consumo dos jovens a partir da década de 40. O vídeo descreve como é “divertido e sexy” ser jovem e como este segmento está no topo da cadeia de influências de consumo nas sociedades. Descreve os jovens das décadas de 1940/50 como *Baby Boomers*, como os

responsáveis pelo “direito” de ser jovem, por isso são chamados de “juventude libertária”; em seguida a geração X nas décadas de 1970/80, consolidaram o poder econômico, são chamados de “juventude competitiva”; e a geração *millennials* das décadas de 1980/90, como aqueles conectados pelas redes mundiais de computadores, por isso nomeados de “juventude global”.

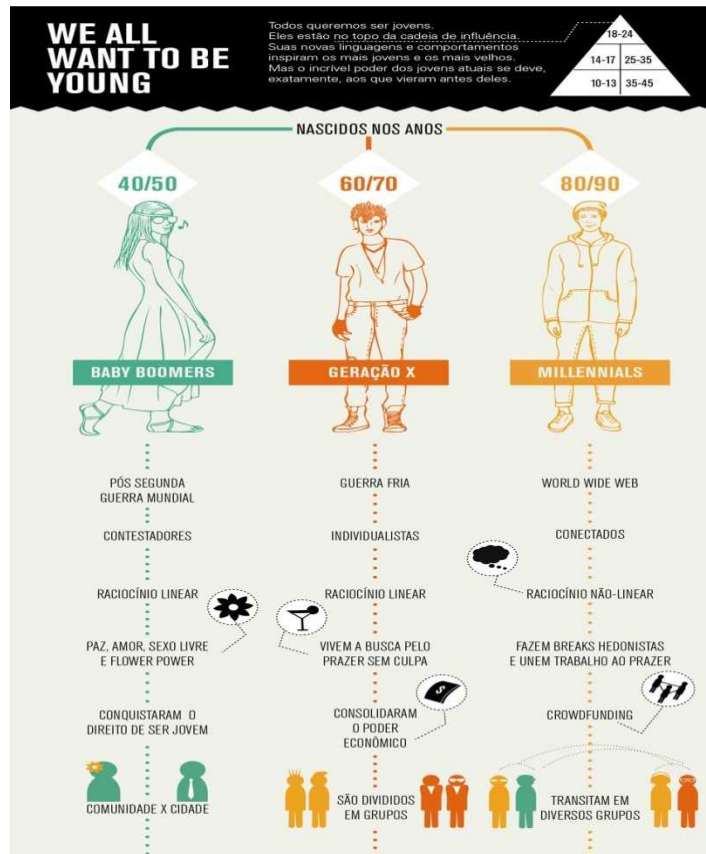


Figura 4: Infográfico baseado no filme “We all want to be young”
Fonte: <http://www.box1824.com.br/>

Qualquer tentativa de homogeneizar a categoria juventude está fadada ao fracasso. Este segmento constitui-se de forma heterogênea e possui formas diferenciadas de ser e estar no mundo, dadas as diferenças econômicas, sociais, culturais, étnicas, religiosas. Nossa tentativa, neste momento foi descrever as diferentes imagens e representações sociais acerca dos jovens nos séculos XIX, XX e XXI. Além do mais, os jovens estão inseridos em contextos históricos diferentes que exigem respostas diferentes, não há como esperar comportamentos semelhantes de jovens que viveram o pós-guerra, dos jovens que enfrentaram a Ditadura Militar, assim como dos jovens da atualidade.

Os jovens influenciam a sociedade e são influenciados por ela num processo de trocas perpassado por tensões, conflitos, enfrentamentos, equilíbrios, aceitação. A categoria começa a ganhar visibilidade social no século XIX e, desde então, de modos distintos, projetam seus sonhos e desejos na expectativa de um mundo melhor ou de uma qualidade de vida melhor.

1.2 Modos de vida das juventudes brasileiras

O tema juventude tem tido expressiva relevância no Brasil de forma bastante intensa nos últimos anos, ampliando e diversificando os focos anteriormente existentes e colocando novas questões e desafios para a construção de diagnósticos e instrumentos de trabalho para quem atua em ações dirigidas aos jovens.

No Brasil, há hoje uma diversidade de atores neste campo, com visões diferentes a respeito da juventude, diferentes modos pelos quais definem o público foco de sua ação e diferentes posições a respeito de como estes devem se tornar assunto para políticas públicas.

Segundo Oscar Dávila (2005: 12): “Por trás de toda política se encontra uma noção determinada dos sujeitos a quem se destina e suas problemáticas concretas, e dependerá dessa noção o tipo de políticas e programas que se geram como resposta.” Para tanto, faz-se necessário entender os diferentes modos de compreender e conceituar a juventude, para que possamos descortinar o campo das políticas para este segmento.

O significado da juventude pode ser desenvolvido por várias perspectivas: como uma faixa etária, uma geração, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social. Todas essas demarcações se conectam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. Ainda que os limites etários não possam ser definidos rigidamente, há uma correspondência com a faixa de idade. Para análises demográficas, é a partir dessa dimensão também que ganha sentido a proposição de um recorte de referências etárias.

A noção de geração está ligada à similitude de experiências e questões dos sujeitos que nasceram num determinado período histórico, e que vivem os

processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. É esta singularidade que pode também fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social.

Pretendemos fazer aqui uma breve caracterização do uso corrente que o termo juventude tem assumido no Brasil. Normalmente, quando psicólogos vão descrever ou realizar menções aos processos que marcam esta fase da vida (como a puberdade, as oscilações emocionais, as características comportamentais que são desencadeadas pelas mudanças de status) usam o termo adolescência. Quando sociólogos, demógrafos e historiadores se referem à categoria social, como segmento da população, como geração no contexto histórico, ou como atores no espaço público, o termo mais usado é juventude.

No Brasil, dos anos 80 até recentemente, a fase reconhecida como adolescência foi dominante no debate público, na mídia e no campo das ações sociais e estatais. Fruto de um importante movimento social, em defesa dos direitos da infância e adolescência, contribuiu para a emergência de uma nova noção social, centrada na visão de adolescência como fase especial do ciclo de vida, que exige cuidados e proteção especiais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi a legislação resultado desta luta, pois avança na direção de que crianças e adolescentes, são sujeitos de direitos. Estabelecendo ainda, os direitos da adolescência, como a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade (incompletos), tornou-se uma referência para a sociedade, provocando vários tipos de ações, programas e políticas sociais para estes segmentos, principalmente para aqueles considerados em risco ou vulnerabilidade social pela ausência do atendimento dos direitos estabelecidos.

Até metade dos anos 90, não só o termo juventude como os jovens com mais de 18 anos estiveram por muito tempo ausentes da tematização social, mas uma nova manifestação do tema será lançada, centrada na preocupação social com os problemas vividos ou representados pelos jovens. Essencialmente relacionados às dificuldades de inserção e integração social numa conjuntura marcada pela extensão dos fenômenos de exclusão decorrentes da crise do trabalho, e do aumento da violência, resultando em profundas dificuldades de estruturar projetos de vida.

A defesa dos direitos das crianças e adolescentes, centradas nos fundamentos da proteção e tutela para garantir um desenvolvimento adequado dos

sujeitos até atingir a maioria, se mostraram insuficientes para produzir as respostas esperadas. Levando-se em consideração os jovens com mais 18 anos que alcançam a maioria, mas estão ainda num período distinto da idade adulta, justamente por estarem ainda estabelecendo seus espaços e modos de inserção. Neste sentido:

As respostas que estavam sendo produzidas no sentido da formação e preparação para uma vida adulta futura não se mostraram suficientes para dar conta dos dilemas vividos nos processos de busca de construção da inserção, da experimentação, da participação, que se colocam com muito mais intensidade nesta fase da vida do que para a infância e primeira adolescência. É nesse sentido que o tema da juventude, para além da adolescência, se coloca como um novo problema político no país, demandando novos diagnósticos e respostas no plano das políticas (DÁVILLA, 2005: 07).

Assim, alarga-se a noção de juventude, ao mesmo tempo em que surgem novas alternativas de distinção dos diferentes segmentos neste grupo ampliado, que podem também corresponder a distintos tipos de delimitações.

Os conceitos de juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. De acordo com Bourdieu (1983:43), não se deve incidir no erro de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma faixa etária.

Segundo Morch (1996, apud FREITAS, 2005: 12), o conceito da juventude deve levar em consideração o seu contexto histórico, na medida em que esta categoria é uma construção histórica, que responde a condições sociais específicas que se deram com as mudanças sociais que produziram a emergência do capitalismo, o qual contribuiu para o denominado espaço simbólico que tornou possível o surgimento da juventude. Desta forma, a juventude é conceituada como uma categoria etária (nos estudos sociodemográficos), como etapa de amadurecimento (áreas sexual, afetiva, social, intelectual e físico/motora) e como sub-cultura.⁴

⁴ O uso do conceito de subcultura não tem sido consensual, existindo inúmeras discussões em torno da sua utilização como forma de categorizar a formação e desenvolvimento de grupos, de jovens ou não.

Vista como categoria etária, algumas considerações podem ser feitas de acordo com os contextos sociais e os fins com que se deseja utilizar a dimensão sociodemográfica. Tem-se utilizado a faixa etária entre os 12 e 18 anos para designar a adolescência; e para a juventude, aproximadamente entre os 15 e 29⁵ anos de idade, dividindo-se em três subgrupos etários: de 15 a 19 anos, de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos. Mas estes não são parâmetros fixos, o período juvenil pode ser diminuído ou estendido conforme em algumas formulações de políticas públicas dirigidas ao setor juvenil, como no caso de Costa Rica em sua “Política Pública da Pessoa Jovem”. Devido a uma necessidade de contar com demarcações operacionais no campo das políticas de adolescência e juventude, nos países ibero-americanos verifica-se uma diferenciação nas faixas etárias utilizadas. Por exemplo, entre 7 e 18 anos em El Salvador; entre 12 e 26 na Colômbia; entre 12 e 35 na Costa Rica; entre 12 e 29 no México; entre 14 e 30 na Argentina; entre 15 e 24 na Bolívia, Equador, Peru, República Dominicana; entre 15 e 25 na Guatemala e Portugal; entre 15 e 29 no Chile, Cuba, Espanha, Panamá e Paraguai; entre os 18 e 30 na Nicarágua e, em Honduras, a população jovem corresponde aos menores de 25 anos (CEPAL e OIJ, 2008, p. 290-291).

A categoria etária não é suficiente para a análise da juventude, mas é necessária para marcar algumas delimitações iniciais e básicas, mas não orientadas na direção de homogeneizar esta categoria etária para o conjunto dos sujeitos que têm uma idade em uma determinada faixa. Até porque, no plano jurídico e das políticas públicas no Brasil, os jovens que se encontram na adolescência são legalmente sujeitos do sistema de proteção social, devido a Lei 8.060/90, o estatuto da Criança e do Adolescente. Os jovens a partir de 18 anos tem reivindicado o seu espaço nas políticas públicas: no ano de 2011 foi aprovado na Câmara de Deputados o Estatuto da Juventude que cria e amplia várias políticas para os jovens, estendendo a idade para 29 anos. Claro que nas reivindicações existiam ações pertinentes ao campo cultural, o que nos faz questionar: será que as políticas públicas levam em consideração os anseios culturais dos jovens, no que diz respeito à heterogeneidade das suas idades? Na presente pesquisa, buscamos compreender

⁵ Nesta pesquisa, estamos adotando o mesmo recorte etário e categorizações expressas na proposta do Estatuto da Juventude, aprovado em 2011 na Câmara dos Deputados, e também incorporado pela Secretaria e Conselho Nacional de Juventude. Cabe mencionar que, no âmbito das políticas públicas, a adoção do recorte etário de 15 a 29 anos é bastante recente. Antes, geralmente era tomada por “jovem” a população na faixa etária entre 15 e 24 anos.

como os jovens, sujeitos de 15 a 29 anos, alunos do ensino médio, que experienciam a cultura em seu lazer e tempo livre. Para isso, não podemos desconsiderar as características e os desejos que acompanham as faixas etárias.

O conceito de juventude recebeu inúmeros significados: serve tanto para designar um estado de ânimo, como para qualificar o novo e o atual. Do nosso ponto de vista, este conceito deve ser tratado desde a diversidade de seus setores, onde caberia perguntar-se, como bem aponta Abramo (2001, p.1): desde quando começamos a construir uma definição de juventude, sem que as diferenças de classes sociais e os contextos sócio-culturais estivessem sobre as identidades das categorias de juventude?

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (Abramo, 2001, p.1).

A juventude não consiste numa categoria heterogênea, pois um jovem de uma zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, como tampouco os de setores marginalizados e as classes de altos ingressos econômicos. Não se pode estabelecer assim, um critério de idade universal que seja válido para todos os setores e todas as épocas: a idade se transforma somente em um referente demográfico.

A juventude deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento específico, mas não se reduz a uma passagem. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Segundo Dayrell:

[...] a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a

esse tempo/ciclo da vida. De maneira geral, podemos dizer que a entrada da juventude se faz pela fase que chamamos de “adolescência” e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É nessa fase que fisicamente se adquire o poder de procriar, que a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, que começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos (1999, p. 28).

Enfim, pode se afirmar que não existe uma única maneira de ser jovem, o que nos leva a ressaltar a noção de juventudes para explicitar a diversidade de formas de ser jovem. Nesse sentido, é fundamental construir, em conjunto com os próprios jovens, um perfil do grupo com o qual se realizará a pesquisa, detectando quem são eles, como constroem o modo de ser jovens, as suas demandas, necessidades e expectativas.

Mesmo com toda a heterogeneidade perpassada na categoria juventude, em busca de ampliar nossa compreensão acerca dos jovens, realizamos um apanhado sobre os indicadores sociais no Brasil, no que diz respeito à população de 15 a 29 anos. Um maior conhecimento sobre os dados estatísticos nos proporciona aspectos relevantes sobre os modos de viver dos jovens.

A população brasileira de 15 a 29 anos de idade representava um total de 26,8%, em 2010 (gráfico 1), correspondendo ao total de 51.340.473 tendo diminuído o número de jovens com relação ao senso de 2001, no qual os jovens representavam 28,2% da população, enquanto houve um aumento no número de pessoas idosas. De todos estes jovens, mais de 80% encontram-se na zona urbana.

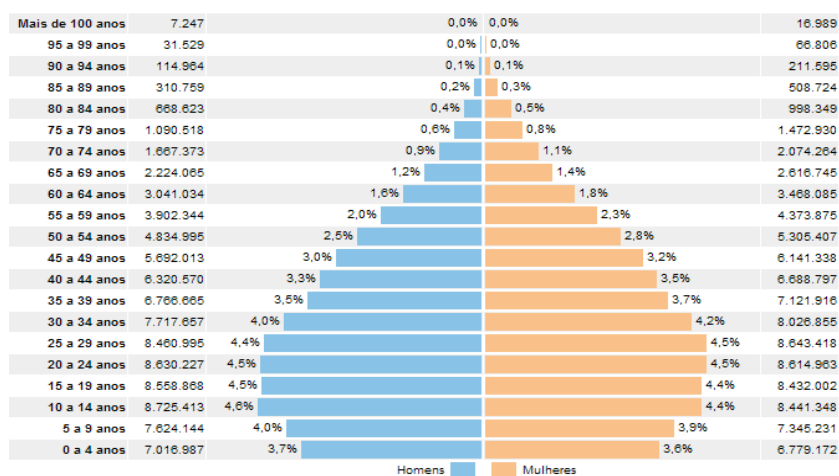


Gráfico1. Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade BRASIL
Fonte: IBGE, Sinopse do Censo Demográfico 2010.

Com relação à Educação, a taxa de analfabetismo dos jovens de 15 a 29 anos corresponde a 19,7% do número total no País (gráfico 2). Entre brancos, negros e pardos, percebeu-se uma diferença de patamar entre o primeiro grupo e os demais. No Brasil, 5,9% das pessoas de 15 anos ou mais de idade que se declararam de cor ou raça branca eram analfabetas, enquanto a proporção foi de 14,4% para negros e 13,0% para pardos. Essa diferença se destaca em todas as Grandes Regiões, entre as quais houve também grandes diferenças, sendo a Região Nordeste com as maiores taxas 19,1%, e a Região Sul com as menores 4,1%. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2011) a taxa de analfabetismo funcional⁶ dentre as pessoas de 15 anos ou mais de idade era de 20,4%, correspondendo ao percentual de 30,5 milhões de analfabetos funcionais.

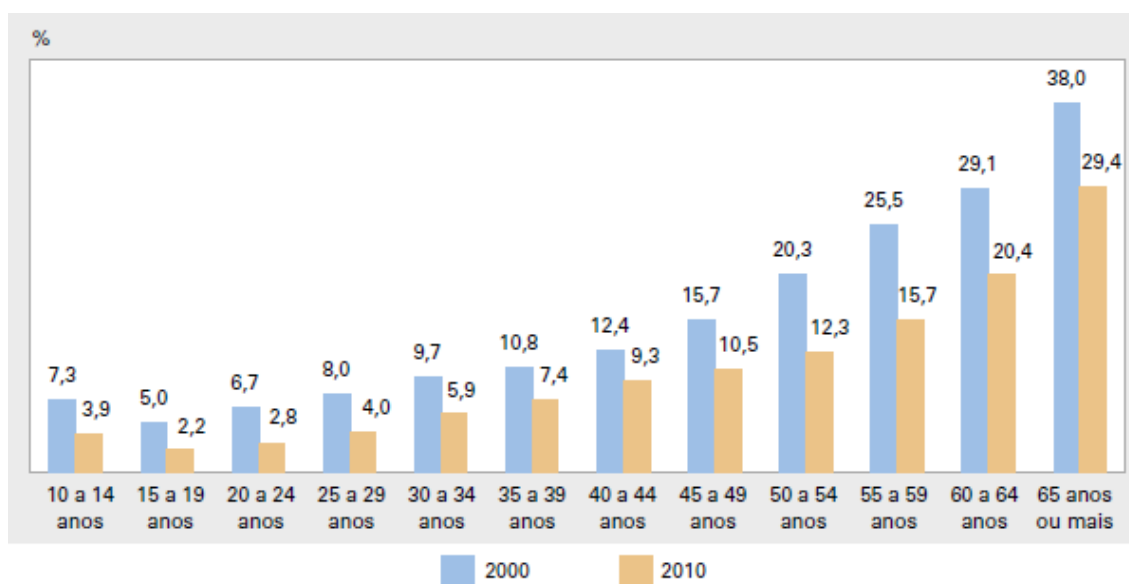


Gráfico 2 - Taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - Brasil - 2000/2010
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

No que diz respeito à defasagem entre idade e nível de ensino que a pessoa frequentava, cerca de 50% das pessoas de 15 a 24 anos de idade que frequentavam estabelecimentos de ensino estavam no ensino fundamental, quando já deveriam ter alcançado ao menos o ensino médio. No que concerne à outra metade dos

⁶ A PNAD utiliza a definição de analfabetismo funcional segundo definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Unesco), funcionalmente alfabetizada é a pessoa que pode participar de todas as atividades em que a alfabetização é necessária para o funcionamento efetivo do seu grupo e comunidade e também para lhe permitir continuar a utilizar a leitura, a escrita e o cálculo para seu próprio desenvolvimento e da comunidade.

estudantes dessa faixa etária, assim como no caso do analfabetismo, houve forte diferença no acesso a níveis de ensino pela população segmentada por cor ou raça. A diferença foi marcada no nível superior, onde estavam 31,1% dos brancos nesse grupo etário, enquanto apenas 12,8% dos negros e 13,4% dos pardos (Gráfico 3).

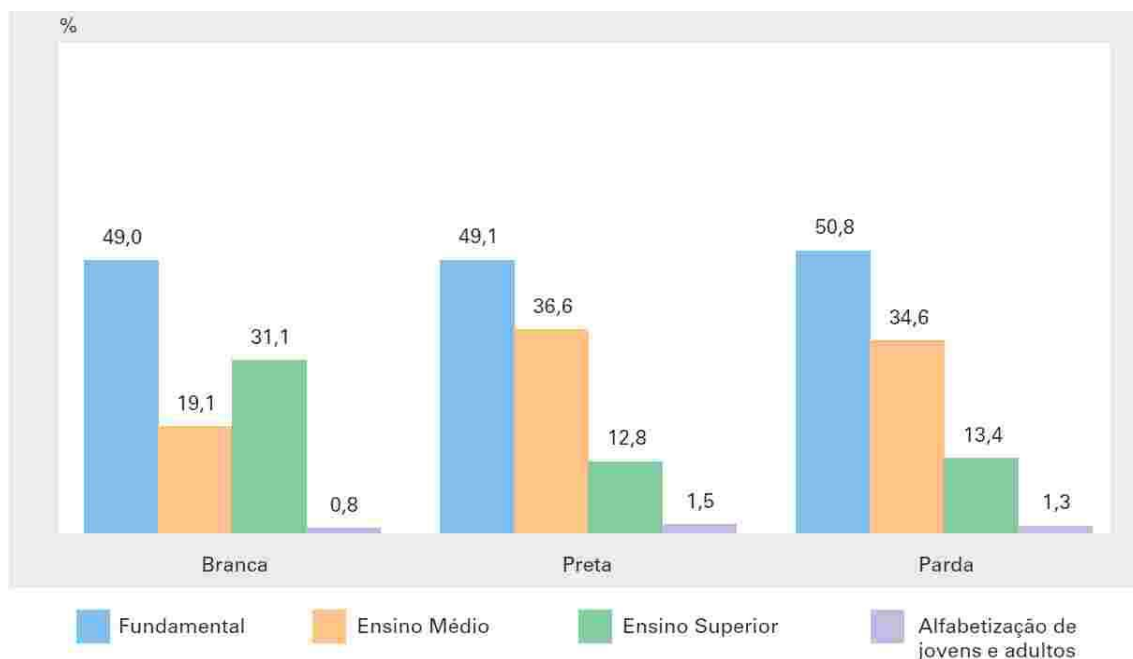


Gráfico 3 - Distribuição das pessoas de 15 anos a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino frequentado - Brasil - 2010
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

A pobreza no País, embora tenha se reduzido nos últimos dez anos, continua a afetar com muito mais intensidade as crianças e adolescentes. Em 2010, o Censo revelou que 30,0% dos brasileiros viviam com este patamar de rendimentos. No caso das crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade, a proporção de pobres⁷ era bem mais alta, 46%.

Chama mais atenção ainda o percentual da distribuição do rendimento mensal *per capita* da população, 3,8% (urbana) e 7,2% (rural) viviam sem rendimento, 23,7% (urbana) e 58,8% (rural) vivia com rendimento mensal familiar de até 1/2 de salário mínimo. Em contrapartida, apenas 11,8% (urbana) e 3,6% (rural) desse segmento da população vivia com rendimento mensal familiar de mais de 3 salários mínimos. Podemos aferir o percentual de 52,6% de pessoas, na área

⁷ Consideram-se pobres, para fins da presente análise, as pessoas que viviam com rendimento mensal familiar de até ½ salário mínimo *per capita*.

urbana, e de 86,2%, na área rural cujo rendimento é menor ou igual a um salário mínimo (Gráfico 4).

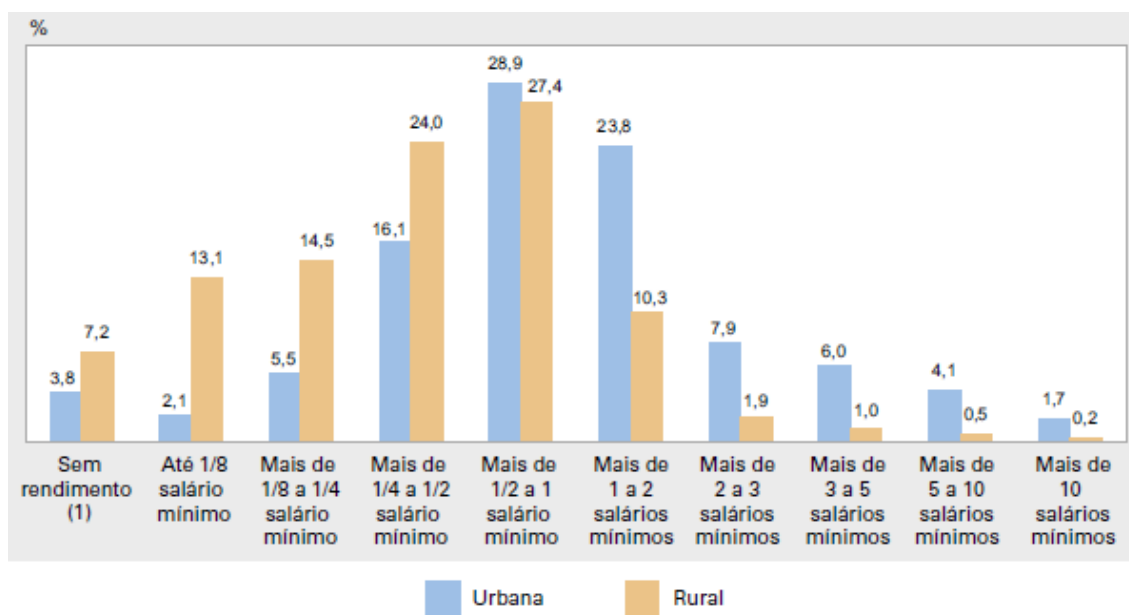


Gráfico 4 - Distribuição dos domicílios particulares permanentes, por situação do domicílio, segundo as classes de rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* Brasil - 2010
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

Não poderíamos falar sobre as juventudes sem trazer a sua relação com o trabalho. A reestruturação produtiva passou a ser vista como responsável pelo problema do desemprego estrutural, que aumentou constantemente. Um fato relevante abordado por Antunes e Alves (2004), a respeito dessa questão é:

“Outra tendência presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho” (ANTUNES E ALVES, 2004: p.05).

Nesta conjuntura segundo Pochmann (1998), é que os anos 1990 marcaram a emergência de um novo padrão de inserção ocupacional que reservou aos jovens os empregos precários, no setor informal da economia, em empresas pequenas e com baixa perspectiva profissional.

O trabalho tem um significado para a juventude em qualquer situação econômica, mas em especial para os jovens de baixa renda, que constituem a maioria da população, segundo Leite (2003):

[...] O trabalho pode ser espaço vital de aprendizado, de socialização, de afirmação da identidade do jovem, inclusive de práticas sociais potencialmente libertadoras. A questão do trabalho de jovens, portanto, deve ser situada no complexo maior de fatores que vêm construindo o que é “ser jovem” no país – em especial nos centros urbanos, a partir dos anos 70, quando o fenômeno “juventude” começa a se destacar na pauta demográfica e social do país (LEITE, 2003, p. 156).

Segundo a PNAD 2011, havia 92,5 milhões de trabalhadores ocupados em 2011. Dos ocupados, o percentual de 31,2% eram jovens de 15 a 29 anos correspondendo a 28,86 milhões de jovens. Podemos afirmar que mais da metade, ou seja, 56,2% do total de pessoas nessa faixa etária trabalhavam nesse ano (Gráfico 5). As taxas de ocupação são diferenciadas em função dos subgrupos etários.



Gráfico 5 - Distribuição percentual das pessoas de 15 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo os grupos de idade - Brasil - 2009/2011
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009/2011.

Os dados do PNAD 2011 revelam que a taxa de desocupação corresponde a 6,7% da população no País e, dos desocupados, os principais grupos estão distribuídos da seguinte forma: 59,0% eram mulheres; 35,1% nunca tinham trabalhado; 33,9% eram jovens entre 18 e 24 anos de idade; 57,6% eram pretos ou pardos e 53,6% deles não tinham completado o ensino médio (Gráfico 6).

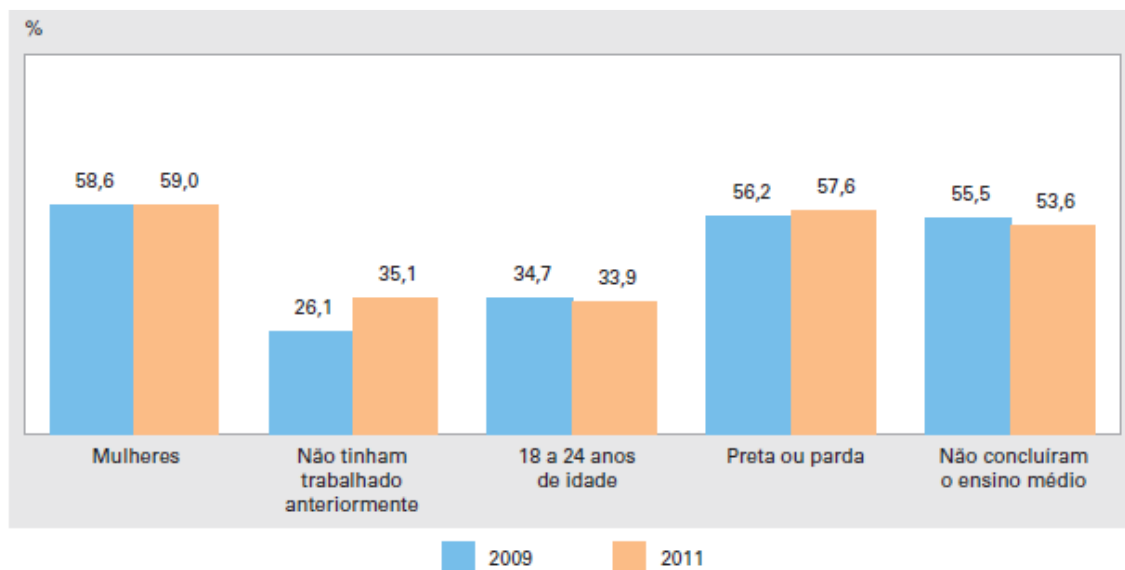


Gráfico 6 - Percentual das pessoas de 15 anos ou mais de idade, desocupadas na semana de referência, segundo as características selecionadas Brasil - 2009/2011

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009/2011.

Torna-se necessário superar o discurso da exclusão⁸. Para o jovem, trabalhar, por mais duro e estressante que possa ser, é independência e/ou muitas vezes, uma questão de sobrevivência, da manutenção das suas necessidades básicas.

No que diz respeito à violência, do total de óbitos informados, 1 034 418, 57,2% eram do sexo masculino. A faixa etária mais atingida faz parte grupo de jovens de 20 a 24 anos de idade, em 80,8% dos óbitos são provenientes da população masculina. A partir desse grupo de idade, este percentual começa a declinar até atingir o menor percentual, 30,2%, na população de 100 anos ou mais de idade. (Tabela 1 e Gráfico 7).

⁸ Há para os jovens pobres um forte discurso de inferioridade (inclusive esta questão foi trazida pelos participantes da pesquisa), de incapacidade não só pela falta de experiência, mas também pelo lugar de subalternidade que estes “devem” ocupar na sociedade.

Grupos de idade das pessoas ao falecerem	Óbitos, por sexo					Razão de sexo dos óbitos
	Absoluto (1)			Participação relativa (%)		
	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Total	1 034 204	591 121	443 083	57,2	42,8	133,4
Menos de 1 ano	35 055	19 523	15 532	55,7	44,3	125,6
1 a 4 anos	8 728	4 830	3 898	55,3	44,7	123,9
5 a 9 anos	5 033	2 821	2 212	56,1	43,9	127,5
10 a 14 anos	6 392	3 867	2 525	60,5	39,5	153,0
15 a 19 anos	21 781	16 946	4 835	77,8	22,2	350,5
20 a 24 anos	32 008	25 848	6 160	80,8	19,2	419,6
25 a 29 anos	30 805	23 926	6 879	77,7	22,3	347,8
30 a 34 anos	29 423	21 509	7 914	73,1	26,9	271,8
35 a 39 anos	31 004	21 273	9 731	68,6	31,4	218,6
40 a 44 anos	38 786	25 467	13 319	65,7	34,3	191,2
45 a 49 anos	47 454	29 835	17 619	62,9	37,1	169,3
50 a 54 anos	60 908	37 453	23 455	61,5	38,5	159,7
55 a 59 anos	66 798	40 487	26 311	60,6	39,4	153,9
60 a 64 anos	78 817	46 337	32 480	58,8	41,2	142,7
65 a 69 anos	87 123	49 680	37 443	57,0	43,0	132,7
70 a 74 anos	98 800	54 927	43 873	55,6	44,4	125,2
75 a 79 anos	102 519	55 159	47 360	53,8	46,2	116,5
80 a 84 anos	102 173	49 762	52 411	48,7	51,3	94,9
85 a 89 anos	78 112	34 776	43 336	44,5	55,5	80,2
90 a 94 anos	45 098	17 394	27 704	38,6	61,4	62,8
95 a 99 anos	20 995	7 369	13 626	35,1	64,9	54,1
100 anos ou mais	6 392	1 932	4 460	30,2	69,8	43,3

Tabela 1 - Óbitos, por sexo, participação relativa e razão de sexo dos óbitos, segundo os grupos de idade das pessoas ao falecerem - Brasil - 2010

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Os valores demasiadamente elevados nos grupos de 15 a 19, 20 a 24 e 25 a 29 anos de idade são decorrentes dos óbitos por causas externas ou violentas, como homicídios e acidentes de trânsito, que atingem com maior intensidade a população masculina. Segundo a pesquisa Estatísticas do Registro Civil 2009, nesse ano, do total de óbitos registrados, 10,2% (110.074) eram por causas violentas e, desse total, 84,1% (92.545) eram do sexo masculino. Para o grupo de 20 a 24 anos de idade, foram registrados 27 369 óbitos, sendo que 61,3% (16.775) desse total eram de natureza violenta, e 90,2% tiveram como alvo a população de homens.

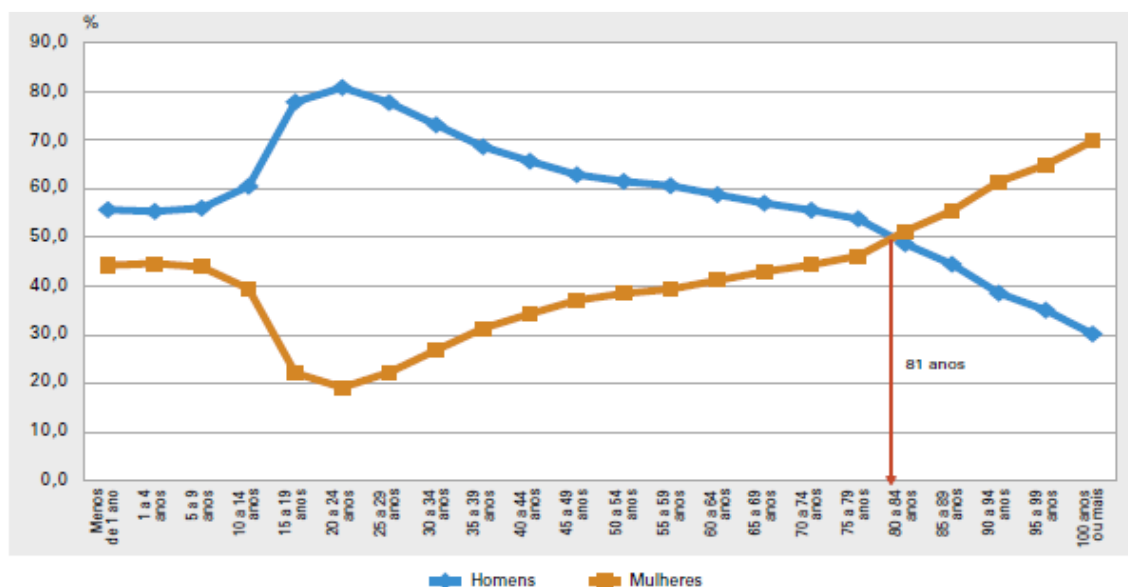


Gráfico 7. Proporção de óbitos masculinos e femininos no total de óbitos de cada grupo de idade - Brasil - 2010
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Diante dos dados apresentados, podemos compreender porque os jovens ganharam evidência na sociedade como vítimas ou protagonistas de problemas sociais como: baixa renda domiciliar *per capita*, escolarização precária, as frágeis condições para a permanência no sistema escolar, a dificuldade de inserirem no mercado de trabalho formal, a luta pelo primeiro emprego e a inadequada qualificação profissional, jovens em conflito com a lei, vítimas de violência, entre outros (FREITAS & PAPA, 2008).

Os jovens não estão alheios às desigualdades sociais e às questões sociais presentes nas sociedades. Na verdade, eles são afetados diretamente por elas em seu cotidiano. Tais desigualdades interferem nas oportunidades e nos projetos de vidas que os jovens constroem ou deixam de construir pelos limites impostos. Construir uma trajetória de transformação exige estratégias das políticas públicas que sejam capazes de romper com o cenário de desigualdade para que os jovens possam ter acesso a uma sociedade melhor e para que a sociedade tenha jovens mais autônomos.

1.3. Os jovens e a construção de identidades

A categoria da juventude se constrói, como vimos, de formas diferenciadas de acordo com as suas especificidades pessoais e o contexto sociocultural. Momento

de inserção social, de experimentação, possibilitando novas vivências, trazendo conhecimento de si e do mundo.

Não existe apenas uma juventude, mas juventudes, pois encontramos muitas especificidades em sua composição, como a divisão de classe, etnia, gênero, juventude rural ou urbana, dentre outras. A opção desta pesquisa por trabalhar a juventude tem como motivação abordar sua especificidade e singularidade, sem negar a complexidade da mesma e a existência dos diversos fatores que definem a identidade juvenil.

No que diz respeito às especificidades, a singularidade da condição juvenil é sintetizada no Documento de Conclusão do Projeto Juventude, realizada pelo Instituto Cidadania, da seguinte forma:

A condição juvenil é dada pelo fato de os indivíduos estarem vivendo um período específico do ciclo de vida, num determinado momento histórico e cenário cultural. No contexto atual, juventude é, idealmente, o tempo em que se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural, processando-se a passagem da condição de dependência para a de autonomia em relação à família de origem. A pessoa torna-se capaz de produzir (trabalhar), reproduzir (ter filhos e criá-los), manter-se e prover a outros, participar plenamente da vida social, com todos os direitos e responsabilidades. Portanto, trata-se de uma fase marcada centralmente por processos de definição e de inserção social. [...] A condição juvenil não pode mais ser compreendida como apenas uma fase de preparação para a vida adulta, embora envolva processos fundamentais de formação. Ela corresponde a uma etapa de profundas definições de identidade na esfera pessoal e social, o que exige experimentação intensa em diferentes esferas da vida (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 10)

Apesar das especificidades envolvendo os modos de ser jovem, existem tendências que se apresentam. Mudanças no corpo, as novas formas de relações sociais, as novas formas de relacionamento e de interação com o outro.

[...] as mudanças corporais são acompanhadas de questionamentos sobre a nova imagem, provocando temor, angústia e, dentro da ambivalência característica dessa fase, alegrias pela descoberta de novas emoções. Novas relações começam a se estabelecer entre os sexos num período de novas experimentações de sua capacidade de atrair e ser atraído, mais difícil para uns, mais fácil para outros, lidando com as novas possibilidades de relacionamentos e com as descobertas sexuais. Em todo este processo, lidam com as oscilações constantes, querendo e temendo ser independentes, querendo ser adultos e ao mesmo tempo crianças, querendo

namorar e brincar. Esse período também é marcado por novas possibilidades de compreensão do mundo (Dayrell, 1999, p. 29).

Novas possibilidades que trazem sentimentos e situações contraditórias, em que ao mesmo tempo experimentam o deslumbramento e o temor. O jovem torna-se capaz de se ver como indivíduo que participa da dimensão individual e social, exercendo e recebendo influência. Ainda segundo Dayrell:

Essa fase da vida pode ser crucial para que o jovem possa se desenvolver plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver todas as suas potencialidades (1999, p. 31).

A partir destas experiências e vivências é que os jovens questionam sobre quem são e que identidade têm. A identidade entendida como produções culturais e sociais que fazem parte de sistemas e práticas de significação, nos quais adquirem sentidos. A identidade não poderia ser compreendida como criações fixas e estáveis, simples e “positiva”, como se fosse possível “ser aquilo que se é”. Nesse sentido, a positividade se refere e diz respeito à tendência que temos de pensar a identidade como algo fixo e natural. Tal positividade constitui o centro de muitas discussões na perspectiva cultural e se constitui como concepção da modernidade baseada na ideia do sujeito cartesiano. Seria como se o indivíduo estivesse totalmente separado da sociedade, sem dialogar e interagir com o meio social, como se a identidade se constituísse apenas do fator pessoal. Vem daí a ideia da identidade vista como essência, natural ao indivíduo.

Hall (2000, p.21) discute como o conceito de identidade opera “sob rasura”⁹, explicitando que este deve ser articulado a partir de contextualizações. Ao

⁹ Ao tratar da questão da identidade e da diferença – centro da teoria social e da prática política hoje, Hall afirma que as antigas fontes de ancoragem da identidade (a família, o trabalho, a igreja, entre outras) estão em uma evidente crise. Novos grupos culturais se tornam visíveis na cena social, buscando afirmar suas identidades, ao mesmo tempo em que questionam a posição privilegiada das identidades até então hegemônicas. (...) a perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chave “sob rasura”. O sinal de “rasura” (X) indica que eles não servem mais – não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não-reconstruída. O conceito de identidade desenvolvido por Hall não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. “Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas.” (Hall, 2000)

problematizar a identidade no contexto da pós-modernidade, pensa a identidade e a partir da diferença, o que lhe é exterior, destacando o seu caráter relacional.

A identidade e a diferença não são construções fixas e estáveis, ou seja, como produções culturais e sociais que fazem parte de sistemas e práticas de significação, nas quais adquirem sentidos. De acordo com o autor decorrem das transformações ocorridas no modo de vida das pessoas, tais como:

“[...] o declínio do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços e outros tipos de ocupação, com seus diversos estilos de vida, [...] a diversificação de arranjos familiares; [...] a redução [...] da autoridade dos padrões morais e sociais tradicionais e das sanções sobre as condutas dos jovens provocaram impactos de âmbito local e global” (Hall, 1997, p. 21-22).

Estas informações proporcionam as condições e possibilidades para percebermos as múltiplas formas de ser e viver a juventude na contemporaneidade. Podemos notar, por exemplo, a relação com a idade cronológica vivenciada pelas sociedades ocidentais. O que é permitido a um jovem pode ser ridículo para um adulto. A sociedade impõe certa identidade de acordo a idade.

A influência da cultura na vida cotidiana, assim como em esferas mais amplas, extrapola fronteiras e passa a atuar na própria identidade. Desta concepção podemos extrair a ideia de que há uma relação intrínseca entre cultura e identidade e esta relação pode ser aliada, segundo a teorização cultural e social, às noções de linguagem e poder (HALL, 1997, p. 28).

A cultura como esfera da vida produtora de sociabilidade e criadora de identidade consiste no eixo de análise deste estudo. Existem múltiplas dimensões que compõem a vida juvenil e a cultura destaca-se como campo fundamental para a formação de valores, para a atuação coletiva e o desenvolvimento da relação com o espaço público. Nesta perspectiva, ao analisarmos as despesas das famílias brasileiras, identificamos que o maior gasto com cultura e recreação¹⁰ é realizado pelos jovens, conforme indica a tabela 2.

¹⁰ O IBGE considera recreação e cultura as despesas com brinquedos e jogos como bola, boneca, *software*, celular e acessórios (aparelhos e acessórios de telefonia celular), livros, revistas e periódicos não didáticos (jornais, revistas infantis etc.). Inclui ainda, despesas com diversões e esportes (cinema, teatro, futebol, ginástica, artigos de caça, pesca, *camping* etc.), equipamentos de ginástica e demais despesas similares.

Tipos de despesa	Distribuição das despesas monetária e não monetária média mensal familiar da área urbana (%)							
	Total	Grupos de idade da pessoa de referência da família						
		De 10 a 19 anos	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos	De 60 a 69 anos	70 ou mais
Despesa total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Recreação e cultura*	1,7	2,4	2,1	1,8	1,8	1,6	1,4	1,2

Tabela 2. Distribuição das despesas monetária e não monetária média mensal familiar da área urbana, por grupos de idade da pessoa de referência da família, segundo os tipos de despesa Brasil – período 2008-2009

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A partir do pressuposto de que a cultura consiste num dos principais aspectos que constitui a singularidade da condição juvenil, entendemos a cidadania cultural como expressão do direito que emerge da prática cultural na sua integralidade. Para analisar as experiências dos jovens nesta pesquisa, situamos a cidadania cultural como exercício público de socialização cidadã que se exerce na experimentação das diversas dimensões culturais dos sujeitos e das suas práticas culturais.

Desta forma, entendemos a cultura como “significados compartilhados”, e a linguagem o meio através do qual tais significados são produzidos e colocados em circulação. Nessa perspectiva, denominada por Hall (1997, p. 49) de abordagem construcionista da representação, o poder irá atuar e circular produzindo significados ou identificações com maior visibilidade e aceitação em detrimento de outros. Sendo assim, são levados em consideração tanto a dinâmica pela qual os sistemas culturais são continuamente atualizados como o vínculo entre cultura e vida social, já que são esses “sentidos e significados que tornam possíveis e compreensíveis as condutas sociais” (GEERTZ, 1978, p.56). Nesse processo, os grupos sociais organizam e explicam suas formas de estar no mundo e constroem identidades. Podemos então, compreender as práticas dos grupos juvenis como espaços de construção de cultura. Esses espaços se constituem em redes de relações, nas quais regras e práticas são confrontadas, negociadas e reinterpretadas. Se os

grupos têm vivências diferentes, em condições também diferenciadas, a cultura também precisa ser pensada no plural, a exemplo do conceito de juventude (NOVAES, 1998, p. 05).

Hall (2003, p.07) apresenta três concepções diferenciadas de identidade, quais sejam: a do sujeito do Iluminismo, que estaria amparada em um sujeito centrado e de caráter essencialista; do sujeito sociológico, que compreenderia certa estabilidade da interação entre o sujeito e o mundo cultural e do sujeito pós-moderno, que seria composto de várias e, muitas vezes, contraditórias identidades. As três divisões apresentadas não têm caráter evolutivo da noção de sujeito, mas demarcam como algumas das noções, criadas ao longo da Modernidade, não fazem mais sentido diante da multiplicidade de possíveis identidades que podemos assumir, ainda que temporariamente. Adotaremos como concepção teórica a terceira subdivisão apresentada por Hall que corresponde ao terceiro “tipo” de sujeito.

De modo semelhante, em nosso estudo, direcionamos a atenção não somente para os sujeitos jovens, mas também para as práticas e produções culturais experimentadas por eles e seus possíveis efeitos nos processo identitários, pois nas palavras de Hall (2000, p.106) “ela (identidade) não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode sempre ser, sustentada ou abandonada”. Retomamos os principais aspectos que denotam a identidade como algo que não é fixo nem possui uma essência; o indivíduo pode ocupar diversas posições de sujeito.

Dentro deste processo de formação identitária se conjugam vários elementos, visto que procura saber não só o saber que é, mas constrói caminhos para onde ir, onde se conjugam identidades individuais e coletivas, pois o grupo tem grande importância para os jovens, apontando-lhes direções e caminhos.

Outro elemento importante são as desigualdades sociais, pois os jovens pobres encontram ainda dificuldades maiores na construção de identidades autônomas, tendo em vista as limitações materiais e o acesso para viverem sua condição juvenil.

As demandas de construção de identidades autônomas bem como a ampliação de possibilidades leva a um efeito perverso que pode ser caracterizada como uma nova desigualdade social. Além dos jovens pobres se verem privados da materialidade do trabalho, do acesso às

condições materiais de vivenciarem a sua condição juvenil, defrontam também com a desigualdade no acesso aos recursos para sua auto-realização. Surge assim uma nova desigualdade que assume a forma de privação cultural, de acesso a experiências que lhes possibilitem auto-conhecer-se e descobrir seus próprios potenciais (Dayrell, 1999, p.13).

Há uma diferenciação nos modos de viver da juventude brasileira marcada pela desigualdade social que diferencia as formas de acesso aos direitos, ao sistema educativo, à formação e qualificação profissionais, ao mundo do trabalho, à cultura, à informação, entre outros. A diversidade do segmento da juventude também retrata a realidade social brasileira ao integrar especificidades e contemplar suas diferentes necessidades no campo próprio da juventude.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que as escolhas dos jovens não se dão apenas a partir de ideias, mas elas ocorrem por meio da experimentação. O desenvolvimento da autonomia consiste num processo de conhecimento do discurso do outro, o seu reconhecimento nesse discurso e sua conseqüente apropriação, questionamento, ruptura e transformação. A autonomia como capacidade do sujeito social e político de realizar suas escolhas e ser criador do seu próprio discurso. Pois o desenvolvimento de um discurso exige perceber a imagem idealizada da juventude nos meios de comunicação:

[...] a sociedade do consumo e da cultura de massa em que vivemos interfere no processo de construção de identidade do jovem. A veiculação de bens materiais de consumo pela mídia é perversa, pois além de vender produtos que em grande parte são inacessíveis para a maioria da população brasileira, ela difunde valores do que é ser jovem, criando um imaginário padronizado, distante da realidade concreta desses jovens. Os desejos de consumo ficam contidos e a imagem do jovem, idealizada. Para elaborar esse discurso é preciso o desenvolvimento de uma consciência crítica dessa realidade, por meio da qual é possível romper as relações de dependência e heteronomia, criando valores e discursos próximos à realidade do jovem (Vilutis, 2008, p.36).

Em nosso estudo consideramos não só a diversidade que atravessa as juventudes, assim como a desigualdade social que incide sobre as oportunidades de criação cultural, bem como sobre as possibilidades de acesso, consumo e fruição da cultura na sociedade brasileira. A distribuição de equipamentos culturais e meios de comunicação também se configura neste contexto de desigualdade.

A tabela 3 mostra o número de equipamentos culturais e meios de comunicação¹¹ existentes nos municípios brasileiros. Mesmo um contexto de difusão e consolidação de novas tecnologias no país, a cobertura da televisão aberta é a mais significativa nos municípios, significando a centralidade deste meio de comunicação.

As bibliotecas públicas são um equipamento de extrema importância no País e têm a sua abrangência aumentada nos últimos anos, constituindo-se não só como forma de acesso público à leitura, mas permitindo a inclusão de outras formas de acesso audiovisual, multimídia ou à internet.

Tipo	Percentual de municípios que possuem equipamentos culturais e meios de comunicação (%)					
	1999	2001	2005	2006	2009	Crescimento (%)
Tv aberta	98,3	,	,	95,2	-	-3,2
Bibliotecas Públicas	76,3	78,7	85,0	89,1	93,2	22,1
Estádios ou ginásios esportivos	65,0	75,9	77,4	82,4	86,7	33,4
Videolocadoras	63,9	64,1	77,5	82,0	69,6	8,9
Clubes	,	70,4	,	72,6	61,4	-12,8
Provedores de internet	16,4	22,7	46,0	45,6	55,6	239,0
Rádio comunitária	,	,	,	48,6	52,6	8,2
Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs	34,4	49,2	54,8	59,8	44,9	30,5
Unidades de ensino superior	,	19,6	31,1	39,8	38,3	95,4
Jornal diário	,	,	,	36,8	,	,
Estações de rádio FM	33,9	38,2	51,3	34,3	35,0	3,2
Centro Cultural	,	,	,	24,8	29,6	19,4
Livrarias	35,5	42,7	31,0	30,0	28,0	-21,1
Museus	15,5	17,3	20,5	21,9	23,3	50,3
Estações de rádio AM	20,2	20,6	21,7	21,2	21,3	5,4
Teatros ou salas de espetáculo	13,7	18,8	20,9	21,2	21,1	54,0
Geradoras de TV	9,1	8,4	10,7	9,6	10,9	19,8
Cinemas	7,2	7,5	9,1	8,7	9,1	26,4
Revista impressa local	,	,	,	7,7	,	,
Shoppingcenters	6,2	7,3	6,7	7,0	6,3	1,6
TV comunitária	,	,	,	2,3	,	,
TV a cabo	6,7	,	,	,	,	,

Tabela 3 - Percentual de municípios que possuem equipamentos culturais e meios de comunicação, segundo o tipo - Brasil - 1999/2009

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2009.

Os provedores de Internet são o equipamento que obteve o maior crescimento nos municípios: cerca de 239% nos anos de 1.999 à 2.009, o que indica

¹¹ Segundo o IBGE por equipamentos culturais e dos meios de comunicação entende-se o estoque fixo ligado à cultura existente no momento da pesquisa no município, aberto ao público, podendo ou não ser mantido pelo poder público em qualquer esfera, seja ela federal, estadual ou municipal.

o aumento de acesso à rede mundial do ponto de vista do usuário, tanto no domicílio quanto no ambiente de trabalho.

Os dados revelam ainda a expansão de equipamentos tradicionais como museus, teatros e, em menor medida, cinemas nos municípios brasileiros, contribuindo para que conteúdos culturais alcancem um número maior de pessoas.

A participação de jovens em atividades culturais consiste numa forma de proporcionar a convivência de diversos grupos juvenis e promover a sociabilidade, o que reforça, o processo de construção da identidade juvenil. Para tanto, com o objetivo de aprofundar a análise do sentido dessa participação que este estudo investigará a participação de jovens no âmbito das atividades culturais.

As atividades culturais permitem aos jovens terem contato com diversas linguagens artísticas, possibilitando a experimentação e a possibilidade de construir novos espaços de participação e de representação simbólica das suas práticas culturais.

Ressaltamos ainda a importância do envolvimento do jovem no processo de criação artística ou no desenvolvimento de uma ação cultural, contribuindo para a criação de expressões culturais próprias e a ressignificação de suas práticas sociais. Isso provoca o estímulo à renovação de sentidos estéticos e a fruição cultural, constituindo um processo de construção de ações e simbologias no mundo juvenil.

Não podemos deixar de ressaltar o contexto bastante variável entre os diferentes estados, entre os diferentes municípios e mesmo entre os distintos contextos urbanos, especialmente nos casos das grandes cidades na oferta e acesso aos equipamentos culturais. As características sociais dos territórios também impactam na vivência e nas oportunidades que se apresentam aos jovens.

A partir de 1999 o IBGE criou um indicador que aponta a média de 14 equipamentos selecionados a partir da sua presença nos municípios brasileiros¹². De 1999 a 2009 houve um aumento de equipamentos culturais e meios de comunicação no País, de forma que a média de equipamentos nos municípios

¹² O índice, que varia de zero (ausência de equipamentos) a 14 (presença de todos os equipamentos), compreende a existência de: bibliotecas públicas; videolocadoras; estádios ou ginásios esportivos; lojas de discos, CDs, fitas ou DVDs; estações de rádio FM; estações de rádio AM; provedores de Internet; livrarias; museus; teatros ou salas de espetáculos; geradoras de televisão; e *shopping centers*.

aumenta de 4,0, em 1999, para 5,1, em 2009, embora nos últimos anos a média tenha se estabilizado (Gráfico 8).

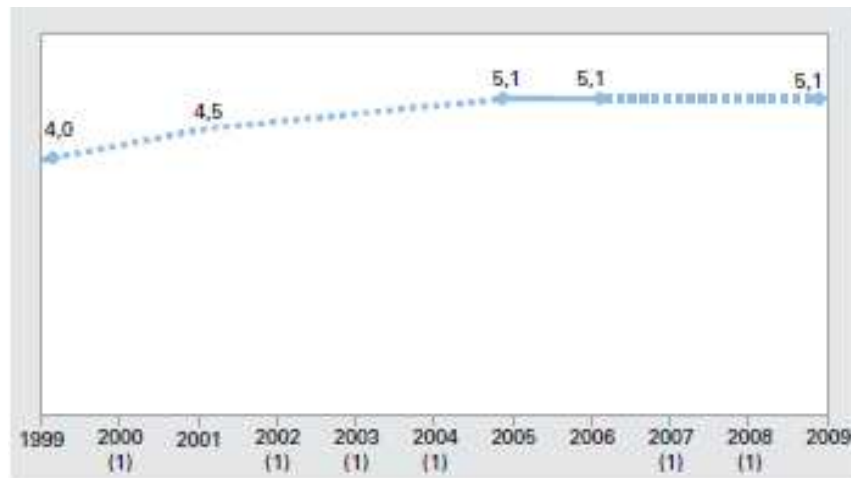
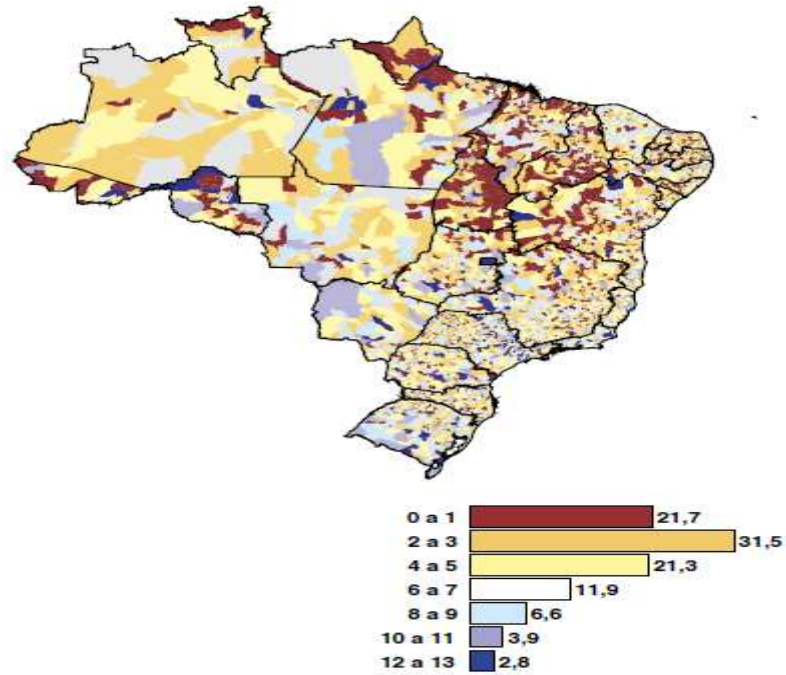


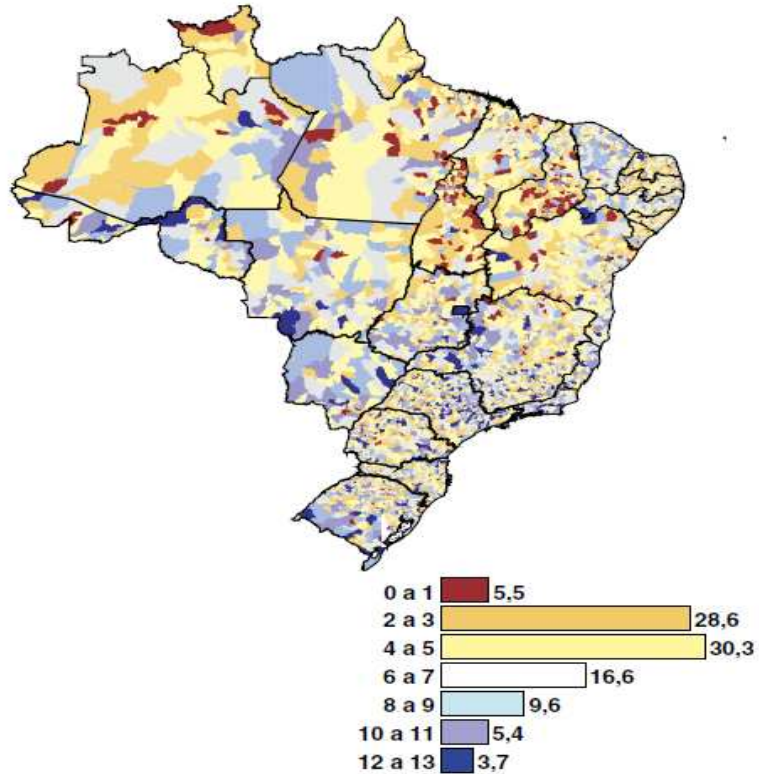
Gráfico 8. Média dos municípios com treze equipamentos culturais de comunicação – Brasil 1.999/2.009

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 1999/2009.

A partir da observação dos Cartogramas 1 e 2, identificamos que o aumento no número de equipamentos ocorreu principalmente nas áreas mais empobrecidas do País, onde muitos dos municípios não tinham nenhum ou apenas um equipamento: em 1999, 21,7% encontravam-se nessa situação, reduzindo-se para 5,5% em 2009. Mas a expansão dos equipamentos não foi tão intensa assim, como observado na evolução média nacional. Em 1999, 74,5% dos municípios tinham até cinco equipamentos, percentual que recuou para 64,4%, em 2009.



Cartograma 1 - Número de equipamentos culturais e meios de comunicação nos municípios - 1999
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 1999.



Cartograma 2 - Número de equipamentos culturais e meios de comunicação nos municípios – 2009
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2009.

As regiões mais desenvolvidas são onde se nota a existência de uma infraestrutura cultural maior, articulada ao fato de situarem municípios de maior porte populacional.

A partir destes argumentos, compreender e analisar as práticas sociais e culturais, nas quais os sujeitos jovens estão inseridos em um determinado contexto, não têm como intenção definir e delimitar uma essência ou cristalizar uma identidade juvenil contemporânea única. Pretendemos mostrar os efeitos que os diferentes e múltiplos processos de identificação pelos quais os jovens são subjetivados podem estar produzindo identidades também múltiplas e fragmentadas. Ressaltamos que tomamos neste estudo as juventudes enquanto uma construção contingencial, ou seja, que está ligada às especificidades das condições sociais, culturais e históricas nas quais estão inseridas.

As políticas públicas são de extrema importância para garantir a todos os jovens as possibilidades de vivenciarem a juventude como uma fase de direitos, em que suas identidades podem ser construídas de forma digna. Investir na construção de equipamentos culturais, na criação de atividades culturais e na oferta de serviços visando apoiar a busca de autonomia, o desenvolvimento de capacidades e o enfrentamento das vulnerabilidades sociais deve estar pautado no reconhecimento das diversidades e a realização dos diagnósticos a fim de constituírem referência na formulação de políticas públicas de caráter integrado, descentralizado e participativo.

CAPÍTULO 2 - POLÍTICA CULTURAL

As Políticas Culturais consistem em elementos imprescindíveis para a promoção do direito a cultura. Por isso, baseamos nossas análises na concepção da cultura numa dimensão pluralistas, voltada para o paradigma da democracia cultural, como forma de promover cidadania cultural.

O desenho das políticas culturais no Brasil foi concebido a partir das análises teóricas e dos indicadores fornecidos por meio das pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Finalizando o capítulo, analisaremos como as juventudes brasileiras vivenciam suas práticas culturais no uso do tempo livre.

2.1 Políticas Culturais e Direito a Cultura

O conceito de cultura foi examinado por diversos pensadores, das mais variadas áreas do conhecimento. Não pretendemos esgotar aqui a extensão ou o alcance desse conceito. Não buscamos, por isso, abarcar todas as dimensões de sua compreensão, mas expor alguns referenciais que orientaram a realização desta pesquisa.

As duas dimensões – antropológica e sociológica – são igualmente importantes, do ponto de vista de uma política pública, mas exigem estratégias diferentes de intervenção.

Dadas suas características estruturais, devem ser objeto de uma responsabilidade compartilhada dentro do aparato governamental em seu conjunto. A distinção entre as duas dimensões é fundamental, pois tem determinado o tipo de investimento governamental em diversos países, alguns trabalhando com um conceito abrangente de cultura e outros delimitando o universo específico das artes como objeto de sua atuação (BOTELHO, 2001, p.74).

O abarcamento dos termos dessas definições estabelece os parâmetros que delimitam as estratégias de suas respectivas políticas culturais, pois para cada abordagem haverá um tipo de política específica e diferente para atender aos objetivos do seu alcance.

A dimensão sociológica, diz respeito não ao plano cotidiano dos sujeitos, mas à esfera especializada.

[...] é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los (Botelho, 2001, p.13).

Em outras palavras, a dimensão sociológica da cultura refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria. Ela compõe um universo que gere um circuito organizacional, cuja complexidade faz dela, geralmente, o foco de atenção das políticas culturais, deixando o plano antropológico relegado simplesmente ao discurso. Trata-se de um circuito organizacional que estimula por diversos meios (projetos, programas, agências de financiamento), a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos, o que o senso comum entende por cultura.

Este constitui o campo privilegiado das políticas culturais, onde há um aparato que visa propiciar o acesso às diversas linguagens, mesmo como prática descompromissada, mas que colabora para a formação de um público consumidor de bens culturais.

A dimensão antropológica traz a perspectiva de que a cultura se produz na interação entre os indivíduos. Assim eles organizam seus modos de pensar e agir, constroem seus valores, suas identidades e diferenças. Nessa interação se dá a sociabilidade, permeada por fatores como: região, sexo, etnia, profissão, idade, práticas esportivas ou culturais, entre outros.

Acrescentamos a definição de cultura elaborada pelo antropólogo Clifford Geertz (1978), para quem a cultura compõe um sistema entrelaçado de símbolos compartilhados pelos atores sociais, por meio dos quais eles se comunicam, desenvolvem seu conhecimento e encontram sentido nos acontecimentos e nas atividades em relação à vida. Seguindo a sua interpretação, a cultura compõe a dinâmica entre o ethos de um povo e sua visão de mundo, representando uma relação circular entre os elementos valorativos de uma cultura – como seus aspectos

morais e estéticos – e os aspectos cognitivos e existenciais. Segundo a definição trabalhada por Geertz:

O ethos de um povo é compreendido como sendo (...) o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete (...). Por visão de mundo, concebe o quadro que o povo elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem (1978, p. 143-144)

A cultura é, portanto, o contexto no qual ocorrem os acontecimentos sociais. É por meio dela que se transmitem comportamentos, constroem-se conhecimentos e se configuram instituições. É dentro desse contexto que as pessoas interagem, convivem e compartilham significados. Os significados são compartilhados assim como a cultura, dentro da qual os acontecimentos podem ser descritos de forma compreensível.

Para se formular e implantar uma política na dimensão antropológica da cultura, torna-se necessário uma reorganização das estruturas sociais e uma redistribuição de recursos econômicos. Nesta perspectiva, se inserem se mudanças radicais nos estilos e modos de vida dos sujeitos e em sua sociabilidade, pois cultura consiste em tudo que o ser humano elabora e produz.

Devido a esse caráter, a cultura joga papel chave na transformação social e política, assim como na transmissão de valores, saberes e práticas de uma geração para outra.

Ao analisar o conceito de direitos culturais, Yúdice (2006) os localiza num amplo conceito de cultura:

Os direitos culturais incluem a liberdade de se engajar na atividade cultural, falar a língua da sua escolha, (...) identificar-se com as comunidades culturais de sua escolha (...)ter educação, não deixar representar-se sem consentimento (...) e ganhar respaldo público para salvaguardar estes direitos (Yúdice, 2006, p.41).

Como direitos humanos, os direitos culturais se desenvolvem numa dinâmica social na qual os instrumentos políticos, jurídicos, sociais, econômicos e culturais são utilizados com a finalidade de garantir o amplo acesso aos bens culturais

(materiais ou imateriais) de valor simbólico, afetivos, às formas de expressão e ao modo de fazer, criar e viver, entre outros.

O direito cultural é um direito fundamental, mas identificamos a inexistência de sua regulamentação como direito, ainda que previstos na Constituição Federal. No artigo 215 que trata da cultura, lê-se, “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Na prática, identificamos poucas políticas capazes de garantirem o acesso às atividades e equipamentos culturais.

Temos como pressuposto para este estudo de que o papel do Estado na cultura, numa perspectiva democrática, é assegurar os direitos humanos universalmente considerados; dentre eles, destacamos a igualdade de condições para a expressão e fruição culturais. Isso deve ocorrer por meio de políticas públicas de cultura¹³ que consistem na elaboração e execução de programas de fomento às práticas de criação e fruição artístico-culturais, articulados de forma sistêmica a uma política nacional de cultura. Também é responsabilidade do Estado criar e garantir condições para o acesso democrático à cultura e para a livre circulação de bens e serviços culturais.

Ao analisar a cidadania cultural e o direito à cultura, Marilena Chaui (2006, p.23) concebe a cultura como trabalho da criação, da reflexão e da memória que ultrapassa e modifica o existente. A percepção da cultura enquanto trabalho envolve a sensibilidade e a crítica num processo criativo e dialético. Este processo ampara-se em leis que negam as condições e os significados imediatos da experiência, por meio de práticas e descobertas de novas significações e da abertura do tempo para o novo. O trabalho de criação cultural se opõe à visão linear da história e da memória, permitindo a afirmação das contradições, dos conflitos e lutas, bem como da criação de novos direitos, caracterizando o campo democrático da cultura.

A cultura proporciona elementos para os sujeitos se apropriarem de sua história, para que tenham consciência de seu passado e possam projetar o futuro.

¹³ Segundo o Dicionário crítico de política cultural e imaginário, compreendemos política cultural como “[...] programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e a divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável.” (COELHO, 1997, p. 293).

Dessa forma, a cultura reúne os fundamentos para que os cidadãos reivindiquem novos e outros direitos, para que abram espaços de participação e exerçam sua cidadania ativa.

A partir do aporte teórico desenvolvido pela autora Marilena Chauí, podemos traçar alguns paralelos entre cultura, democracia e cidadania. É possível identificar uma relação entre esses elementos, uma vez que são considerados como processos dinâmicos que exigem instituições, comportamentos e constituem espaços sociais de luta. A consolidação de canais de participação e a ampliação do espaço público devem considerar a cultura política de um povo, respeitando o pluralismo, o exercício da liberdade, o acesso à informação e os mecanismos de produção e ação cultural. O princípio democrático da cidadania ativa ocorre por meio da participação popular vivenciada enquanto possibilidade de criação, transformação e controle social sobre os poderes (BENVIDES, 1991, p, 45).

A perspectiva de cidadania cultural desenvolvida por Marilena Chauí concebe a cultura como direito dos cidadãos,

[...] direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque, no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (CHAUI, 2006, p. 138).

A cultura contempla a divisão de classes sociais, de identidades étnicas, de especificidades históricas e geográficas, pois deve ser compreendida como prática social e simbólica do processo de criação cultural, o que reforça a necessidade de respeitar a diversidade dos sujeitos envolvidos e suas diferenças na prática cultural.

A multiplicidade do campo da criação cultural destaca a importância e o papel do sujeito, agente, produtor, criador de cultura como sujeito de sua própria prática, autor de sua história, criador de sua memória e expressão de sua identidade. Para tanto, consideramos segundo Coelho (1997, p. 43) o conceito amplo de atividades culturais que vai além das definições clássicas de cultura e arte, abrangendo:

- ações praticadas pelo Estado, iniciativa privada, Terceiro Setor ou indivíduos, nas dimensões simbólica, social, econômica e criativa;

- ações cuja fruição pode ser gratuita, mediante pagamento ou mista (uma parte gratuita e outra parte paga);
- atividades realizadas nos setores de turismo, eventos, entretenimento, tecnologia de informação (desenvolvimento de software), games, comunicação, marketing, mercado editorial, publicidade, gastronomia, moda, design, novas tecnologias de informação e comunicação (hardware e software para conexão com internet) e a internet (como produto e/ou meio).

Tanto a cidadania cultural quanto o direito à cultura necessitam de possibilidades que favoreçam a produção cultural, também como forma de exercer a criação cultural. Torna-se necessária a liberdade de escolhas como oportunidade, sendo um aspecto da cidadania cultural a ser considerado no processo de democratização cultural. Segundo Marilena Chaui, faz-se necessário desenvolver uma concepção democrática do trabalho e das vidas culturais:

[...] podemos dizer que a democracia propicia uma cultura da cidadania. É nesse contexto de luta e ampliação da cidadania que podemos introduzir a idéia de cidadania cultural, ou seja, a cultura democrática abre-se para uma democracia cultural (Chaui, 2006, p. 140).

Neste estudo, consideramos as quatro dimensões do direito à cultura, contempladas pela cidadania cultural (Chaui, 2006), conforme foi desenvolvido na gestão pública de cultura em São Paulo/SP, durante os anos de 1989 a 1992:

1. *Direito à fruição cultural*: abarca o acesso aos bens culturais, a apropriação dos equipamentos públicos de cultura, a criação de novos espaços públicos de expressão cultural, a liberdade de expressão cultural e o estímulo à circulação e difusão da cultura, de suas obras e significados.
2. *Direito à produção cultural*: contempla o acesso aos meios de produção cultural e o direito à experimentação e à invenção do novo. Neste trabalho, compreendemos a produção cultural em seu sentido amplo, individual e coletivo, com diversas escalas, públicos diferentes, recursos e linguagens variadas.
3. *Direito à participação*: reúne a participação na vida cultural da comunidade, nas decisões em relação à ação cultural, na gestão pública da cultura e na definição de políticas culturais. A participação dos sujeitos nos benefícios do desenvolvimento também é contemplada.

4. *Direito à informação*: aborda o direito à comunicação e à informação sobre os serviços culturais e sobre a possibilidade de deles participar ou usufruir; o direito aos espaços para reflexão, debate e crítica. Tem relação com o direito à formação cultural, artística e política, além de atuar no processo de transmissão da cultura.

As quatro dimensões contemplam o direito à cultura e são relevantes por contemplarem o sentido de totalidade da cultura. Considerada como trabalho, a criação cultural, proporciona a possibilidade de mudança e transformação. Sendo assim, são necessárias estratégias na reivindicação da cultura como um recurso disponível para valorização da ação dos sujeitos, entidades, instituições, mercado ou do Estado. Desta forma, a ação dos sujeitos, pode levar a ganhos de emancipação, por meio dos discursos e das práticas acerca da cultura.

Não se trata de uma cidadania passiva que se dá pelo consumo, mas um espaço de conflito, pois segundo Manuel Castells o consumo “é um lugar de conflito entre classes, originados pela desigualdade da participação produtiva, ganham continuidade em relação à distribuição e à apropriação dos bens” (1983, p. 43). Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-los. Desta forma, o consumo se manifesta também em uma racionalidade sociopolítica interativa, há uma interação entre produtores e consumidores, entre emissores e receptores tal como a desenvolvem algumas correntes da antropologia e sociologia urbana.

Não faz sentido falar apenas em instrumentalização da cultura, ou não é algo capaz de explicar os fenômenos recentes. A recíproca “permeação entre cultura e economia”, por exemplo, deve ser vista para além da mera mercadoria, mas “um modo de cognição, de organização social e até mesmo de tentativas de emancipação social” (YUDICE, 2006, p. 49).

Uma das formas de participação na sociedade se dá pelo consumo. Assim para Garcia Canclini:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertencem e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos (CANCLINI, 2010, p. 29).

Ainda segundo Canclini (2010, p. 45), as mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania. Estas sempre estiveram associadas à capacidade de bens de consumo e à maneira de usá-los, mas supunha-se que essas diferenças houvessem sido compensadas pela igualdade em direitos abstratos se que concretizava ao votar, ao sentir-se representado por um partido político ou um sindicato. Junto com a degradação política e a descrença em suas instituições, outros modos de participação se fortalecem.

A cultura, compreendida como direito de cidadania, situa os sujeitos culturais para além de sua condição de consumidores, espectadores ou contribuintes, mas os considera sujeitos políticos, trabalhadores da cultura, cidadãos responsáveis pelo trabalho de criação cultural. É preciso situar nesse campo a luta pela democratização do acesso aos bens, serviços e equipamentos culturais; mas, fundamentalmente, também reforçar o direito à fruição cultural e a expansão dos meios de difusão cultural, no sentido de garantir a liberdade de apropriação e criação de novos espaços de expressão artística e trocas culturais.

A centralidade do consumo e da produção cultural para os jovens são sinais de novos espaços, de novos tempos e de novas formas de sua produção/formação como atores sociais. O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. A partir destas perspectivas buscamos compreender como os jovens se relacionam com a cultura no seu tempo livre e de lazer, considerando as atividades culturais por eles praticadas.

2.2 Políticas Culturais no Brasil: alguns indicadores

Ao realizarem os estudos culturais na França nas décadas de 60 e 70 do século XX, centrado no conceito de capital cultural, os pesquisadores, preocuparam-se em denunciar as desigualdades culturais atravessadas pela a população desfavorecida economicamente, assinalando a necessidade de uma democratização cultural. Para delimitarem o nível de desigualdade, utilizavam como parâmetro a cultura legitimista, ou seja, a cultura considerada erudita digna de ser transmitida e, na ocasião, desigualmente distribuída.

Segundo Lahire (2003, p. 990), ao analisar a relação entre diferença e desigualdade, devemos estar atentos à utilização destes nas pesquisas sociológicas, para que não seja assumida uma postura preconceituosa em torno dos gostos e escolhas da população, trazendo como apontamento para este tema:

Portanto, a questão da desigualdade é claramente indissociável da crença na legitimidade de um bem, de um saber ou de uma prática, isto é, indissociável daquilo que poderíamos chamar de grau de desejabilidade coletiva que existe a seu respeito. De fato, o que separa uma diferença social e uma desigualdade social de acesso a toda uma série de bens, práticas, saberes, instituições etc. é justamente o fato de que, no segundo caso de figura, estamos lidando com objetos definidos, coletivamente e de maneira bastante ampla, como altamente desejáveis (LAHIRE, 2003, p. 994).

A partir do avançar no processo histórico e a realização das pesquisas, os resultados contribuíram para a adoção do paradigma de democracia cultural, considerado pluralista, pois ao contrário do anterior:

[...] tem por princípio favorecer a expressão de subculturas particulares e fornecer aos excluídos da cultura tradicional os meios de desenvolvimento para eles mesmos se cultivarem, segundo suas próprias necessidades e exigências (Botelho (2001, p. 81).

Com base nos dois paradigmas apresentados anteriormente, este trabalho procura identificar nas políticas culturais as abordagens – legitimistas, alimentando políticas de democratização, e pluralistas, nutrindo políticas de democracia cultural.

O objetivo deste subitem consiste em utilizar indicadores culturais a partir do banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para que seja possível vislumbrar alguns apontamentos sobre a constituição de políticas culturais no território brasileiro. Desta forma, poderemos visualizar as principais ações e equipamentos culturais utilizados pelos gestores públicos que desenham algumas práticas culturais.

Na ausência de um sistema de indicadores culturais, utilizamos diferentes pesquisas do IBGE como fonte de análise: Pesquisa Nacional de Domicílio (PNAD), Censo Demográfico de 2010, Sínteses dos Indicadores, Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), Pesquisa de Informações Básicas Municipais.

No que diz respeito à forma como a gestão da cultura se caracteriza no município na administração pública, a função da cultura e o seu grau de importância, o Gráfico 9 mostra que 70,9% da função cultural em 2009, estava sendo exercida em secretarias municipais em conjunto com outras políticas (principalmente educação, turismo e esportes), apenas 9,4% dos municípios contavam com uma secretaria de cultura exclusiva, apesar do aumento de mais de 50%, em 2009.

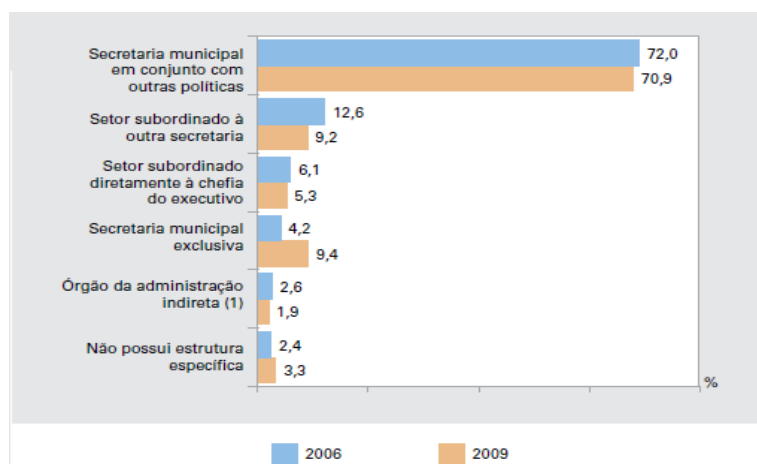


Gráfico 9. Percentual de municípios por caracterização do órgão gestor da cultura - Brasil - 2006/2009
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2009.

Os dados sobre a gestão cultural demonstram a prioridade que as políticas culturais ocupam nos municípios, pois apenas 9,4% dos municípios possuíam secretaria exclusiva. A articulação entre as secretárias consiste numa necessidade, mas uma secretaria de cultura consiste num elemento primordial para a gestão cultural.

Ainda no quesito das políticas culturais e suas formas democráticas de gestar a cultura, o Gráfico 10, mostra que 24,7% dos municípios possuíam conselhos municipais de cultura.

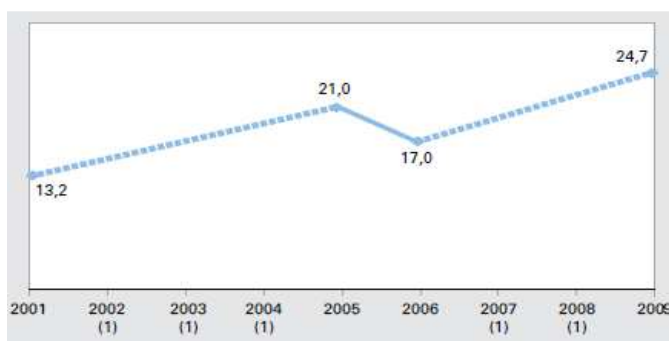


Gráfico 10. Percentual de municípios com Conselho Municipal de Cultura - Brasil - 2001/2009
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2009.

Os diferentes modelos de conselhos e instâncias de representação variam e/ou integram atribuições consultivas – julgar assuntos que lhe são propostos, normativas - criar e interpretar normas vigentes, ou deliberativas - tomar decisões em sua área de competência. A essa tipologia tradicional, no período pós-constituição, passaram a existir conselhos obrigatórios, com atribuições de gerir políticas públicas e fundos específicos. (TEIXEIRA, 2005)

Considerando as características dos Conselhos Municipais de Cultura, 20,8% dos municípios possuíam conselho paritário em 2009, em que a representação de segmentos da sociedade civil equipara-se à do governo. Em 19,1% dos municípios os conselhos têm caráter consultivo, em 18,1% deliberativo, em 10,3% normativo, e em 13,5% poder fiscalizador. Em 18,3% dos municípios, os conselhos realizaram reuniões pelo menos uma vez no período de um ano.

Os conselhos tornam-se mais eficazes quando têm competência para formular diretrizes políticas, gerir fundos e fiscalizar a execução dos planos e programas governamentais. Aumenta a sua efetividade quando esses conselhos são deliberativos (em vez de consultivos) e paritários, ou seja, com participação igualitária da sociedade e do poder público.

Os conselhos além de serem instrumentos de participação permitem quando há fundo, inscrição de projetos para concorrer ao financiamento do Fundo Municipal de Cultura e Lei de Incentivo à Cultura. Além de possibilitarem a captação de recursos para a cultura nas esferas estaduais e federais.

Os dados sobre a proteção do patrimônio cultural revelam que cerca de 1/3 dos municípios possuía, em 2009, legislação municipal de proteção ao patrimônio cultural, sendo que 28% referiam-se ao patrimônio material e 7,2% ao imaterial¹⁴ (Gráfico 11).

¹⁴ Segundo definição da Pesquisa de Informações Básicas Municipais MUNIC, existem dois tipos de patrimônio cultural: material e imaterial. Patrimônio material são bens como obras, objetos, documentos, edificações, conjuntos urbano, sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, etc. Já o patrimônio imaterial são os bens de natureza imaterial como conhecimentos, processos e modos de saber e fazer, rituais, festas, folguedos, ritmos, literatura oral, etc.

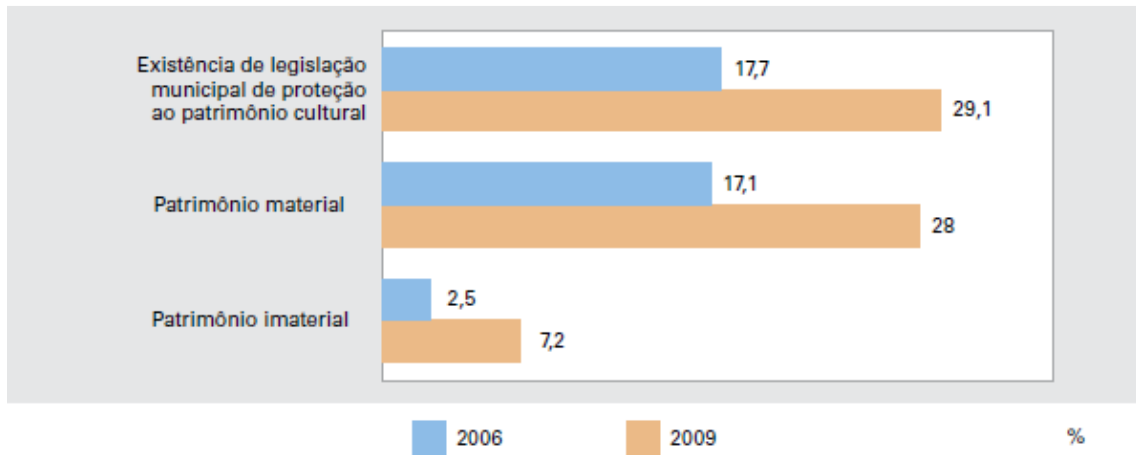


Gráfico 11. Percentual de municípios com legislação de proteção ao patrimônio cultural, segundo a natureza do bem tombado - Brasil - 2006/2009

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2009.

A partir de Constituição Federal de 1.988, da descentralização, os municípios podem formar parcerias e consórcios entre municípios, estado e União e parceria com o setor privado. Em 2006, segundo a MUNIC, 2,3% dos municípios tinham consórcios de cultura, compreendendo atividades culturais. Em 2009, o consórcio público intermunicipal situa-se em 6,0%, consórcio público com o Estado 10,2%, consórcio público com o governo federal 5,8%, convênio com o setor privado 6,7%, Apoio do setor privado ou de comunidades 10,1%. Segundo o gráfico são mais frequentes os consórcios públicos de cultura com os estados e o apoio do setor privado ou de comunidades (10,2% e 8,1%, respectivamente).



Gráfico 12. Percentual de municípios com articulações interinstitucionais na área de cultura, segundo o tipo de articulação - Brasil - 2006/2009
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2009.

O financiamento consiste num poderoso mecanismo para a consecução de uma política pública, pois é por meio dele que se podem realizar intervenções de forma direta na solução de problemas detectados ou no estímulo de determinadas atividades, com impactos relativamente previsíveis. Isaura Botelho (2001, p. 78) chama a atenção para a participação do setor privado no financiamento da política cultural, pois os recursos são provenientes da lei de benefício fiscal e o poder público deve ter uma política cultural com prioridades voltadas para as necessidades da população.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) apresenta as despesas de consumo no componente da estrutura de despesas das famílias. A estimativa da participação das despesas de consumo na despesa total, obtida a partir da POF 2008-2009, foi de 81,3% para o Brasil, com média mensal de R\$ 2 134,77. O valor médio das despesas de consumo realizadas pelas famílias residentes em situação rural (R\$ 1 220,14) correspondeu a 57,2% da média nacional desse tipo de despesa e a 53% do gasto médio das famílias em situação urbana (R\$ 2 303,56).

De acordo com o Gráfico 13, de um lado observa-se que as despesas com alimentação, habitação e transporte corresponderam a 75,3% da despesa de

consumo médio mensal das famílias brasileiras. Do outro, as despesas com cultura e recreação correspondem a 2% da despesa, ficando abaixo apenas dos serviços pessoais 1,1% e fumo 0,5%

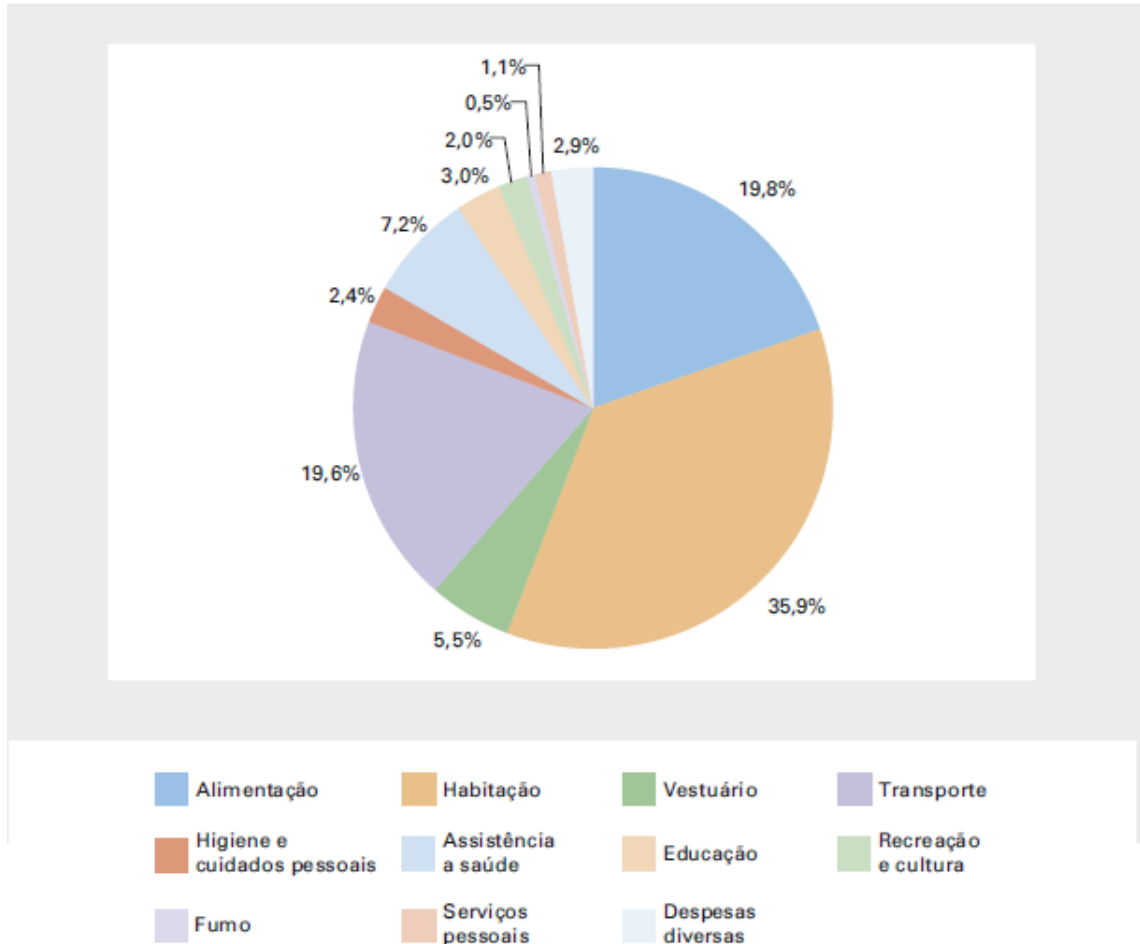


Gráfico 13. Distribuição das despesas de consumo monetária e não monetária média mensal familiar, por tipos de despesa - Brasil - período 2008-2009
 Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

Os bens duráveis, entre 2009 e 2011, que apresentaram um percentual mais elevado de crescimento foram o microcomputador com acesso à Internet, com 39,8%, seguido de microcomputador, 29,7%, e telefone móvel celular, 26,6%. O único bem que apresentou redução foi o rádio, em -0,6%. (Gráfico14)

O aumento, no contingente de domicílios que dispunham de telefone, em relação ao total de domicílios investigados, foi de 11,8%. Em 2009, eram 49,3 milhões e, em 2011, passaram a 55,1 milhões.

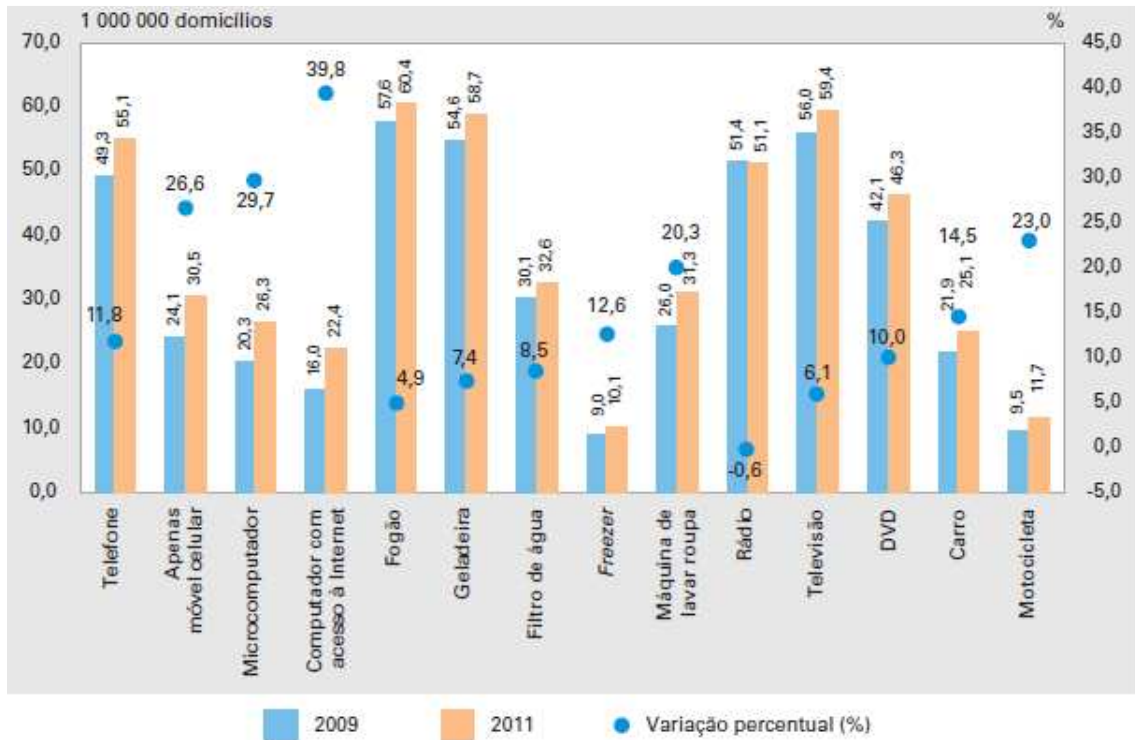


Gráfico 14. Domicílios particulares permanentes, total e respectiva variação percentual, segundo a existência de alguns bens duráveis - Brasil - 2009/2011

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2009/2011.

No Brasil, no intervalo de dois anos, de 2009 a 2011, todos os grupos etários apresentaram aumento na proporção de pessoas que utilizaram a Internet. Com exceção dos grupos etários acima de 40 anos de idade, todos os demais apresentaram percentuais de usuários acima de 50%, tendo o grupo de 15 a 17 anos alcançado 74,1%, e o de 18 ou 19 anos, 71,8%.

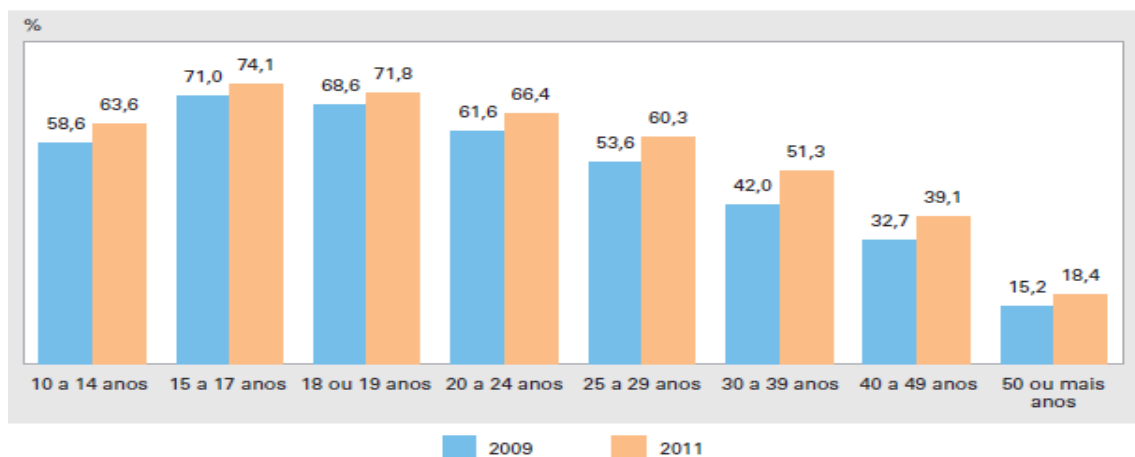


Gráfico 15. Percentual das pessoas que utilizaram a Internet no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - Brasil - 2009/2011

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2009/2011.

Os dados apresentados contribuíram para compreendermos a nível macro em nosso País, disposição de algumas políticas culturais, assim como o pouco gasto das famílias com cultura e recreação, os hábitos dos jovens com relação ao uso da internet. O que nos permitirá a seguir na compreensão em como os jovens se relacionam a cultura e o lazer no seu tempo livre.

2.3 Juventude brasileira: culturas, lazer e tempo livre

Há uma conexão entre cultura e diversão, fortíssima na prática dos jovens, capaz de reforçar uma percepção social que situa esse tema como algo frívolo, superficial, e, portanto, secundário na atribuição de importância para a qualidade de vida; quando não pernicioso, por significar desvio de investimento de questões consideradas mais urgentes e necessárias. Muitas vezes assim também se reforça uma percepção negativa a respeito dos jovens: ao demonstrar um interesse maior pela cultura e entretenimento do que por outros assuntos, tais como economia ou política, os jovens são vistos como despreocupados, alienados e descompromissados com as questões "realmente sérias".

Cultura é um tema pouco prestigiado. Em geral, quando se discutem políticas públicas, é comum ser o último item numa escala de prioridades. Basta observarmos os orçamentos públicos destinados a esse segmento. Segundo Abramo (2001), a única das dimensões da cultura que tem um status maior é a escolar, a referida à educação que é, ao menos no discurso, compreendida como necessidade de primeira grandeza (embora nunca seja satisfatoriamente atendida). "Mas as outras dimensões da cultura, principalmente aquelas que estão mais vinculadas ao prazer estético e à diversão, são muitas vezes desprezadas como supérfluas e desprovidas de importância". (ABRAMO, 2001, p.1)

A pesquisa nacional da Fundação Perseu Abramo (FPA), sob o título "Perfil da juventude brasileira", consiste num amplo levantamento quantitativo sobre esse contingente populacional (jovens de 15 a 24 anos). Analisa como os jovens brasileiros encaram vários aspectos de suas vidas, que vão desde trabalho e sexualidade até drogas cultura e escola, trazendo um quadro detalhado de quem é e como pensa a juventude brasileira hoje. Vejamos algumas características da pesquisa que teve seus resultados publicados no livro "Retratos da juventude

brasileira: análises de uma pesquisa nacional” organizado por Helena Abramo e Pedro Paulo Branco. Quanto ao tamanho da amostra foram 3.501 jovens investigados, nos âmbitos geográficos abarcados (urbano, rural, pequenas, médias e grandes cidades, na capital e no interior); na contemplação de diferentes variáveis (renda, gênero, idade, escolaridade, raça/etnia, religião, situação conjugal, situação no mercado de trabalho); no escopo dos temas investigados (160 questões, divididas em mais de dez temas: ser jovem, escola, trabalho, valores e referências, sexualidade, drogas, cultura e lazer, mídia, violência, política e participação, direitos); na possibilidade de abordar e relacionar dados sobre características demográficas, situações de vida e percepções, opiniões e valores dos jovens. Pretendemos utilizar como referencial teórico a análise dos indicadores trazidos pelo capítulo intitulado, "Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros", cujas análises são realizadas pelos educadores Ana Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano.

O tema da cultura está entre os que mais interessam aos jovens. Vê-se que os temas que mais preocupam os jovens são "violência" e "emprego"; mas quando se trata dos assuntos que mais interessam, cultura e lazer aparecem com destaque, logo depois de "trabalho" e "educação". A importância deste tema para os jovens também pode ser percebida na medida em que aparece como item central na própria definição de juventude: Na pesquisa (FPA) há uma questão (aberta) referente a "o que é ser jovem", e as respostas que dizem respeito a "aproveitar/curtir a vida" (que reúnem todas as atividades culturais ligadas à diversão, como ouvir música, ir ao cinema, dançar etc.) foram as que mais fortemente marcaram essa definição.

Contudo, o campo de experiências que se constrói por meio do cruzamento dos eixos do lazer e da cultura é de fato um dos mais importantes para os jovens, porque nele são construídos espaços fundamentais de sociabilidade, de elaboração de identidades individuais e coletivas. Nele são processados elementos centrais para a construção de referências e para a formulação e eleição de valores e posturas de vida, processos centrais dessa fase de vida. Por isso, em vez de ser um campo propício à alienação, tem se mostrado mais como de motivação, criação e mobilização. É o que tem propiciado o aparecimento do maior número de ações coletivas entre os jovens, e também de articulação, com a formação de grupos,

associações, "tribos", movimentos, tais como o hip hop, o punk, os skatistas, os grupos de dança, de grafite, de capoeira etc.

A necessidade de cultura e lazer tem se posto como demanda prioritária para os jovens também porque há uma carência imensa de meios para satisfazê-la. Os equipamentos são insuficientes e os que existem apresentam muitas dificuldades de acesso para os jovens, principalmente os que têm baixa renda familiar e moram nas regiões periféricas da cidade.

O lazer pode ser tempo/espaço para manifestações "livres" em que as únicas ou primordiais "funções" sejam a busca pelo prazer e pelo vínculo social - a sociabilidade identitária. O lazer, segundo Joffre Dumazedier, pode ser visto como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1973, p. 34).

De acordo com Dumazedier (1973), o lazer consiste no exercício de atividades à margem das obrigações sociais em um tempo que varia segundo a forma de intensidade de engajamento do mesmo em suas atividades laborais. O lazer tem seu lugar de destaque, pois tem como objetivo funções de descanso, desenvolvimento da personalidade e diversão.

Para Elias (1992, p. 107), o tempo livre tem conexão e deve ser compreendido enquanto consequência das sociedades industriais que evoluíram, e "(...) de acordo com os atuais usos linguísticos, é todo o tempo liberto das ocupações de trabalho". Ainda segundo Elias (1992, p. 149), "O espectro do tempo livre é um quadro de classificação que indica os principais tipos de actividades de tempo livre nas nossas sociedades".

O uso do tempo livre adquire funções diferentes, não se restringindo apenas a esfera do lazer. As atividades de uso tempo livre das pessoas podem ser divididas em cinco esferas, segundo Elias (1992, p. 108-109), sendo distribuídas da seguinte forma:

- trabalho privado e administração familiar: nesse contexto estão englobadas todas as atividades da família, como provisão da casa, orientação dos filhos, estratégia familiar, entre outras;

- repouso: a esta categoria pertence o não fazer nada, as futilidades e, acima de tudo, o dormir.
- provimento das necessidades biológicas: aqui se encontram atividades como comer, beber, defecar, fazer amor, enfim suprir as necessidades básicas;
- sociabilidade: não é considerada trabalho, embora possa auxiliar neste, por meio de relacionamentos com colegas de trabalho ou superiores hierárquicos; e, também, atividades que não têm nenhuma relação trabalhista, como ir a um bar, a uma festa, a um clube.
- categoria das atividades miméticas ou jogo: aqui se encontram as atividades de lazer, tais como a ida ao teatro, ao cinema, à pesca, à caça, dançar, ver televisão.

Segundo as atividades apontadas pelo autor podemos afirmar que “[...] todas as actividades de lazer são actividades de tempo livre, mas nem todas as de tempo livre são de lazer” (ELIAS, 1992, p. 141). Desta forma, as análises do autor nos permite compreender que nem todas as atividades executadas no tempo livre podem ser caracterizadas como atividades de lazer. (ELIAS, 1992, p. 110).

O tempo livre, segundo a Declaração de Direitos Humanos ao Tempo Livre (1970):

É o período em que se encontra à total disposição do indivíduo humano, depois que ele tenha concluído seu trabalho e cumprido com suas demais obrigações. O uso que se lhe dá enriquece a vida, através da participação recreativa das pessoas nos esportes, nas artes, nas ciências e na natureza.

O lazer enquanto direito está relacionado à sua compreensão como garantia fundamental para o cidadão, Por meio dos artigos 6º e 7º da Constituição Federal de 1988, o lazer configura-se como um direito social, assim como a saúde, educação e a habitação, que visa à melhoria da condição social do trabalhador. De acordo com o art. 217, é dever do Estado incentivar o lazer, como forma de promoção social.

Neste estudo, a busca subjetiva do prazer nas atividades de lazer configura-se como fundamental, mas compreende-se que este não constitui esfera exclusiva de prazer, nem restrito às características objetivas dos tempos sociais. O lazer consiste numa das possibilidades de prazer. Não se pretende neste trabalho verticalizar a importância das atividades de lazer, apenas compreendê-lo como uma possibilidade cultural.

No campo do lazer juvenil, os autores Ana Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2005), quando tratam do tema “Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros”, alertam que a juventude é uma categoria heterogênea, mesmo na esfera do tempo livre e do lazer, especialmente por razões socioeconômicas. Não pode, assim, ser rotulada essencialmente pela fruição de entretenimentos desinteressados e distantes da realidade (do trabalho) e das relações sociais. Para os autores, é sobretudo no tempo livre e de lazer que os jovens edificam suas normas e experiências, identidades e expressões culturais.

Torna-se necessário contextualizar também a relação da juventude e o tempo de lazer, Brenner, Dayrell e Carrano afirmam que:

É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto. (...) Não é incomum que a sociedade enxergue nessas culturas traços de marginalidade quando estas fogem ao social e culturalmente esperado pela ‘adulterez’ (...) (2005, p.176).

Abordar a relação entre cultura, lazer e juventude exige perceber como os jovens vivem essa “juventude”: as vulnerabilidades e potencialidades contidas em suas condições de vida e a pluralidade de expressões culturais que emergem da experiência dos grupos juvenis espalhados por todo o país. Mas também é necessário observar os impedimentos reais e as possibilidades de promover a cidadania cultural de jovens, para que a fruição e a produção cultural deixem de ser privilégio de poucas pessoas.

Como a cultura é pouco reconhecida como direito, não é vista como prioridade na definição das políticas públicas, o que gera uma precariedade imensa de atendimento. Reconhecemos a necessidade de realizar um estudo de âmbito local e urbano no município de Campos dos Goytacazes sobre a cultura, lazer e juventude, pois entendemos o seu papel primordial nas vidas dos jovens, tanto da periferia, quanto do centro da cidade.

A pesquisa da Fundação Perseu Abramo, citada anteriormente, fornece dados para se ter uma ideia dessa carência. Por exemplo, embora o desejo de fruir atividades culturais seja grande, é pequena a porcentagem de frequência de jovens aos equipamentos culturais que a cidade possui, principalmente aqueles que remetem à cultura erudita, mas também aqueles que veiculam bens da indústria

cultural (como cinema, shows e teatro). Uma das questões da pesquisa indica que 87% dos jovens nunca foram a concertos de música clássica, 54% nunca foram a um museu de arte, 42% nunca foram a uma biblioteca e 46% nunca foram ao teatro. E quando se pergunta a respeito das "coisas que nunca fez, mas gostaria de fazer", 53% das respostas se referem a atividades de cultura e de lazer (muito mais do que, por exemplo, "adquirir bens", com 7% das respostas).

Além da dimensão da fruição de cultura, outro aspecto que tem de ser considerado é o da criação cultural que, como vimos, tem se mostrado altamente motivadora e mobilizadora para os jovens: salta aos olhos o número de jovens que se articula em grupos em torno deste tipo de atividades e a capacidade de realização de eventos e projetos que eles engendram. Os grupos que se formam assim têm aparecido como uma das instâncias mais importantes de formação de identidade e de atuação coletiva, e também como pólo de referência para os jovens que não participam diretamente deles.

É importante afirmar a perspectiva da cultura como um direito dos jovens, e não somente valorizá-la na medida em que evita que o jovem se torne um problema. O ponto fundamental do exercício cultural não está em que isso possa tirar alguém do ócio, mas sim porque, junto com seu aspecto lúdico (e o direito ao lazer também é muito importante), é meio de enriquecimento, de alargamento de informações, é meio de expressão, de invenção, de intervenção e participação.

Dentro deste contexto, o lazer para os jovens não se dá como mero espaço de ocupação do ócio, mas surge como um espaço destacado para o desenvolvimento das relações de sociabilidade, das buscas e experiências por meio das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas. Um tempo e espaço menos regulado e disciplinado que o da escola, do trabalho, da família. O lazer se constitui como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar modos de vida. Podemos afirmar, que é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (ABRAMO, 1997).

O lazer pode ser visto como um instrumento de transformação da realidade social a partir do momento em que estimula a cidadania e o gosto pela aprendizagem. Tempo e espaço essenciais para desenvolver o gosto pelas atividades culturais. Desta forma, os jovens entram em contato com atividades que

podem ser prazerosas e enriquecedoras, ao vivenciarem diversas linguagens artísticas, que proporcionam novos conhecimentos.

Segundo Abramo (1997), os estudos sobre juventude no campo acadêmico tem se direcionado em sua maioria para a reflexão sobre os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação “anormal” ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação.

Os jovens vivenciam o lazer e o uso do tempo livre de forma diferenciada, seja pelas escolhas baseadas na pluralidade cultural ou por razões socioeconômicas. No que diz respeito à última, a pobreza, a limitação de oportunidades, a violência e todo esse precário quadro estrutural com que jovens pobres convivem, muitas vezes acabam por fortalecer as relações de vizinhança e dá uma centralidade ainda maior ao contato, portanto, as relações interpessoais, e acabam tornando-se uma forma de lazer. Situação vivida de forma diferenciada por jovens de classe média alta que têm recursos para utilizarem os espaços da cidade em atividades culturais que exigem dispêndio financeiro.

A vivência no bairro, no qual os sujeitos se conhecem e têm experiências comuns, favorece as relações, e acaba por torna-se uma configuração de lazer, principalmente em contextos de falta de recursos e espaços para o lazer. A conversa no portão, o encontro nas casas e na própria rua, o passeio pelos espaços do bairro e seu entorno, formas de ocupação do tempo, fortalecendo os vínculos e contribuindo para a formação dos jovens.

A utilização do tempo e do espaço acontece de maneira distinta para os sujeitos, como nos fala Santos (2002): “o espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo.” (SANTOS, 2002, p.160). Desta forma, o espaço funciona como aglutinador dos jovens trazendo possibilidades de sociabilidades e diferentes formas do uso do tempo a partir dele.

Segundo Arendt “a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDR, 2010, p. 61). Por isso, é preciso considerar o uso do tempo livre, quando não é preenchido por atividades formais, nem sempre representa perigo aos jovens, mas, ao contrário, torna-se possibilidade de sociabilidade, principalmente para jovens em condição de pobreza.

Compreendemos a interação e as relações interpessoais como indispensáveis para a formação dos jovens e para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, respeitável componente no viver social juvenil, a conversa cotidiana permite aos jovens elaborarem visões de mundo compartilhadas, negociarem significados e criarem as cumplicidades que alimentam a existência dos diversos grupos de amigos (FRANCH, 2002, p. 6).

Outra questão relativa ao uso do tempo livre e lazer dos jovens se dá na esfera do consumo. Eles são alvos constantes do mercado que se utiliza da mídia que os percebem como consumidores em potencial, e isto, os afeta diretamente a partir do momento como são ditados as formas de vestir, o que assistir, o que consumir, aonde ir, enfim uma infinidades de itens que ditam estilos de vida que se confundem com modos de ser e não se restringem ao campo do ter. Segundo Bauman (2008), trata-se da reconfiguração de nossas relações, em sociedade, a partir daquilo que aprendemos como consumidores: “o ambiente existencial que se tornou conhecido como ‘sociedade de consumidores’ se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo.” (BAUMAN, 2008: 19).

Segundo Santos (2001), o processo de globalização, da forma como está configurado, transforma o consumo em ideologia de vida, fazendo de cidadãos meros consumidores, massifica e padroniza a cultura e concentra a riqueza nas mãos de poucos, contribuindo para a transformação do cidadão em consumidor. Assim:

Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão (SANTOS, 2001, p. 49).

Levando em consideração a substituição do cidadão pelo consumidor e do contexto descrito por Bauman (2008) da reconstrução das relações humanas a partir do padrão da relação entre consumidores e objetos de consumo, como se situam os jovens em condição de pobreza destituídos da condição imposta pela sociedade capitalista do consumo? Como apontamos anteriormente, a comunidade torna-se uma alternativa além das estratégias estabelecidas pelos jovens, e as políticas públicas têm um papel fundamental na articulação de políticas capazes de oferecer possibilidades de enfrentamento da pobreza, assim como espaços em que estes jovens sejam capazes de construir projetos de vida e modos de ser com vistas à prática de atividades culturais que sejam capazes de promover a reflexão e a transformação da realidade social, voltando-se para a compreensão e práxis da cidadania em oposição ao consumo desenfreado irresponsável.

CAPÍTULO 3 EXPERIÊNCIAS DE POLÍTICAS CULTURAIS NO INTERIOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Nesta etapa, visa-se a uma apresentação, em linhas gerais, de uma descrição dos equipamentos culturais e das atividades oferecidas aos jovens por meio de políticas públicas no interior do Estado do Rio de Janeiro, com ênfase no município estudado na pesquisa, item 2.1. Em seguida, apresentamos alguns elementos sobre a Política Nacional da Juventude e seu reatamento nas políticas públicas municipais para este segmento. Também expomos a partir do item 2.2 a metodologia adotada para o estudo e no item 2.3 os limites encontrados na realização da pesquisa.

3.1 Alguns elementos introdutórios sobre as políticas culturais no município de Campos dos Goytacazes

Na esfera municipal, realizamos um levantamento¹⁵ dos programas e projetos destinados ao público jovem, ou mesmo que não sendo específicos para este segmento tenham uma participação considerável destes. Compreendemos a variedade de ações distribuídas em diferentes secretarias municipais, mas elegemos para este momento a Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação da Infância e da Juventude.

A Secretaria Municipal de Cultura¹⁶ foi criada no ano de 2009, assim como o Conselho Municipal de Cultura. A secretaria reúne em seu organograma, as seguintes instituições: Biblioteca Pública Municipal, Fundação Jornalista Oswaldo Lima, Fundação Teatro Municipal Trianon, Fundação Zumbi dos Palmares, Teatro de Bolso Procópio Ferreira, Arquivo público Municipal e o Museu de Campos.

Em nossa busca por informações, realizamos uma pesquisa na internet, mas não encontramos informações suficientes sobre os programas e projetos

¹⁵ Visitamos a Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação Municipal da Infância e da Juventude, a fim de realizarmos um levantamento sobre as políticas públicas oferecidas aos jovens no município. Utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada, e ainda, solicitamos material de divulgação e relatórios. A única instituição que nos cedeu material de divulgação e quadro estatístico de atendimento foi a Fundação da Infância e da Juventude, nas demais instituições ficamos limitados às entrevistas. Outra fonte de dados foi o Mapa da Cultura realizado pela Secretaria Estadual de Cultura, no sítio mapadecultura.rj.gov.br.

¹⁶ Em nossa visita a Secretaria Municipal de Cultura fomos informados pelo Secretário Municipal de Cultura que este se tratava de um órgão político e para obter informações sobre as políticas culturais no município, deveríamos procurar cada órgão executor.

desenvolvidos pelas instituições. Desta forma, visitamos cada instituição, com o objetivo de realizarmos um levantamento dos tipos de políticas públicas desenvolvidas no município.

A Fundação Jornalista Oswaldo Lima funciona no Palácio da Cultura e desenvolve projetos para todas as faixas etárias¹⁷, diversificando de acordo com os projetos abaixo:

O Palácio da Cultura também é sede das Bibliotecas Nilo Peçanha e Lúcia Miners. O espaço abriga, ainda, o Pantheon dos Heróis Campistas, que guarda os restos mortais de algumas figuras de destaque na história local, como José do Patrocínio, conhecido como “Tigre da Abolição” por sua luta contra a escravidão, Saldanha da Gama e Nilo Peçanha. Construído em 1973, o prédio possui uma área total de 3.650 metros quadrados e está aberto à visita¹⁸. A biblioteca não desenvolve nenhum projeto específico para o público jovem, apenas para o público infantil.

A Biblioteca Municipal Nilo Peçanha de Farol de São Tomé, localizada na Praia do Farol de São Tomé, foi fundada em 1º de abril de 2004. Hoje possui 3.400 livros em seu acervo, dos mais variados gêneros. Além da consulta às obras em suas dependências, realiza periodicamente contações de história para as crianças.

Teatro

Especificamente pensado para os jovens, mas também recebem adultos. Para se inscrever, a idade mínima é de treze anos de idade. O curso tem cem vagas e periodicidade de abril a dezembro, mas o aluno permanece no curso se desejar. Não possui certificação.

Oficinas Culturais

Destinado aos jovens e aos adultos, são oferecidas oficinas de: arte em papel, macramê, pintura em porcelana, arte em fibra, bordado, pátina. Atende aproximadamente 300 pessoas, distribuídas em oficinas trimestrais ao longo do ano.

Projeto Fala Comunidade

¹⁷ Informações concedidas pela vice-presidente da instituição por meio de entrevista, na data de 21 de janeiro de 2013.

¹⁸ Os dados foram obtidos pelo sítio da Secretaria Estadual de Cultura, mapadecultura.rj.gov.br.

Uma equipe de animadores culturais percorre as comunidades realizando apresentações de teatro, poesia e música. Desta interação, a comunidade produz uma atividade cultural para apresentar.

Projeto Arte de Ser Feliz

Uma equipe de animadores culturais visita as comunidades apresentando teatro, música e dança.

As Casas de Cultura José Cândido de Carvalho (situada em Goytacazes) foi fundada em 7 de setembro de 1988, ocupa uma antiga estação de trem e foi batizada em homenagem ao escritor campista José Cândido de Carvalho – um dos mais famosos e influentes da região norte fluminense e autor do clássico da literatura nacional *O Coronel e o Lobisomem*. O espaço abriga os cursos de pátina, embalagem, doces, pintura em tecido, macramê, bijuteria, ponto fita e corte costura, que são oferecidos pela Fundação Jornalista Oswaldo Lima, e os cursos de balé, capoeira, dança de salão e axé ministrados pela Fundação Zumbi dos Palmares. Na Casa de Cultura também funciona uma biblioteca, com acervo de 1.500 livros e que realiza até 150 empréstimos por mês.

A Casa de Cultura Poeta Antonio Silva foi fundada para atender à comunidade do distrito de Conselheiro Josino. Inaugurado em 23 de maio de 2009, desenvolvem as seguintes atividades: dança, artesanato, música e teatro para todos os públicos, contando também com a Biblioteca de Conselheiro Josino, o espaço reúne um acervo de 1.200 livros.

O Arquivo Público Municipal situado em Tocos (zona rural) está aberto a visitas e possui documentos históricos para consulta.

A Fundação Teatro Municipal Trianon é responsável pela administração dos dois teatros municipais: Teatro Trianon e o Teatro de Bolso Procópio Ferreira.

O Cine Teatro Trianon foi inaugurado em 25 de maio de 1921, após dois anos de obras, e demolido em 1975, o então era equipado com capacidade para comportar 1.800 pessoas. O atual Trianon abriu as portas em 31 de julho de 1998. A casa, que antigamente abrigava o cinema, recebe espetáculos variados de companhias campistas e de todo o Brasil, com uma programação que abrange teatro, música e dança para 800 espectadores, também realiza exposições de arte e festivais. Em julho de 2012 o teatro formou o Corpo de Baile, Orquestra e Coro.

O Teatro de Bolso Procópio Ferreira foi inaugurado em abril de 1968, com capacidade para 162 pessoas. Às segundas-feiras, a partir das 18h, o teatro desenvolve o Projeto Fim de Tarde, quando os artistas locais ocupam o palco para mostrar diferentes estilos musicais em versão acústica e que o público pode conferir pagando o ingresso simbólico de R\$ 1.

No Museu Histórico de Campos, foi inaugurado em 29 de junho de 2012 e instalado no Solar do Visconde de Araruama, depois de um longo período de reformas. Divide-se em duas áreas: o térreo abriga exposições temporárias (duas salas), e nos andares superiores está a exposição permanente, que ocupa oito salas. Nessas salas, o visitante pode encontrar fotos, documentos e móveis que fazem toda a reconstrução da História campista, da época da colonização até o início do século XIX. Uma das salas de exposição temporária abriga, no momento, o acervo do Museu Ferroviário de Campos, atualmente fechado para reformas. Somando aproximadamente 200 peças, o acervo do Centro de Memória Ferroviário tem equipamentos e objetos usados nos trens, além de miniaturas e documentos que fazem um panorama do desenvolvimento da malha ferroviária da cidade.

A Fundação Zumbi dos Palmares¹⁹ desenvolve projetos para crianças, adolescentes²⁰, jovens e adultos. Atendeu no ano de 2012 o total de 1800 pessoas, distribuídas nos seguintes projetos:

Pré-vestibular

Curso preparatório para a seleção de nível superior funciona durante a manhã e a tarde, atendendo 350 pessoas em sua maioria jovens, mas também recebe adultos. Utiliza como critério de seleção o perfil socioeconômico, já que na última inscrição, o total de candidatos correspondia a 2.000 pessoas.

Pré-IFF

Curso preparatório para a seleção do Ensino Médio do Instituto Federal Fluminense, atende 400 jovens nos três turnos. Para se inscrever o candidato deve estar cursando ou ter cursado o nono ano do Ensino Fundamental.

¹⁹ Entrevista realizada com a assistente social da instituição na data de 24 de janeiro de 2013.

²⁰ Na década de 1990 a partir da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, estes segmentos passaram a ter primazia do direito: em função disto inúmeras políticas públicas têm sido implementadas.

Inglês Técnico

Destinado a jovens e adultos, oferece o ensino de inglês pelo período de dois anos, uma vez por semana e possui certificação.

Oficinas esportivas e culturais

Acontecem diariamente, destinada a crianças e jovens, nos horários diurno e noturno, nas seguintes modalidades: judô, capoeira, balé, lambaeróbica, dança de salão, violão, artes circenses e teatro.

Curso Primeiro Emprego

Para jovens a partir de dezesseis anos de idade, oferecendo disciplinas com o objetivo de prepará-los para a seleção no primeiro emprego, como redação e ética. No total são 30h, distribuídas em duas vezes por semana. No total os cursos são oferecidos quatro vezes ao ano.

Culinária Afro

Oferece dezoito vagas para pessoas a partir dos dezoito anos com interesse em aprender sobre a cozinha afro. Possui certificação.

São desenvolvidas atividades de capoeira e reforço escolar (para crianças) na comunidade Quilombola do Imbé (zona rural) e capoeira e balé em Goytacazes.

A Fundação da Infância e da Juventude foi criada em 1990, com a nomenclatura Fundação do Menor, pela Lei 5.096/1990, sofrendo alteração na nomenclatura no mesmo ano, tendo em vista a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente e a mudança do termo menor. A fundação atendia crianças e adolescentes de 0 a 17 anos e onze meses²¹. No ano de 2009, a administração pública municipal transferiu o Departamento da Juventude, que funcionava na Secretaria de Governo, para a Fundação Municipal da Infância e da Juventude.

Programa Desafio

O Programa Desafio tem por objetivo, proporcionar às crianças de 06 a 14 anos uma complementação à escola formal de forma ampla, em horário inverso à escola. Oferece ainda a todas as crianças de seus respectivos núcleos, oficinas de artesanato, com trabalhos manuais orientados pelas profissionais do Projeto

²¹ Entrevistamos o Presidente da fundação que havia assumido o cargo há vinte dias, nos afirmou que estava interagindo-se dos projetos e que faria uma reformulação acerca da faixa etária atendida, pois estenderia as políticas públicas, as faixas etárias reconhecidas pelo Estatuto da Juventude, ou seja, jovens de 15 à 29 anos.

Tecendo Talentos. O Programa atendendo nas localidades de Travessão, Guandu, Aldeia e sede da FMIJ. Em 2012, foram atendidas 496 crianças adolescentes.

Centro de Vivência e Aprendizagem

O programa oferece cursos semiprofissionalizante, como artesanatos, artes em tecido, cabeleireiro e manicure. Possui duas unidades - No Parque Prazeres e No Parque Guarus. Faixa etária: 6 a 17 anos. Foram atendidos, em 2012, 287 crianças e adolescentes.

Centro da Juventude

O programa oferece cursos semiprofissionalizantes com duração de seis meses. Funciona na sede da Fundação da Infância e da Juventude e atende adolescentes de 14 a 17 anos. Em 2012 foram atendidos 129 adolescentes.

As oficinas oferecidas são: Marcenaria, Artes em Madeira, Artesanato, Culinária, Cabeleireiro-Manicure, Artes Gráficas (Criação, Impressão e Acabamento Manicure, Artes Gráficas (Criação, Impressão e Acabamento), Reparador de Eletrodomésticos, Pintura Automotiva, Lanternagem, Mecânica, Eletricista de Auto e Informática. Os adolescentes recebem alimentação, uniformes, material pedagógico além de atendimento médico, odontológico e fonoaudiólogo.

Programa Campos Criança Cidadã

O Programa (PCCC) é uma parceria entre o exército brasileiro, 56º Batalhão de Infantaria, a Fundação Municipal da Infância e da Juventude, (ABRCC), Governo do Estado e Diocese de Campos. Tem por objetivo prestar assistência ao adolescente em situação de risco social por meio da educação integral, incluindo a educação sistemática ligada ao apoio pedagógico, aos valores humanos, à ética, à moral, ao civismo, às artes, ao aprendizado prático profissionalizante, à assistência médico-odontológica e sócio-pedagógica e à boa alimentação, bem como à inserção dos jovens no mercado de trabalho. Tem como público alvo adolescentes de 14 a 17 anos e em 2012, atendeu 25 adolescentes.

Bombeiro Mirim

O Programa é resultado do convênio realizado entre a Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, através da Fundação Municipal da Infância e da Juventude e do Corpo de Bombeiro Militar do estado do Rio de Janeiro.

Desde o ano de 2001, atende crianças e adolescentes na faixa etária de 09 a 13 anos, ambos os sexos. Funciona no horário de 7 às 11 horas, onde é servido

café da manhã e almoço. Tem duração de 04 meses, atendendo assim, duas turmas por ano.

O Programa tem atividades voltadas para prevenção e combate a pequenos incêndios, salvamentos, primeiros socorros, Defesa Civil e proteção ao meio ambiente e atividades preventivas (Drogas, noções de higiene, identidade, ECA e violência). Atualmente funciona na Fundação Municipal de Esportes e no ano de 2012 atendeu 48 crianças e adolescentes.

Guarda Mirim

O Programa Guarda Mirim foi implantado no dia 07 de maio de 1997. Os adolescentes de 12 a 17 anos participantes do projeto recebem bolsas que variam de R\$100,00 (cem reais) a R\$230,00 (duzentos e trinta reais), de acordo com a idade do adolescente. Em 2012 foram atendidos 452 adolescentes.

Programa Fortale-Ser

O Programa tem a finalidade de garantir o atendimento psico-social-pedagógico às crianças e adolescentes de 0 a 17 anos vitimadas por abuso ou exploração sexual e suas respectivas famílias, implementando ações de caráter preventivo, protetivo, e possibilitando aos atendidos construir novas alternativas no processo de mudança e na ressocialização dos mesmos, conforme preconiza o ECA. Em 2012, atendeu 125 crianças e adolescentes.

Projetos Especiais

Atendia a faixa etária de 06 a 18 anos, oferecendo atividades esportivas e culturais como: futebol, futsal, handebol, vôlei, basquete, *taekwond*, capoeira, música, dança, bate-lata e teatro.

Casas de Acolhimento

As casas de acolhimento consistem num espaço de proteção, provisório e excepcional, destinado a crianças e adolescentes privados da convivência familiar e que se encontram em situação de risco pessoal e social. Existem 06 instituições de acolhimento variando a faixa etária.

O Estado consiste na instância fundamental de implementação e regulação das políticas públicas. Estas se expressam em programas e projetos voltados para diversas áreas como: educação, saúde, habitação, renda, cultura, entre outros. Podem ser conjunturais ou emergenciais, universais ou seletivas. Enfim, tem como

objetivo atender demandas da população, buscando seu desenvolvimento social, econômico e cultural, lhe garantido o direito à cidadania.

Em nível internacional o marco para as políticas para crianças e adolescentes foi - a Declaração do Direitos Humanos (1948) e Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) das quais o Brasil é signatário. No que diz respeito às políticas públicas para jovens, o debate no Brasil teve efervescência nos anos 1980 com a retomada do processo de democrático e a intervenção de órgãos e políticas internacionais. Os movimentos sociais a partir da década de 1980, aliado as pressões internacionais contribuíram para aprovação da lei 8.069 em 1990, criando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

No decorrer da década de 1980, os países de capitalismo central enfrentavam acentuada crise do fordismo como forma de organização do trabalho e como modelo de desenvolvimento do capitalismo, o que contribui para um novo momento histórico, em cujo centro encontra-se a nova ordem econômica mundial e o neoliberalismo, assentado na ampla privatização das estatais, nos cortes com gastos sociais e nas políticas sociais.

Como consequência deste modelo, acentuou-se a precarização das relações de trabalho, aumentando substancialmente o desemprego e o subemprego, trazendo consigo: a violência, a mendicância e o narcotráfico, ou seja, com a instauração da prática neoliberal emerge uma crise mundial.

O ECA traz um sistema de proteção social destinado às crianças e aos adolescentes, vistos como sujeitos de direitos, com base em princípios que asseguram a Proteção Integral e Prioridade Absoluta a Crianças e Adolescentes estabelecidos na Constituição Federal (art. 227), no Estatuto da Criança e do Adolescente (artigo 4º) diferentemente da legislação anterior para este segmento – o Código de Menores (1927) já revogado, o qual contribuiu para a consolidação do termo menor como categoria classificatória da infância pobre, marginalizada e em situações de abandono ou delito.

O Código de Menores colocava o jovem como questão social, pela via dos problemas (concepção ainda presente na contemporaneidade). Segundo Aquino (2009), a juventude pode ser pensada por duas categorias: como problemática – delinquentes, violentos, portadores de comportamentos de risco, demandando

medidas da sociedade; e como fase transitória para a vida adulta, necessitando de preparo para a vida adulta, inclusive a fase produtiva.

Estas tematizações atravessam as políticas públicas nas respostas dadas ao segmento jovem em forma de ações. Os altos índices de violência envolvendo jovens com mais de vinte anos, o desemprego e a necessidade de um período maior de escolarização para a entrada no mercado de trabalho, aliado às reivindicações destes jovens que não estão inseridos no sistema de proteção social, contribuíram para a constituição de uma agenda pública em âmbito nacional em torno da juventude como categoria a ser objeto da ação governamental.

Em 2003 foi criado um Grupo Interministerial responsável uma Política Nacional de Juventude e para coordenar esta política, foi instituída em 2005, a Secretaria Nacional da Juventude (SNJUV), vinculada à Secretaria Nacional da Presidência da República, assim como foi criado o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE). Foi criado ainda, em caráter emergencial, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), para atender jovens de 18 à 29 anos excluídos da escola e do mercado de trabalho.

Consideramos um marco na Política Nacional da Juventude, a compreensão de juventude com a ampliação da faixa etária de 25 para 29 anos, estendendo as políticas públicas para este segmento. Partindo da compreensão que as necessidades e as potencialidades das diferentes juventudes brasileiras o CONJUVE estabelece também a seguinte subdivisão etária: a) jovem-adolescente, entre 15 e 17 anos; b) jovem-jovem, entre 18 e 24 anos; c) jovem-adulto, entre 25 e 29 anos. Posteriormente, essa mesma classificação foi adotada pelo Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA) para análise socioeconômica da realidade juvenil.

Segundo Novaes (2009), quando se fala em Políticas Públicas para Jovens, (PPJs) é preciso considerar que os problemas e as demandas relacionam-se tanto com questões (re) distributivas mais gerais da sociedade excludente, quanto com questões de reconhecimento e valorização de sua diversidade e, ainda, evocam a dimensão participativa, de grande importância na fase da vida em que se busca emancipação.

Nesse sentido, levando-se em conta os direitos e as redes de proteção social vigentes e considerando-se as novas demandas juvenis que chegam ao espaço público, Novaes (2009, p. 19-20) classifica as PPJs como:

1. *Universais* – aqui estariam as políticas setoriais dirigidas a toda a população, inclusive aos jovens. Nesta perspectiva, estão as políticas educacionais, de trabalho e emprego, de assistência social, de saúde, de cultura e de combate à violência. Via de regra, consideradas estruturais, implicam sistemas duradouros e instituições públicas dotadas de orçamentos. Historicamente, constituem-se como direitos de cidadania, motivo pelo qual destas se espera hoje que incorporem as especificidades do recorte etário – direitos difusos – e, assim, incorporem questões singulares da atual geração juvenil.

2. *Atrativas* – seriam aquelas que não são dirigidas apenas aos jovens, mas têm especial incidência sobre eles: seja por afinidade com a natureza da política como aquelas que regulam fluxos migratórios –, seja porque, mesmo voltadas para espaços territoriais, onde convivem diferentes faixas etárias, afetam particularmente os jovens – por exemplo, as políticas de segurança e combate à violência. No geral, podem ter um caráter emergencial ou experimental, ou combinar as duas dimensões.

3. *Exclusivas* – seriam aquelas voltadas apenas para uma faixa etária predefinida entre 15 e 29 anos. Sejam estas na área de educação, trabalho, desenvolvimento social, saúde, cultura, migração, segurança, via de regra, constituem-se em programas e ações emergenciais para jovens excluídos ou em situações de exclusão desfavorável.

Ao analisar o rebatimento das políticas públicas federais para jovens no âmbito municipal não encontramos mudanças significativas. A maioria dos programas, projetos e ações são destinados aos adolescentes (influenciados pelo ECA). A maioria das políticas públicas da Secretaria de Cultura é universal e atrativa, não existindo, pelo menos no discurso da gestora entrevistada uma linha de ação para as diferentes faixas etárias, mas planejadas por diferentes linguagens artísticas (teatro, literatura, música).

A Fundação Zumbi dos Palmares em conformidade com os princípios preconizados pelo ECA atende em sua maioria crianças, adolescentes e jovens adolescentes. Não desenvolvendo nenhuma política de cunho exclusivo para jovens.

A Fundação Municipal da Infância e da Juventude foi a única instituição na qual o gestor demonstrou conhecimento da Política Nacional da Juventude e nos relatou a preocupação em rever e desenvolver projetos para além da faixa etária de

18 incompletos²². Nesta instituição encontramos políticas públicas atrativas e exclusivas e observamos que houve influência da Política Nacional de Juventude no formato das políticas e na extensão etária.

Concluimos que a Política Nacional de Juventude não teve grande impacto nos programas, projetos e ações das instituições públicas estudadas, com exceção da Fundação Municipal da Infância e da Juventude, pois nenhuma delas possuía políticas exclusivas (específicas para jovens de 15 à 29 anos). Além do mais, dos 60 jovens que participaram da pesquisa, além dos shows públicos, nos quais a maioria já assistiu, só um jovem da escola pública estava inserido no ProJovem.

3.2 A construção da pesquisa

Para nós a juventude não consiste em algo que exista de forma natural ou de modo abstrato. Os estudos devem partir do cotidiano, do lugar social, econômico, cultural e demográfico em que estão situados os sujeitos, aqui especificamente, no âmbito urbano da cidade.

Mediante aos objetivos e as finalidades desse estudo, do ponto de vista da abordagem optamos por realizar uma pesquisa de natureza descritiva, já que buscamos uma representação acurada sobre as relações entre os jovens de realidades econômicas diferentes e a cultura nos usos do tempo livre, utilizando o levantamento com abordagem qualitativa. Por isso a opção pela pesquisa descritiva, já que procura analisar a ocorrência do fenômeno, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características, sem manipulá-lo. Buscamos saber informações sobre atitudes, pontos de vista, comportamentos e preferências que os jovens têm sobre a cultura e a sua identidade. A pesquisa desenvolvida teve um cunho qualitativo em função da necessidade de se conhecer como a população pesquisada compreende e se relaciona com a cultura.

Realizamos a pesquisa nos anos de 2011 e 2012. A pesquisa documental decorreu com o levantamento bibliográfico, que foi realizado ao longo do período por meio dos procedimentos como busca por documentos eletrônicos – indicadores sociais, demográficos e econômicos, as principais leis e portarias na área das políticas para jovens e culturais; em páginas oficiais da Secretaria Nacional da

²² No mês de fevereiro de 2013, a Fundação da Infância e da Juventude abriu inscrições para cursos semiprofissionalizantes para jovens de 15 a 29 anos.

Juventude e em páginas especializadas de autores que debatem o tema; consulta a livros na área, dentre outros.

As escolas estudadas se situam em regiões geográficas diferentes no território do município de Campos dos Goytacazes – a escola particular situa-se no bairro Tamandaré, área nobre e central do município e atende aos jovens de classe média, classe média alta e classe alta. A escola pública situa-se no distrito de Guarús, na periferia, e atende jovens em sua maioria de classe baixa. A escolha das mesmas se deu em virtude de apresentarem realidades semelhantes no que tange ao oferecimento do Ensino Médio, no horário diurno, por serem escolas amplas (com infraestrutura e espaço físico), ambas oferecerem vagas para o ensino fundamental e médio e por atenderem respectivamente alunos de classes sociais distintas. Podemos observar na figura 5, a localização das duas escolas, em seus respectivos bairros.

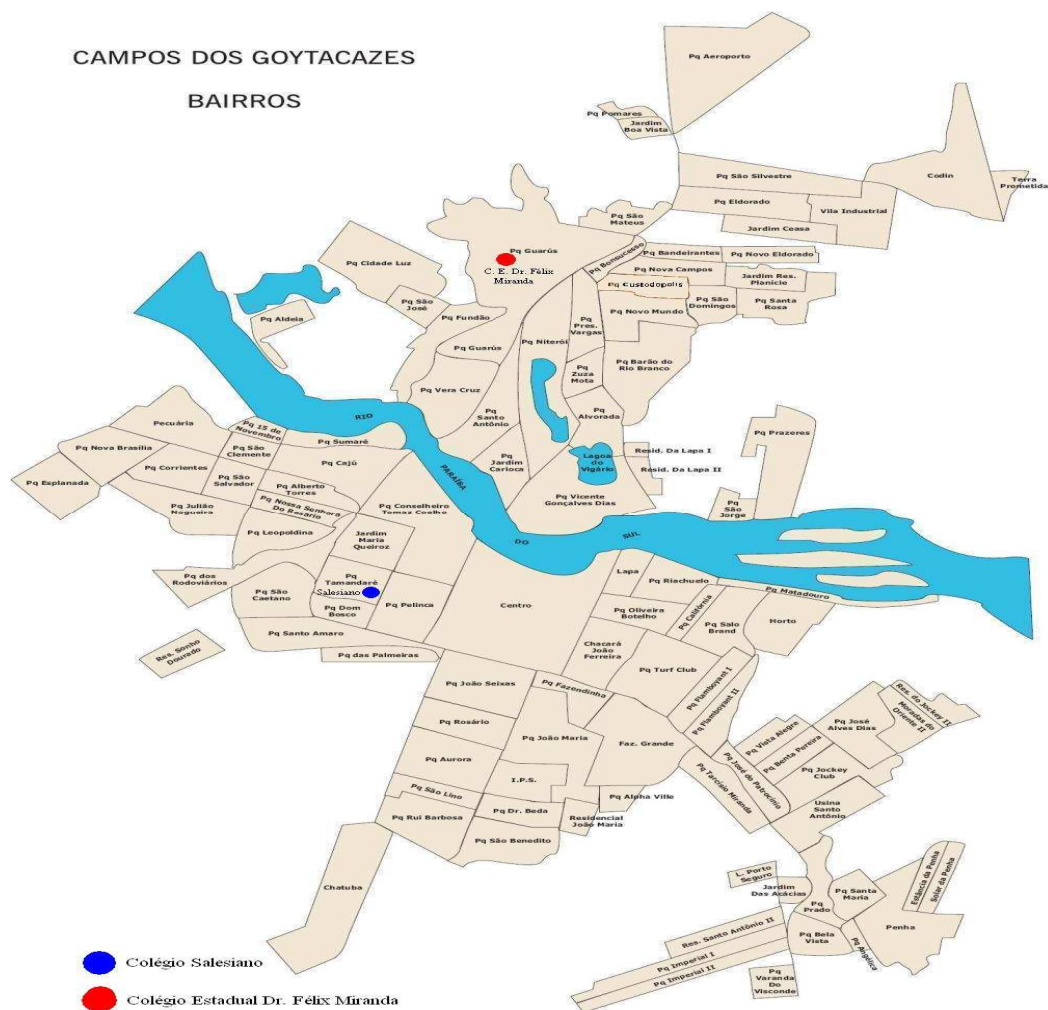


Figura 5: Mapa dos bairros no município de Campos dos Goytacazes, com a localização do Colégio Estadual Dr. Félix Miranda e do Colégio Salesiano
Fonte: Adaptado do Geocites

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de junho à novembro de 2012 tendo sido precedida de conversa com os diretores, vice-diretores e coordenadores do Ensino Médio nas escolas estudadas. A coleta de dados teve como técnicas a observação, registros fotográficos das unidades, diário de campo e aplicação de questionários e realização de entrevistas aos jovens dos segundo e terceiro ano do Ensino Médio. Nas observações, foram buscados aspectos das práticas culturais dos jovens. A pesquisa foi, essencialmente, qualitativa, apesar de fornecer dados quantitativos através de tabelas e gráficos elaborados. Nas figuras 6 e 7 podemos observar as escolas onde aconteceu a pesquisa de campo.



Figura 6: Colégio Salesiano
Fonte: <http://www.salesiano.br>



Figura 7: Colégio Estadual Dr. Félix Miranda
Fonte: <http://cedfelixmiranda.blogspot.com.br/>

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora responsável pelo estudo por meio da aplicação de pré-teste (quinze jovens) e questionário individual aos jovens participantes da pesquisa. Os dois instrumentos foram aplicados por questionamento direto, ou seja, com a presença da pesquisadora com os dois grupos que preencheram os formulários. O objetivo desta fase da pesquisa constituiu em encontrar por meio da coleta de dados respostas as questões de pesquisa apresentando fatos, percepções, opiniões, atitudes, descrições de comportamento acerca da relação dos jovens com a cultura, o lazer e o uso do tempo livre.

Como o estudo proposto é qualitativo, a amostragem mais adequada consiste em não-probabilística, tendo em vista que não foram seguidas regras de probabilidade para selecionar os participantes. Os questionários foram respondidos por sessenta jovens, 30 da escola particular e 30 da escola pública. No total foram

30 perguntas, sendo 27 fechadas e 3 abertas, distribuídas pelas seguintes temáticas: identificação, trabalho e renda e práticas culturais.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte e um jovens do segundo e do terceiro ano do Ensino Médio, sendo nove da escola particular e onze da escola pública que responderam no questionário estarem participando de algum tipo de grupo juvenil, de acordo com a disponibilidade dos horários vagos e as datas marcadas pelos diretores, vice-diretores e coordenador do Ensino Médio. O objetivo desta etapa consistiu em aprofundar a compreensão as práticas culturais apontadas pelos jovens, bem como a participação dos jovens nos grupos juvenis e a contribuição destes na formação de identidades dos jovens.

A primeira escola particular selecionada inicialmente não nos possibilitou o acesso aos jovens do Ensino Médio – fomos informadas pela supervisora que era vedado “o encontro de pessoas estranhas com os alunos da escola” (Diário de campo, 05/06/12). A funcionária afirmou que solicitaria uma autorização da diretora da escola para aplicar os questionários e realizar a entrevista para a pesquisadora. Mesmo explicando a utilização de um consentimento informado a ser entregue previamente aos responsáveis dos alunos e que os instrumentos só seriam aplicados com a autorização dos mesmos, a supervisora foi irredutível. Então optamos por outra escola particular, onde a pesquisa de campo aconteceu.

Fomos acolhidas no Colégio Salesiano, pelo coordenador do Ensino Médio, que destacou o interesse da escola no contato dos alunos com uma pesquisa acadêmica, já que um dos objetivos da escola era contribuir para a aprovação dos alunos nos processos seletivos em universidades públicas. Todo o nosso contato com os jovens foram mediados pelo coordenador e seu auxiliar, que disponibilizaram horários, salas e ainda fizeram contatos telefônicos com os responsáveis dos alunos, a fim de assinarem o consentimento informado, possibilitando a realização das etapas da pesquisa.

Na escola pública quem nos recebeu foram a diretora e o vice-diretor. A acolhida se deu de maneira receptiva, por meio de uma longa conversa na sala da direção. A diretora e o vice-diretor realizaram toda a mediação necessária entre a pesquisadora e os alunos, disponibilizando sala e horários, viabilizando a pesquisa de campo.

Como nossa compreensão de cultura ancora-se em abordagens antropológica e sociológica, nossas análises baseiam-se na perspectiva de que tudo produzido pelo homem materialmente ou simbolicamente – é cultura. Para tanto, buscamos compreender as práticas culturais na vida cotidiana dos jovens e as implicações destas na formação de identidades dos jovens. Entendemos identidades aqui não como criações fixas e estáveis, mas sim como produções culturais e sociais que fazem parte de sistemas e práticas de significação, nos quais adquirem sentidos.

Como a renda familiar consiste numa variável condicionante das práticas culturais dos jovens, a análise em relação à renda foi realizada com base na classificação do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) sobre as classes sociais na sociedade brasileira, por salários mínimos que são: até 1 Salário Mínimo (miserável), de 1 a 2 Salários Mínimos (baixa), de 3 a 5 Salários Mínimos (média baixa), de 6 a 10 Salários Mínimos (média), de 11 a 19 Salários Mínimos (média alta) e 20 ou mais Salários Mínimos (alta).

No questionário (Anexo C) pedimos aos jovens a relação dos membros das suas famílias e seus respectivos salários. Não solicitamos os comprovantes de renda; então, aferimos as classes sociais pertencentes aos jovens com base em suas respostas. Em alguns casos, os jovens da escola privada por desconhecerem a renda dos seus responsáveis, elegeram valores que consideram aproximados, mas, quando comparamos aos valores pagos pelo mercado de trabalho, estavam acima dos valores estimados pelos jovens. Desta forma, podemos considerar que a variável renda pode conter erros tanto para cima como para baixo, pois acolhemos os valores eleitos pelos jovens. Os dados coletados através dos instrumentos foram analisados, objetivando traçar o perfil dos pesquisados, identificar as atividades predominantes e a frequência delas, a fim de estabelecer uma análise comparativa e evidenciar a existência de diferenças significativas entre o uso do tempo considerado livre.

Os dados coletados por meio dos questionários foram analisados conforme a abordagem qualitativa e organizados da seguinte forma: cada questionário recebeu um número; as respostas foram agrupadas de acordo com o núcleo duro da resposta; cada variável recebeu um número correspondente, respeitando a

característica da escala de mensuração. Para melhor organização e tabulação dos dados criamos um livro de códigos no Excel.

Os dados coletados nas entrevistas foram divididos em itens para análise que correspondem a subcapítulos do capítulo IV. Atribuímos nomes diferentes aos jovens para que suas identidades não fossem reveladas. Primeiramente, realizamos uma análise exploratória dos dados. Posteriormente, para cada categoria de análise elaborada houve um procedimento exaustivo de leitura e releitura dos dados coletados em cada resposta dos jovens às interrogações propostas. A metodologia utilizada foi à análise das falas. Os itens de análise estão assim divididos: 4.1 Ser jovem: as juventudes; 4.2 E o que pensam os jovens sobre suas juventudes; 4.3 Acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude e cultura e o uso do tempo livre.

3.3 Dificuldades do Estudo – limites da pesquisa

A pesquisa teve algumas dificuldades como assegurar espaço aos alunos da escola pública na sua rotina escolar para a realização das entrevistas individuais, assim como o ambiente adequado para a mesma. Apesar da diretora e vice-diretor reservarem espaços para as entrevistas (sala dos professores e da orientadora educacional), frequentemente as entrevistas eram interrompidas por profissionais da escola que precisavam utilizar o espaço.

A rotina escolar é toda organizada por horários em que os professores entram e saem das salas de aula, sem que haja horário vago, a não ser o intervalo (tempo em que os alunos circulam, lancham e interagem). Nem sempre conseguíamos realizar as atividades previstas no dia por conta das avaliações, revisões e outros elementos da rotina escolar, não por culpa dos gestores, esses nos abriram as portas e nos permitiram realizar a pesquisa com tranquilidade, mas precisávamos respeitar o tempo e a demanda dos alunos, o que nos fez levar mais tempo do que prevíamos e eliminar um dos instrumentos de coleta de dados previsto no projeto – o grupo focal.

Outro fator que contribuiu para retardar a realização das atividades foi o quantitativo de alunos do terceiro ano do Ensino Médio que participaram da pesquisa. No projeto previmos apenas a participação dos jovens do terceiro ano,

mas como o número total de jovens voluntários era de quinze e nosso objetivo era uma amostra de 30 em cada escola, estendemos a participação dos jovens do segundo ano.

Uma outra limitação diz respeito ao fato dos jovens terem menos de dezoito anos e, por isso, necessitarem da autorização dos seus responsáveis legais para participarem da pesquisa. Na escola particular o coordenador do Ensino Médio na intenção de contribuir para agilizar o início a execução da pesquisa assumiu esta responsabilidade. Quando havia uma demora prolongada na entrega dos consentimentos, seu auxiliar (do coordenador) entrava em contato com os responsáveis dos alunos para esclarecer sobre o objetivo da pesquisa e saber do seu posicionamento e possível autorização. Na escola pública, a pesquisadora entregou os consentimentos e aguardou a entrega pelos alunos, necessitando de um tempo maior de espera, retornando várias vezes para o recolhimento das autorizações.

A ida às instituições para levantamento das políticas públicas levou mais tempo do que prevíamos. Apesar de sermos bem recebidos em todas as instituições públicas onde fomos, inclusive, na maioria delas, por seus gestores (fizeram questão de nos atender), não conseguimos fazer o levantamento dos projetos e programas pertencentes à Secretaria de Cultura na própria secretaria, por exemplo. Fomos encaminhados aos órgãos executores para realizar esse levantamento, desenvolvendo-se de forma verbal, junto a gestores e funcionários, sem ter acesso à mídia digital ou escrita.

Com relação aos jovens não tivemos nenhuma dificuldade, pois todos tinham muito a dizer sobre suas realidades e vivências, alguns de forma mais breve, outros levavam um pouco mais de tempo. Houve ocasiões em que ao desligar o gravador, eles nos revelavam muito de si, mas não queriam que o conteúdo da conversa fosse divulgado; perdemos o dado, mas respeitamos o sigilo desejado por aqueles que nos confiaram suas experiências, sonhos e vivências.

Estamos certos de que não podemos dar conta da realidade social, e neste sentido, a análise e a interpretação dos dados que serão apresentados a seguir resultam de uma interação do pesquisador, seu objeto de pesquisa e os jovens entrevistados. Reconhecemos que o tema levantado neste estudo precisa ser aprofundado em muitos aspectos, mas também cremos na sua contribuição como

forma de conhecer, pensar e transformar as políticas culturais e aquelas destinadas à juventude no município estudado.

Assim sendo, o capítulo que segue centrar-se-á na apresentação sobre as relações entre as juventudes, suas relações com as culturas e os seus lazeres, a sua interlocução ou não com serviços de políticas públicas na tentativa de elucidar a forma como estes jovens desenvolvem suas práticas culturais no município de Campos dos Goytacazes.

CAPÍTULO 4 – FALA JUVENTUDE! OS RESULTADOS DO ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Olhos cheios de esperança, risos altos, andam em dupla, grupos, quase nunca sozinhos, vários jovens circulam pelos corredores e pátio. A diversidade é grande, e, mesmo o uniforme escolar não nos impossibilita de identificar os mais variados subgrupos. Minha presença é percebida e logo me interrogam: - “você é professora nova?” (Diário de Campo, 26/06/2012).

O relato acima representa alguns dos temas que serão abordados, neste capítulo, que trata da relação dos jovens com a cultura, o lazer e o uso do tempo livre, em duas realidades socioeconômicas diferenciadas, com jovens estudantes da periferia e da área central, no município de Campos dos Goytacazes, a partir da visão dos próprios jovens que responderam à questionários e participaram de entrevistas. O estudo partiu de indagações sobre como os jovens se relacionam com a cultura e como as políticas públicas têm atendido aos seus anseios e necessidades. O capítulo está estruturado em subcapítulos que retratam a análise dos dados da pesquisa.

Ambas as escolas estão situadas no município de Campos dos Goytacazes, na área urbana, sendo, uma pública situada na periferia, e uma particular, situada em área considerada central. A escolha das escolas como já sinalizado anteriormente, se deu em função de ouvir jovens de realidades socioeconômicas diferentes; de um lado, verifica-se à escassez de estudos com jovens de classe média; de outro, observamos que os jovens oriundos da classe econômica desfavorecida, são alvo da maioria das pesquisas no Brasil. Com relação às similaridades das escolas, ambas oferecem da Pré-escola ao Ensino Médio, inclusive com o mesmo número de turmas no ensino médio, duas no primeiro ano, duas no segundo ano e uma no terceiro ano. Ambas possuem biblioteca, ginásio, pátio, salas com ar condicionado.

O Colégio Estadual Dr. Félix Miranda, situada no bairro e distrito de Guarus, já chegou ter aproximadamente 4.000 estudantes²³, na década de 80, mas no

²³ Relato do vice-diretor da escola (diário de campo 28/06/2012).

período da pesquisa de campo atendia aproximadamente 1.300 estudantes residentes no Parque Guarus e em seu entorno. Segundo um dos gestores, a maioria dos alunos é de filhos de trabalhadores de baixa renda e uma parcela significativa é de usuários de programas sociais como Bolsa Família, o que assegura a frequência dos alunos²⁴, assim como o lanche e o almoço servidos na escola. Relatou ainda, que os alunos tinham baixa autoestima e falta de interesse e perspectiva. Diário de Campo (19/06/2012)

Já, o Colégio Salesiano, uma escola católica, situada na Av. Vinte e Oito de Março, Parque Tamandaré, tinha aproximadamente 900 alunos, residentes em vários bairros diferentes do município. Segundo o supervisor do Ensino Médio, os alunos do Ensino Médio eram muito motivados, participativos e estavam se preparando para o vestibular, e o maior interesse deles, é entrar para uma universidade pública, onde a qualidade de ensino acreditam ser melhor do que nas universidades particulares. Diário de Campo (20/06/2012)

Apesar das disparidades encontradas, no que diz respeito a renda familiar dos jovens, há muito em comum entre eles, como por exemplo o gosto pela música e os esportes, apesar de utilizarem espaços e atividades diferentes na prática destas atividades. Há também o que marca, distingue e muitas vezes, separa. Os jovens constroem trajetórias próprias e específicas em seus locais de vivência, por isso, preferimos falar em “juventudes”.

A juventude não existe naturalmente, de forma abstrata, descolada do tempo e do espaço. Acreditamos que os estudos devem partir do cotidiano, do lugar social, cultural e econômico onde os jovens estão situados. Por isso, nossa necessidade de encontrar os sujeitos nos seus espaços cotidianos para que eles compartilhassem conosco suas vivências, anseios e como as políticas públicas vinham atendendo ou deixado de atender as suas demandas.

Neste sentido, após delinear, brevemente, o cenário onde realizamos a pesquisa de campo em ambas as escolas, trataremos a relação entre as juventudes, o lazer e o tempo livre, a partir da percepção dos jovens entrevistados, tendo em vista ainda sua participação nas políticas públicas oferecidas no município. Como já

²⁴ Para participar do Programa Bolsa Família (programa de transferência de renda) o usuário, além do critério de renda, deve estar com o filho matriculado e frequentando a escola.

foi sinalizado, este capítulo está dividido em subcapítulos que se referem aos itens de análise dos dados coletados.

4.1 Ser jovem: as juventudes

Ao questionarmos o que é ser jovem, nos deparamos com vários conceitos diferenciados, ora associado a ideia de geração, ciclo de vida, etapa, período de transição, mas entendemos que a juventude consiste numa construção social, cultural e histórica. Desta forma compartilhamos com Abramo que:

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (Abramo, 1994, p.1).

O texto da autora aponta como o conceito de juventude pode variar de uma sociedade para outra, ou mesmo dentro de uma mesma sociedade, pois num país rico em pluralidade como Brasil, com respostas culturais tão distintas, estão presentes fatores sociais, como desigualdades, raça, etnia, dificuldades no acesso aos direitos básicos, como trabalho, lazer e educação, que caracterizam nosso país.

Nosso estudo, inspirou-se em outros realizados sobre as juventudes brasileiras (ABRAMO, BRANCO, 2005; DAYREL, 2010), buscando compreender e registrar como os jovens se relacionam com a cultura, no lazer e no uso do tempo livre. São histórias, trajetórias sobre o que é ser jovem em nosso país. Quem são os nossos jovens? Foram ouvidos, para responder a isso, 60 jovens estudantes do Ensino Médio de duas escolas descritas anteriormente.

Na Escola Estadual Dr. Félix Miranda, dos 30 jovens que responderam aos questionários, 67% eram do sexo feminino e 33% do sexo masculino. Com relação à idade, 43% tinham 18 anos, 37% tinham 17 anos, 13% tinham 16 anos e 7% 19 anos. Podemos perceber a existência da defasagem série-idade, pois a maioria

deveria ter 16 anos e 17 anos (pois são jovens do 2º e 3º anos), quando apenas 50% têm a idade que corresponde ao ano de escolaridade.

No Colégio Salesiano, dos 30 jovens que responderam aos questionários, 53% eram do sexo feminino e 47% do sexo masculino. No que diz respeito à idade, 43% tinham 17 anos, 40% tinham 16 anos e 13% tinham 18 anos. Verificamos que, diferentemente da escola anterior, o índice de defasagem série-idade é de apenas 13% em comparação aos 50%, conforme os gráficos abaixo.

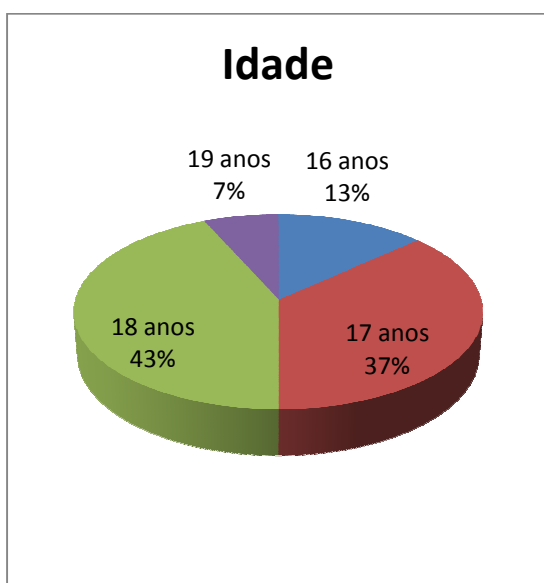


Gráfico 16. Idade dos jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

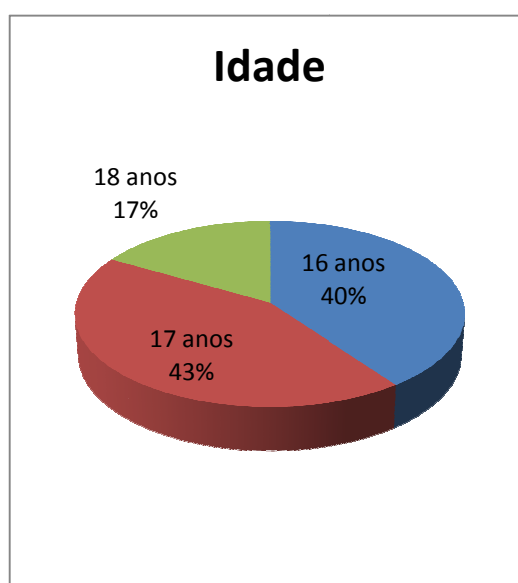


Gráfico 17. Idade dos jovens da escola privada
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Quando o assunto é religião, na escola estadual, 70% dos jovens são evangélicos, 20% são católicos, 4% Testemunhas de Jeová, 3% declararam não ter nenhuma religião e 3% não responderam. Na escola privada, 70% são católicos, 20% evangélicos e 10% são espíritas. É interessante observar como a mesma proporção (70%) a maioria segue o cristianismo, mas com religiões diferentes. Segundo Novaes (2005) em tempos de violência e desemprego, a religião continua fazendo diferença para a juventude, pois as instituições religiosas ainda são capazes de produzirem espaços de agregação social e de construção de identidades juvenis. No decorrer do estudo poderemos constatar o número expressivo de jovens que participam de grupos jovens religiosos.

Sobre o estado civil²⁵ dos jovens, na escola pública, 97% afirmaram serem solteiros, e 3% vivem com companheiro. Na escola particular, 100% dos jovens eram solteiros. Nenhum dos jovens que responderam aos questionários tinham filhos. De acordo com o relato de uma jovem, geralmente quando as jovens ficam grávidas na adolescência acabam abandonando a escola e, depois do nascimento do bebê, quando retornam, o fazem no ensino noturno.

No que diz respeito à pergunta sobre a cor, foi muito interessante o burburinho na sala (nos dois grupos de jovens) e os questionamentos sobre a sua cor, recorrendo aos colegas e à pesquisadora para responderem. Foi esclarecido neste momento que eles fizessem uma análise da que eles acreditassem pertencer e respondessem.

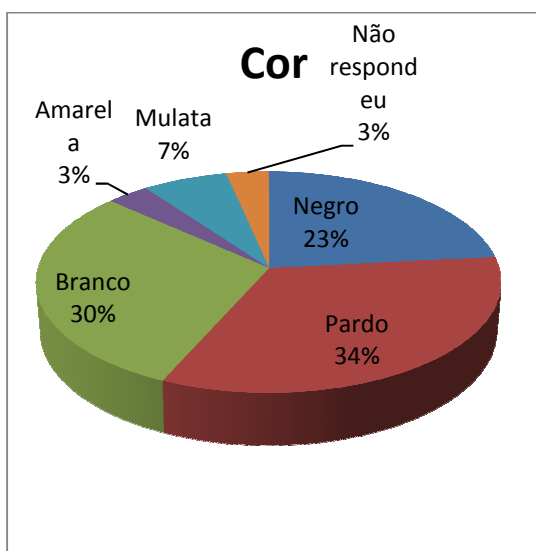


Gráfico 18. Cor dos jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

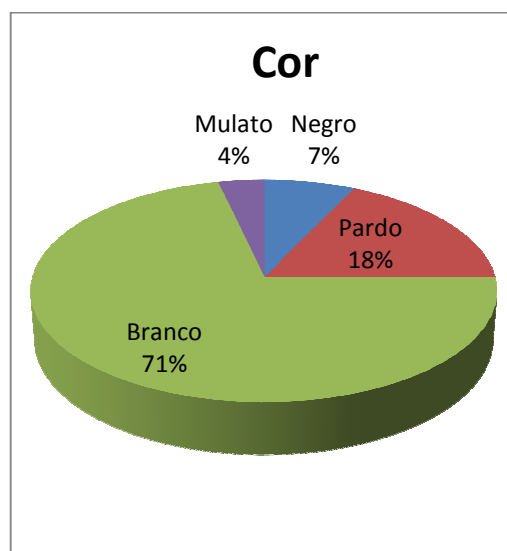


Gráfico 19. Cor dos jovens da escola particular
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Como podemos observar nos gráficos, os resultados se deram da seguinte forma: os jovens da escola pública, 34% consideram-se pardos, 30% brancos, 23% negros, 7% mulatos, 3% amarelo e 3% não responderam. Os jovens da escola privada, declararam-se 71% brancos, 18% pardos, 7% negro e 4% mulato. Podemos identificar que o número de jovens negros é maior na escola pública, assim como o número de jovens brancos é maior na escola privada.

²⁵ De acordo com as leis no Brasil, o estado civil consiste na situação de uma pessoa em relação ao casamento e a sociedade conjugal. Pode-se estar casado, solteiro, separado, divorciado, viúvo, ou viver junto em união estável.

Os dados sobre a renda familiar dos jovens da escola pública demonstraram que 34% são miseráveis, 40% classe baixa, 17% média baixa, 9% classe média, segundo classificação de classe social do DIEESE. Destaca-se aqui o número significativo de famílias que vivem com um e dois salários mínimos, correspondendo a 74% dos participantes da pesquisa. Num país com grandes desigualdades sociais como o Brasil, verificamos que a ausência de renda consiste num fator limitante das práticas culturais juvenis. Estes jovens desenvolvem estratégias para participarem da sociedade ou muitas vezes, aderem ao trabalho, associando-o à escola, ou abandonando-a para contribuírem na renda familiar.

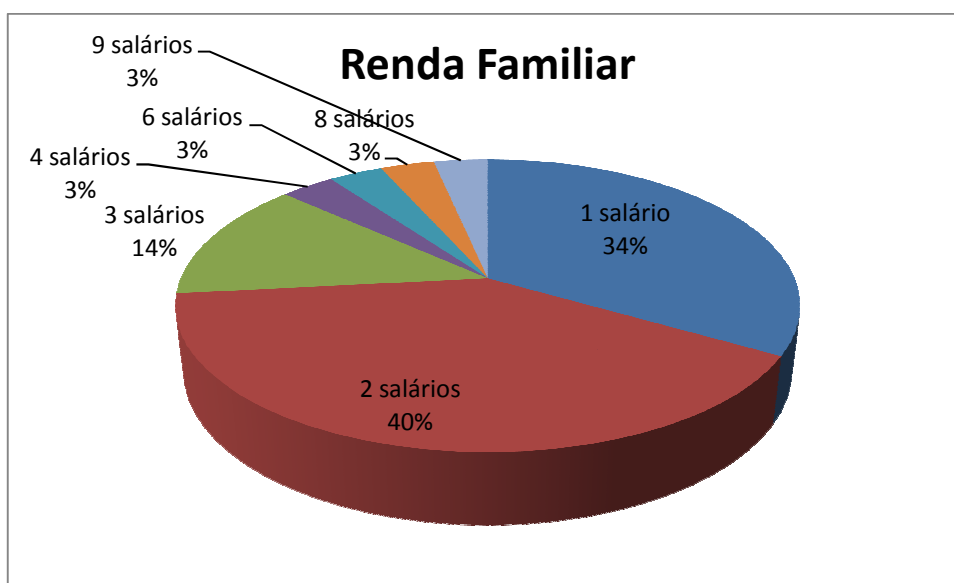


Gráfico 20. Renda familiar dos jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Os jovens da escola particular pertencem 50% a classe média alta, 17% classe alta, 13% são de classe média, 7% classe média baixa, 7% não responderam e 6% classe baixa.

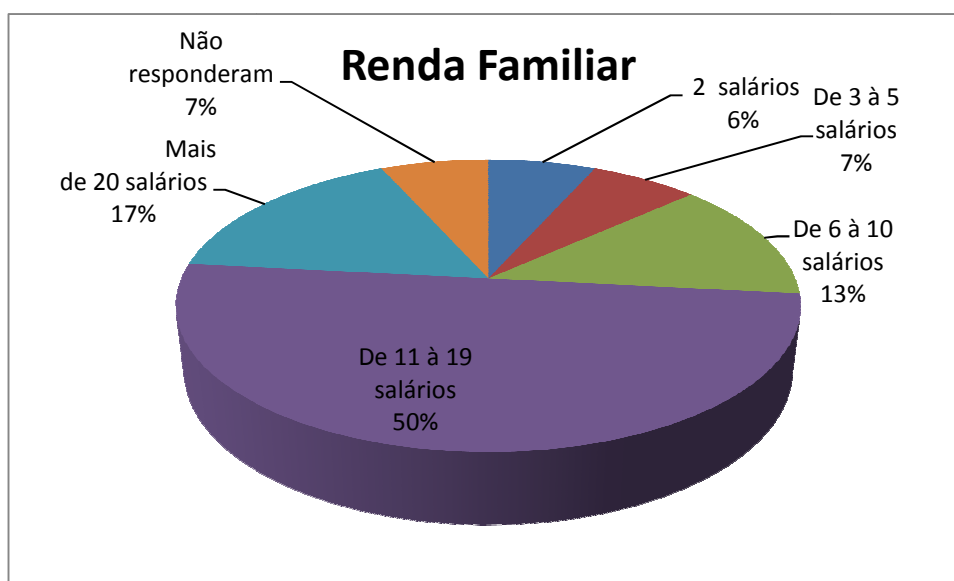


Gráfico 21. Renda familiar dos jovens da escola particular
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Nas duas realidades investigadas o indicador renda separa os jovens da escola pública da privada, observamos o quão distantes são as realidades econômicas de suas famílias.

Em se tratando de jovens e cultura, não poderíamos deixar de levar em consideração sua relação com o trabalho. Do total de jovens da escola pública, 17% trabalhavam, já na escola particular nenhum jovem trabalhava. Dos jovens trabalhadores, 40% estavam no mundo do trabalho há mais de um ano, conforme mostra o gráfico abaixo.

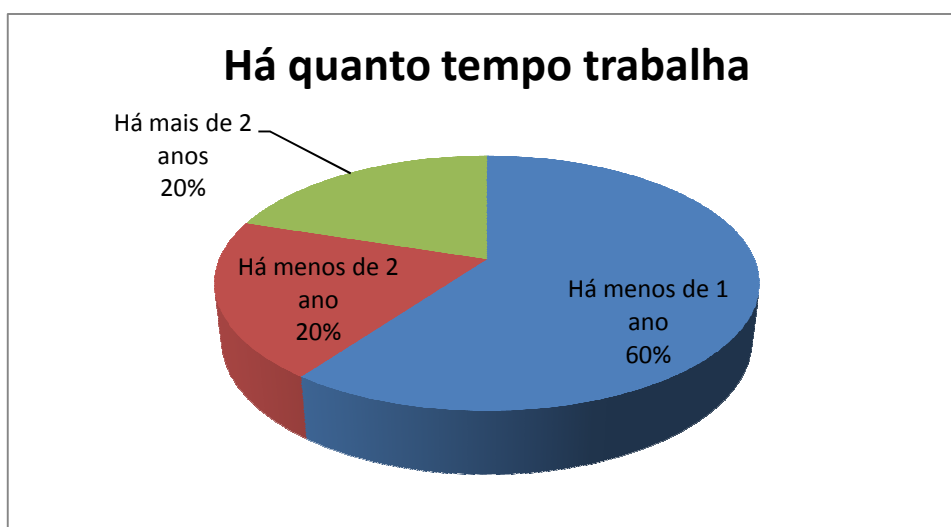


Gráfico 22. Há quanto tempo trabalha - jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

O trabalho não aparece como uma opção, mas uma necessidade, pois suas famílias dependem da contribuição destes jovens no seu orçamento familiar, diferentemente dos jovens da escola privada que tem suas despesas custeadas pelos seus responsáveis legais. Dos jovens trabalhadores, 40% começaram com 16 anos, 40% com 17 anos e 20% com 18 anos, em conformidade com a idade mínima permitida para a inserção laboral dos jovens no Brasil²⁶.

4.2. E o que pensam os jovens sobre suas juventudes

Dando voz aos jovens, indagamos sobre o que é ser jovem²⁷. Tanto os jovens da escola pública quanto da privada transitam de diferentes formas sobre categorias como: transformação, autonomia, responsabilidade, curtir e aproveitar a vida, ter amigos, como se pode observar nos trechos abaixo:

“Viver sem... sem ter preocupação com nada, sem ter responsabilidade, viver com seus amigos, aproveitar amigos da escola e tudo, porque quando a gente chegar à fase adulta a gente não vai ter nada disso” (Maria, Colégio Salesiano).

“Eu acho que ser jovem é tipo, você tem que curtir, mas você tem que... É um momento de amadurecimento de acho que metamorfose, sabe de transformação, mas que você tem se preocupar com o futuro, tem que equilibrar isso mais o futuro, porque o jovem é o futuro da naca” (Talía, Colégio Salesiano).

“Bom, acho que, ser jovem é aproveitar os momentos é que a vida oferece. É, é estar com saúde, é estar entre amigos, é aproveitar os momentos que ainda não existe um maior nível de responsabilidade” (Eduardo, Colégio Salesiano).

“Ser jovem é tipo, é curtir a vida, tipo sem ter responsabilidade assim né, que depois quando a gente fica numa certa idade tem que ter uma certa responsabilidade” (Bia, Colégio Salesiano).

“Ah, é tipo como, é ter uma idade que você não tem muita responsabilidade com trabalho, né. Não tem responsabilidade com a casa com as coisas, né. Uma idade mais de aproveitar assim a vida estudar bastante, tem que estudar bastante mermo, né. Porque não

²⁶ A Constituição Federal de 1988 proibia qualquer trabalho aos menores de 14 anos, salvo na condição de aprendiz. Este limite de idade foi modificado pela Emenda Constitucional no 20/1998, elevando a idade mínima para 16 anos e permitindo aprendizes com idade entre 14 e 16 anos.

²⁷ A partir deste momento será apresentado um conjunto de depoimentos dos jovens entrevistados no trabalho de campo desta pesquisa, cuja orientação seguiu o roteiro de entrevistas reunido no Anexo B desta dissertação.

pode pensar só na juventude e pensar no... No... No momento agora e pensar no futuro, né. Tem que pensar no futuro, então, ser jovem é aproveitar, mas com muita responsabilidade” (Alessandro, Colégio Salesiano).

Podemos identificar nas narrativas dos jovens a noção de juventude como preparação, transição. Segundo Dayrell e Gomes, as imagens atribuídas a essa fase da vida, "Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um 'vir a ser', tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente" (DAYRELL, GOMES, 2003, p.40). Como se a juventude fosse uma preparação para um “devir”.

As narrativas dos jovens da escola particular associavam a juventude, ora à ausência de responsabilidades, já que ainda não são adultos, ora com o equilíbrio entre “aproveitar e ter responsabilidades”, pois compreendem que ser jovem já exige um certo grau de responsabilidades., como por exemplo a aprovação no vestibular. Eles veem como responsabilidade maior a inserção no mercado e vivem com a ausência de exigência de trabalhar para garantir a sua sobrevivência enquanto estão estudando, preparando-se para a entrada no mercado de trabalho.

Os jovens pertencentes à escola pública associavam a juventude a um certo grau de liberdade que os adultos não tem, por medo se expor ao ridículo, uma fase onde é permitido um certo tipo de comportamento sem que seja taxado como alguém fora do padrão, já que se é jovem.

“Bem ser jovem, cara acho que ser jovem é tipo, você poder fazer, fazer o que vier na sua mente, mas não tudo aquilo que vem a sua mente. É você poder ter, ser aquilo que você é sem medo de as pessoas te acusarem, sem medo de as pessoas dizerem: - ah esse cara é doido, esse cara é isso, é aquilo” (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

Assim como os jovens da escola particular os jovens da escola pública também sentem a juventude como período de aproveitar a vida e curtir enquanto ainda não se tem grandes responsabilidades, como podemos verificar nas respostas abaixo:

“Ah, jovem... É não ter muita responsabilidade, você tá começando a viver, né. A sair, sair da escola, conhecer o mundo. É cheio de expectativa, cheio de sonhos” (Amanda, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ser jovem pra mim é viver, aproveitar a vida, sair, curtir” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

Outros jovens consideravam a juventude como etapa de transição para fase adulta, momento de crescer e amadurecer, de autoconhecimento e assumir responsabilidades. Mas não deixam de levar em consideração a autonomia conquistada.

“Ser jovem... É você... Começar a se conhecer mesmo. Cê já tem algumas responsabilidades. É (pausa), cê começar a se conhecendo mesmo, é culturalmente, com, profissionalmente, já, ser livre também, brincar com amigos e tudo mais assim” (Carlos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ser jovem pra mim é ter uma fase específica pra aproveitar a vida, pra se aprender, pra ter decisões importantes que a gente vai levar para o resto da vida. E é uma fase onde a gente constrói o nosso caráter, constrói a nossa pessoa, é na fase da juventude.” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

Há também os jovens que citam e comparam as gerações anteriores como “antiquadas” e os jovens como aqueles possuidores de um ânimo e de uma disposição diferenciada.

“Jovem eu acho que é... Saber tipo assim é... Ter, é algo tipo assim na cabeça de... Porque o velho, ele tem uma cabeça um pouco quadrada e o jovem não, ele já tem aquela disposição de trabalhar, aquela animação. E tem é a diferença do jovem pro velho, então eu acho que o jovem é aquilo que animação, alvoroço que eles sempre fazem, zuação, tudo isso.” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

A escola como espaço para os jovens, as amizades e a alegria também fazem parte das categorias utilizadas pelos jovens para definir o que é ser jovem. Além da expectativa em torno do futuro, envolvendo obstáculos, desafios e conquistas. A ideia de futuro se atrela a própria concepção de juventude, pois o futuro começa na juventude, como tempo de preparação, as escolhas a serem realizadas.

“Ser jovem pra mim é viver com alegria. Ter aquele prazer de estudar, é tipo assim acordar de manhã olhar assim: - Cara, hoje eu vou estudar. Uma nova, tipo assim, uma nova jornada que começa a cada dia pra mim, que eu tenho que enfrentar os desafios, pra viver

feliz e poder realiza tudo, quase tudo” (Marcos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Eu acho que ser jovem é ser... É ser consciente. Tem gente que fala que ser jovem é a mesma coisa de ser criança, mas eu não acho porque muitos jovens dão a possibilidade uns aos outros de ser mais inteligente do que os adultos. Eu acho que ser jovem é ser extrovertido, inteligente, acho que ser jovem é ter cabeça feita” (Alessandra, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ser jovem é bom demais. Se diverte, sai, curti, enfim, faz várias coisas, jovem tem que saber que é não é nenhum jovem assim que tem aquela característica, que tem um, como eu posso dizer, uma atitude madura, um jovem mais amadurecido, mais coisa de... Ele sabe dividir o seu tempo, ele sabe dividir sua vida, ah tempo pra isso, tempo pra aquilo, como eu, eu divido minhas coisas.(...) Sim, a gente curti festas também, mas saber também que nós, futuramente, nós temos uma vida, temos que começar a construir o futuro agora, plantar agora para que futuramente a gente possa colher e muitas outras coisas que eu vou falar, é várias coisas não tem nem como dizer” (Otavio, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Pra mim ser jovem é pensar no futuro, pensar no que eu vou ser. Pra mim ser jovem é isso. É criar meu amanhã” (Margarida, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ser jovem pra mim, na minha opinião, é ser uma pessoa alegre, uma pessoa que, que distrai assim, distrai no bom sentido, como é que posso falar? É... Sai, passeia, faz passeios, se diverte com outras pessoas, vamos supor, com os amigos, existem também as pessoas que ficam também isoladas, mas pessoas que se divertem assim, tem o seu cotidiano, mas feliz alegre, pra mim isso é que é ser jovem” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Acho que ser, acho que faz parte do convívio da gente, também que a gente vive essa questão de tá na escola, é... Os amigos, eu acho que seria isso, entendeu? As coisas que a gente curte é totalmente diferente. Acho que em si seria isso, que essa épocazinha de escola, terminando o ensino médio” (Lais, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ser jovem é poder estudar, se divertir, sair com os amigos, ter também planos para o futuro, é isso aí” (Tiago, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda) .

“Ser jovem pra mim é... Ter liberdade, tipo é muito bom, por exemplo, escola, alguns acham escola chatíssimo de estudar, né, mas acho que escola é uma forma de você ter amigos a sua volta tipo, fazer as coisas que você quer, ser jovem é isso” (Ester, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

Segundo Camarano, Mello e Kanso (2009) a juventude caracteriza-se, também, por ser o momento de entrada na vida adulta. Geralmente, esta entrada

ocorre após a saída escola, seguida da inserção profissional e da constituição de um novo núcleo familiar, com ou sem filhos. Apesar das mudanças ao longo do tempo e da alternância de algumas destas etapas, estas dimensões permanecem centrais no processo de autonomia e independência dos jovens. Como podemos observar este conceito não se aplica à realidade vivenciada por todos os jovens da escola pública, tendo em vista que quase 20% encontravam-se exercendo uma atividade laboral e 3% residem com companheiro.

Em nossa convivência com os jovens percebemos um diferencial em como os jovens da escola particular e pública planejam e idealizam o seu futuro. Os jovens da escola particular têm os seus projetos incentivados e planejados pela família e pela escola, que os estimulam à aprovação no vestibular, de preferência numa universidade pública e num curso de prestígio. Quando desligávamos o gravador o assunto eram as expectativas para o vestibular, havia jovens que faziam cursos preparatórios desde o primeiro ano do Ensino Médio. Relatavam, ainda, que a área apreciada por eles, nem sempre era a escolhida para o vestibular, em função do baixo salário e, por conselhos dos pais, acabavam optando por uma área cujo rendimento profissional seria maior. Lembro-me de uma jovem interessada em cursar moda, mas os pais a aconselharam a fazer Direito ou Odontologia, outra jovem gostaria de cursar História, mas os pais aconselharam a tentar o vestibular para Engenharia, assim como outro jovem interessado por pesquisas nas áreas de humanas, mas os pais o aconselharam a cursar Engenharia.

Na escola pública os alunos ansiavam pelo futuro, se preocupavam com ele, mas ainda não sabiam a escolha profissional a fazer. Muitos não sabem como são realizados os processos seletivos para a entrada nas universidades, outros nem pensam nela. Lembro-me de iniciar uma conversa com jovens do segundo ano sobre a seleção para o curso gratuito de pré-vestibular na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) que acontecia naquela data e um pequeno grupo se interessou e me pediu maiores informações. Expliquei o objetivo do curso, eles me indagaram como eram os exames de seleção para entrar na universidade. Depois de dialogar sobre o vestibular, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)²⁸,

²⁸ Exame Nacional do Ensino Médio consiste na única forma de entrada dos alunos nas universidades públicas no município de Campos dos Goytacazes. Pois tanto a Universidade Federal Fluminense, quanto a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (as duas universidades públicas existentes no município) o adotaram como forma de seleção.

uma jovem me perguntou: - Desculpa Sandra, mas o que é “privada”? Diário de Campo (25/10/2012), referindo-se à universidade privada. Os jovens falavam das dificuldades para adentrar a universidade e do pouco crédito que a escola e a família depositavam neles e da pouquíssima informação que eles tinham sobre este assunto.

Os jovens da escola pública (10%) também depositavam expectativas nos cursos técnicos. Um deles, já cursava numa escola técnica particular e os outros dois aspiravam fazer um curso técnico ao término do Ensino Médio.

Os jovens da escola particular atrelam a sua escolha profissional à carreira escolhida a partir do vestibular e isso é planejado pelos seus familiares desde sua entrada na escola (escolhendo aquela que consideram de qualidade e que aumentará as possibilidades de aprovação numa universidade pública). Os jovens da escola pública trabalham pela necessidade de contribuírem no orçamento doméstico, quase 20% já estavam inseridos no mercado de trabalho. A escolha profissional não depende do vestibular, talvez a entrada na universidade dependa de estarem trabalhando para bancá-la, já que poucos falavam em vestibular ou fizeram o ENEM, apesar de cursarem o terceiro ano.

Quando perguntamos na entrevista, quais eram as coisas boas e ruins em ser jovem, quase 50% dos jovens da escola pública nos responderam que ter liberdade e autonomia eram as melhores coisas, o restante dos jovens dividiram-se pelas “brincadeiras e animações”, estudar, namorar, sair com os amigos, a família, aprendizado e ter mais responsabilidade. Como veremos a seguir:

“E o lado positivo é você ser livre, você ter as suas decisões sem ficar muito preso, tipo assim, é o tempo passar e você não ter decidido alguma coisa você pode decidir com calma e ao mesmo tempo se divertindo. Na escola é um ambiente que você brinca o tempo todo, você dá risada, ao mesmo tempo é um ambiente sério, você está aprendendo, você tá tomando decisões” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“E uma das vantagens do jovem, do adolescente que ali ele vai aprendendo, e é bom sempre ter um pai, ou alguém, uma pessoa, mais sábia, mais amadurecida, como eu falei, pra tá orientando, pra tá ajudando (...)” (Otávio, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Coisas boas de ser jovem... Acho que coisas boas são, tipo assim, dependendo da, da idade é aquela que cê não trabalha, é aquela

onde você às vezes pode sair a hora que você quiser ou você pode tem tempo pra fazer o que quiser, ter uma banda, você pode andar de skate” (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Boas... É a amizade né, os amigos, você se diverte” (Carlos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Coisa boa eu acho que é a brincadeira, é a animação assim que a gente jovem passa” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Boas é tem nada te prendendo” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“As boas é ser, você pode fazer as coisas” (Tiago, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“E boas: é namorar, namorar pode ser em qualquer idade, mas jovem é mais gostoso, é mais divertido, ham, fazer aquilo o que quer quando está com vontade na cabeça acho que é isso” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

Os jovens associaram as coisas boas de ser jovem com as próprias categorias que elegeram para definir o que é ser jovem, pois aproveitar o tempo, a alegria, a animação, curtir, divertir, estudar, não trabalhar, ter responsabilidade ou não ter responsabilidade. Alguns se dividem neste aspecto, ao acreditarem que estão se preparando para vida adulta, creem na responsabilidade como algo positivo. Ao contrário, quando acreditam que são muito cobrados, depositam na juventude a característica da ausência de responsabilidade. Um grupo deles descreve o equilíbrio entre a liberdade e a responsabilidade. Esse fato acontece com os jovens dos dois grupos participantes da pesquisa.

A imagem que os jovens têm acerca da juventude atrelada à liberdade não consiste numa novidade, pois deriva da visão romântica da juventude a partir dos anos de 1960, quando despontou uma indústria cultural e um mercado de consumo dirigido aos jovens. Segundo Dayrell (2003, p.41), nessa visão, “a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos”.

Quando perguntamos aos jovens da escola particular, quais eram as coisas boas em ser jovem, 40%, elegeram a autonomia, seguido de; aproveitar a vida 30%, a alegria 10%, a possibilidade de mudanças e aprendizado 10% e sair com os amigos 10%.

“Coisas boas é que você nessa etapa da vida, cê tem uma liberdade maior de fazer as coisas, cê não tá tão preso a trabalho, nem tão preso tanto mais quando você estava quando era criança aos pais” (Marcelo, Colégio Salesiano).

“As boas eu acho que você tem mais disponibilidade de fazer o que você quer, de poder estudar” (Cláudia, Colégio Salesiano).

“Ah, ter algum, até um certo ponto, uma liberdade. Poder aproveitar bastante que depois a gente não vai poder aproveitar” (Mariana, Salesiano).

“Acho que as coisas boas é isso, é tipo você aproveitar sua vida e seu tempo sem ter que se preocupar com nada” (Maria, Colégio Salesiano)

“E uma coisa boa eu acho que é poder mudar o futuro, tipo mudança... Aprender... E... Você ter vários tipos de concepções e você ter, começar a ter a sua consciência formada” (Karina, Colégio Salesiano).

“Bom, a parte boa de ser jovem é a, é o humor, é a alegria, é tá querendo sempre estar em festa, é energia” (Eduardo, Colégio Salesiano).

Os jovens da escola pública e da escola particular reconhecem como coisas boas em proporções e formas diferentes, a juventude como tempo de estudar e preparação para a vida adulta e o trabalho.

O jovem identificado usualmente como estudante, portanto sem obrigações do trabalho – indica o peso da compreensão transicional ainda hoje, tendo sua atualização pela *moratória social*: um tempo concedido ao sujeito protelando sua entrada na vida adulta e possibilita, “[...] experiências e experimentações que favorecerão seu pleno desenvolvimento, especialmente em termos de formação educacional e aquisição de treinamento.” (AQUINO, 2009, p. 26)

Quando a pergunta aos jovens da escola pública refere-se às coisas ruins em ser jovem, as más escolhas realizadas são apontadas por mais de 50% dos jovens neste quesito. Este foi um item a ser compreendido por nós nos sinais emitidos pelos jovens da escola pública. Só um deles falou claramente do uso de drogas, e outra jovem da violência existente na comunidade, os demais falavam em códigos como “má escolha”, “amizades ruins”. Só quando desligávamos o gravador que o papo sobre violência e drogas fluía com um pouco mais de clareza, situação que afeta a circulação dos jovens nos bairros e as suas vidas de modo geral. Os demais

dividiram-se entre; falta de maturidade ou experiência, ser desacreditado pelas pessoas, cobranças e responsabilidades.

“Vão falar na ruim, o ruim de ser jovem: Cobrança do pai, é... Coisas que tem fazer de casa, serviço, principalmente quando se tem irmãos pequenos” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Ruim é porque a gente somos mais cobrados” (Cris, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Acho que o lado ruim, o ruim do jovem é que alguns não tem muita maturidade, não tem muito entendimento’ (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“A coisa ruim de ser jovem (pausa), às vezes você toma algumas atitudes erradas” (Carlos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“E a coisa ruim é que tem alguns jovens que tem a cabeça um pouco fraca e acaba é cedendo a algumas coisas que não convém ao que a pessoa jovem tem que fazer” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ruim é tem que tomar cuidado, drogas, essas coisas” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Ruim... (pausa) acho que só as coisas que acontecem mesmo com a gente no dia-a-dia de, devido da gente se misturar com algumas pessoas... Devido o que a gente fala às vezes, entendeu? Amizade às vezes que não são tão boas assim pra gente” (Laís, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Nós somos meio, meio que desacreditado pelas pessoas, às vezes: - Ah, é jovem não sabe isso, não sabe aquilo. E às vezes a gente não tem a mesma consciência pra perceber essas coisas, por exemplo, o primeiro emprego, a gente ainda não tem experiência é... têm várias situações assim do dia-a-dia também a própria família também acaba dizendo como é jovem e desacreditando de algumas coisas” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“As coisas ruins são que a maioria das vezes pessoas, vamos supor, você perde várias coisas por falta experiência, por ser, por não ser tão maduro, assim você ser um jovem ainda, você perde por causa disso por causa da sua falta de experiência” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

A responsabilidade requerida das moças é diferente das exigidas aos rapazes, pois quando elas crescem são cobradas com relação aos cuidados que devem ter com seus irmãos e casa. Uma jovem nos relatou que não estava conseguindo frequentar a escola no segundo semestre, pois sua mãe havia falecido no mês de julho. Depois disto, assumiu o trato com a casa e o cuidado dos irmãos

mais novos, pois o seu pai trabalhava muito, saía de casa cedo e só retornava tarde da noite e não havia mais ninguém que pudesse ajudá-la com os cuidados que a mãe realizava. A responsabilidade dos rapazes referia-se à entrada no mercado de trabalho. Tanto que os relatos diziam respeito à falta de experiência e cobranças do mercado de trabalho, além disso, como já descrito anteriormente, dos quase 20% que trabalhavam, 90% eram do sexo masculino. Não que o mercado de trabalho não preocupe as moças, elas também reclamam da experiência como pré-requisito para o primeiro emprego, inviabilizando a entrada no mercado de trabalho.

Dos jovens da escola privada, 40% apontaram as mudanças como algo ruim, 30% a falta de autonomia, 10% a pressão sofrida, 10% o aprendizado e 10% o envolvimento com as drogas.

“E o lado ruim é que você tem muito conflito com você mesmo, é a mudança, é tipo jovem é transição, é mudança mesmo da gente” (Marcelo, Colégio Salesiano).

“As ruins são que você não pode tomar suas decisões sozinho, você é dependente de algum responsável” (Claudia, Colégio Salesiano).

“É tipo, acho que no geral acho as pessoas diriam que o ruim é a responsabilidade que começa a recair sobre a gente, questão principalmente agora de vestibular, de tipo olhar pro futuro, entendeu” (Karina, Salesiano)?

“Acho que pra mim é a pior parte é isso que a gente não tem o certo, não sabe muito o que é o certo e o que é errado, a gente tá naquela fase de aprender então sempre tem alguém que fala: _Oh eu te avisei, não era pra ter feito isso” (Mariana, Colégio Salesiano).

“Coisa ruim, só acho que só tem quando a pessoa se deixa... Deixa acho que, xô ver, se deixa... Se, se permite fazer com que algo ruim aconteça, por exemplo, a questão mesma de drogas, essas coisas. É uma coisa ruim? É. Mas nem todo jovem passa por isso na sua juventude, porque não é todo mundo que precisa disso pra sua vida” (Maria, Colégio Salesiano).

“É eu acho ruim essa metamorfose que a gente tá passando, que muda tanto que um ano você é uma coisa em outro ano é outra coisa, aí às vezes num ano você foi e seguiu uma ideologia e no outro ano você pensa: _ Nossa, por que eu segui aquela ideologia? Sei lá, é muito de repente as coisas que você fez, mas que naquele ano foi bom tipo pensou que ia ser bom pro futuro, aí você muda de novo” (Talia, Colégio Salesiano).

Quando o assunto foi apontar as coisas ruins em ser jovem, fica claro as diferenças nos modos de viver a juventude nos dois grupos de jovens. Para os

jovens da escola pública, a violência, as drogas, são o que tornam mais difícil vivenciar suas juventudes. Enquanto para os jovens da escola particular a falta de autonomia e as mudanças são os fatores que mais os incomodam.

De um lado, entre os assuntos que mais interessam aos jovens da escola pública, os entrevistados destacaram temas tão variados como: esportes, amizades, trabalho, educação, religião, informação, entretenimento, futuro, como podemos observar:

“Assuntos que mais interessam: internet, ham... Sei lá (risos) pôxa, convivência com as pessoas, é... Vamu, vamu lá, fazer o que, o quê que eu quero no futuro, eu sei lá” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Os assuntos que mais me interessam é... Alguma coisa é... Jornal, internet, facebook... Tudo isso me interessa” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“A mim? Olha, eu gosto de entretenimento, eu gosto de ficar bem antenado, saber das coisas. Eu... é isso aí, eu gosto, isso aí de brincar” (Tiago, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“(longa pausa) Esporte... (longa pausa). Só esporte é o que vem agora” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Andar de skate, tocar com minha banda, ir na igreja, sair com os amigos, é... seria isso, enfim” (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)!

“Olha, seriam as coisas que eu gosto de fazer, vamos supor, agora nesse momento mesmo eu tô fazendo paródia, peça aqui na escola, essas coisas me interessa bastante.

Meus amigos assim, são as coisas que mais me interessam, e sem tirar também no sentido agora de estudo, né, que eu tô terminando o ensino médio aí tô bem, tô bem preocupada com essa questão de ver se eu faço, consigo a faculdade e tal.” (Laís, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Eu gosto muito de (pausa) é... Esporte, essas. Penso muito no meu futuro também, profissional, (pausa) eu vejo, eu tô buscando muito isso agora...” (Carlos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Bom, vamos supor, como eu sou um, um homem, um menino evangélico assim os assuntos relacionados à igreja, a jovens mesmo da minha idade assim, mas só que puxando pro lado do evangélico assim, essas coisas que me interessa” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Olha eu, eu gosto muito, não só pela religião, mas eu me interessou muito em aprender as coisas assim da bíblia” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“No geral? Cara eu gosto muito de... (risos) bom eu gosto muito de sair com meus amigos, gosto muito mesmo é de viver, né a cada momento assim” (Marcos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Olha o que me interessa nesse exato momento é terminar o segundo ano, né, Concluir o estudo, o segundo ano do ensino médio. Fazer um concurso, um curso técnico, né, e começar a construir a vida, começar a construir um futuro, como eu falei” (Otávio, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Assuntos... (longa pausa) o estudo” (Cris, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)!

Do outro lado, os jovens da escola particular afirmaram ter interesse por moda, educação, música, arte, ciência, esporte, conversar, seguidos de religião, televisão e sexo. Embora a sexualidade seja um tema erroneamente explorado pela mídia como interesse juvenil (Calanza, 2005), não foi o principal assunto de interesse manifestado pelos jovens entrevistados.

“Humm, é programas de televisão, assim que gosto muito que aquele que as pessoas cantam, The Voice Brasil, essas coisas. Moda, maquiagem, roupa” (Lia, Colégio Salesiano).

“Sexo, e concurso de beleza, é muito show também” (Alessandro, Colégio Salesiano).

“Acho que conversar, não sei o certo assim eu não sei dizer” (Deise, Colégio Salesiano).

“Eu gosto muito de estudar... De ter esse interesse pelo vestibular, eu gosto muito de estudar. E... Música também me interessa muito e na área que eu quero também que de Relações Internacionais, eu gosto muito de pesquisar sobre isso” (Claudia, Colégio Salesiano).

“Bom eu gosto muito de, eu gosto de futebol. Sobre... Eu gosto muito sobre é... Artigos sobre a área humana, digamos, digamos, alguma, alguma pesquisa, como o assunto que você tá fazendo, é uma pesquisa sobre, a área, relacionada à área de humanas, das pessoas, de relações, eu gosto dessa área” (Eduardo, Colégio Salesiano).

“Ideologia, música, cinema, arte” (Talia, Colégio Salesiano).

“Eu gosto muito de música, de ciência... política nem tanto, somente isso, música, ciência, esporte não. Arte no geral” (Marcelo, Colégio Salesiano).

“Humm... Eu gosto muito de moda, que eu até tentei fazer a faculdade de moda é... Gosto também de falar sobre coisas tipo de religião assim eu gosto de discutir e tal. Porque é um assunto

polêmico, né, que falam que religião, futebol e política não se discute, mas assim eu gosto, porque eu gosto de saber tipo um pouquinho de cada coisa, assim” (Suelen, Colégio Salesiano)

“Acho que... (risos), acho que tudo me interessa um pouco! Eu gosto de lidar com as pessoas eu gosto de poder ajudar eu gosto de... Poder tipo tá junto com os outros e tipo se divertir com qualquer coisa e eu acho que o assunto que eu mais gosto de falar é... Sobre pessoas” (Karina, Colégio Salesiano).

Os dois grupos de jovens têm em comum, de formas diferentes o interesse pelos esportes e artes; os jovens da escola pública curtem mais música, e os da escola privada relatam apreciarem além da música, artes em geral. Quase 40% dos jovens da escola privada citaram o gosto por ciência, tema que não apareceu como assunto para os jovens da escola pública, assim como o tema moda.

Os assuntos que mais preocupam os jovens pertencentes à escola pública, dizem respeito a 43% futuro profissional, 22% violência, 7% falta de oportunidades, 7% gravidez, 7% responsabilidade e 7% política, como seguem nos relatos abaixo:

“Questões que mais me preocupam... É isso mesmo, o quê que eu vou fazer. Porque quando se é jovem, se ah, eu gosto disso eu gosto daquilo, só que depois chega lá na frente não e nada daquilo que a gente quer, o que a gente... A gente é pressionado pelos pais, entendeu” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Me preocupa é o futuro que eu ainda não sei o que fazer, isso tá me complicando um pouco e tá difícil eu saber e eu tô pensando, vou ver se eu faço agora uns curso aí, vou ver o quê que eu faço da vida que tá difícil. Isso me preocupa muito (Tiago, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ah, o futuro, emprego, a vida futura” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Que me preocupam, é mercado de trabalho, assim como jovem a gente ter um futuro, tenho que pensar: -Será que eu vou fazer uma faculdade ou não? Ou falo; _ Não, vou fazer um curso técnico” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“A violência. Que tá hoje terrível” (Clara, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“É em colocar a cabeça no lugar, saber que a infância passou, a adolescência passou, tenho que pensar em construir o futuro, porque hoje eu tenho, graças a Deus, o meu pai e a minha mãe que me ajudam, apesar de todas as situações, mas me ajudam, mas vai

chegar um tempo né, que eu não vou ficar com meus pais toda vida, então eu tenho que começar a focar naquilo. O que mais me preocupa nesse momento é o meu futuro” (Otávio, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“(Longa pausa) Responsabilidade” (Cris, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“É como, a gente tá na rua se é jovem a gente geralmente é pescado por muita coisa ruim e também tem muita coisa boa que a gente procura, mas a gente nunca tá vendo pode estar a nossa volta, a gente sempre despreza assim, geralmente o que puxa mais as pessoas é essas coisas ruins que mais comum. Como eu te falei mais cedo, eu tenho tentando melhorar sempre, eu, eu busco sempre fazer coisas boas, não venho buscando fazer algo que me prejudique” (Marcos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“A morte. Eu tenho muito medo assim das pessoas que, das pessoas que eu amo assim morrerem assim, que eu perdi a minha mãe, então eu fico com medo de perder outra pessoa muito importante assim, em alguma situação de violência, de doença, alguma coisa assim” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“O que mais me preocupa é assim, a pessoa é antes, na adolescência na fase dos 18 anos ela pega e engravida, eu acho que isso é uma coisa que perde a essência da juventude” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Como jovem, os assuntos que mais preocupam... É isso mesmo, entendeu, antigamente, né, pelo menos a gente podia sair, podia, hoje em dia nem no portão a gente pode ir mais por causa da, do mundo de hoje em dia, então é mais isso” (Amanda, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Acho que o que mais preocupa o jovem é a falta de oportunidade, é muito preconceito ao jovem, que sempre olha a gente como se a gente não fosse conseguir algo, parece que sempre olha a gente como, já olha a gente como fracassado digamos assim. Cê, as, às vezes algum jovem quer procurar um serviço, algo assim as pessoas falam, mas ele, de repente ele tem um curso, ele tem alguma coisa, mas as pessoas falam assim: -Mas ele não tem experiência” (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

A violência faz parte do cotidiano destes jovens, tentando driblá-la, fugindo dela, mesmo que esta esteja nas ruas ou bata à porta. Nossos jovens tem razão para se preocuparem com a violência pois, nos últimos anos, tem-se registrado taxas elevadas de vitimização fatal entre os jovens. De acordo com o Mapa da Violência (2011, p. 49), o município de Campos dos Goytacazes, ocupava 82º posição no ranking nacional com a taxa média de 71 homicídios de jovens.

As questões que mais preocupam os jovens da escola particular referem-se: 80% ao futuro, 10% igualdade e preconceito, 10% atos inconsequentes dos jovens.

“É sobre o meu futuro o quê que eu vou ser, se eu vou conseguir passar numa faculdade boa, se eu vou conseguir bancar a minha família, comprar apartamento pra dar pros meus pais” (Lia, Colégio Salesiano).

“Meu futuro profissional” (Alessandro, Colégio Salesiano).

“Acho que o futuro... É quando falam que o jovem é o nosso futuro, então eu fico muito querendo saber no que vai ser o futuro dependendo do que eu vou fazer, entendeu” (Flávia, Colégio Salesiano)?

“Meu futuro. Meu futuro. Minha maior preocupação é o que eu vou fazer, eu não tenho certeza ainda” (Deise, Colégio Salesiano).

“Eu me preocupo muito com meu futuro, se eu vou conseguir passar pra faculdade que eu quero, sobre trabalho, sobre se eu vou conseguir ter, sustentar minha família” (Cláudia, Colégio Salesiano).

“O que mais me preocupa é que muitas vezes o jovem por estar naquela fase de mentir ao extremo, hormônios ao extremo, ele não pensa nas consequências de muitos atos então ele, ele sai pra uma festa, uma noite e bebe sem limite, usa alguns tipos de entorpecentes, então, muitas, muitos, muitos jovens não pensam nas consequências no que vem a degradar um pouco a sua vida, a ter um filho muito cedo, a ter um problema de saúde sério por causa de cigarro, por causa de um bebida, então eu acho que o jovem muitas vezes não pensa nisso” (Eduardo, Colégio Salesiano).

“Acho que a igualdade, e eu acho que respeito a diferença, porque tipo eu não gosto daquela coisa de é tem que ser, tem gente que não aceita, sei lá por causa da religião, até que eu tava falando com você aquele dia, é eu acho que é, tinha que ter uma igualdade maior tipo, as pessoas tinham que respeitar mais, tem gente que fala não, não sei o quê. Até outro dia eu tava vendo novela, não tem Avenida Brasil? Aí a gente tava assistindo eu minha tia e minha avó aí ela, ela tava falando mal da promiscuidade que tem na novela, aí ela falou também dos homossexuais que ela acha, que não acha certo isso, que isso não existe que é errado, acho que, que as pessoas tinham que mudar um pouco a visão entendeu” (Talia, Colégio Salesiano).

“Eu acho que é o meu futuro (risos). É tipo assim eu saber mesmo qual, como vai ser quando chegar lá na, na fase adulta e vou ter o meu trabalho e aí” (Maria, Colégio Salesiano)?

“Ah, do futuro mesmo a questão do futuro. Eu acho que hoje o que mais tem me preocupado é a questão do futuro do vestibular e essas coisas” (Karina, Colégio Salesiano).

Assim como os jovens da escola pública, os jovens da escola particular preocupam-se com o seu futuro, a escolha da carreira, a aprovação no vestibular e ainda, se as suas escolhas garantirão um trabalho que lhes assegurem uma vida digna.

Os jovens participantes da pesquisa dos dois grupos demonstram preocupação acerca das questões políticas, coletivas e democráticas. Um jovem de cada grupo relatou a preocupação com a política, como fazer a diferença por essa via, conforme seguem as narrativas:

“Questões sobre, por exemplo, é como é feita a lei, o julgamento do mensalão, que define o futuro do país de certo modo. Questões que vão afetar não só a minha vida também, mas também a vida de outras pessoas a minha volta” (Marcelo, Colégio Salesiano).

“Política, me preocupa demais! Me preocupa demais, porque, vamos supor, nesse ano eu ainda não votei, porque não deu tempo pra mim tirar meu título, eu fiz dezoito anos esse ano, mas já tinha passado da época de tirar o título. E sei lá, pelo o que eu vejo no dia-a-dia, eu não sei se tem uma boa opção, eu me preocupo demais com isso aí, porque vamos supor, meus professores de agora mesmo eles, eles deixam bem claro pra gente o que tem sido a política no Brasil, isso me incomoda demais, porque, sei lá, eu fico pensando, quando eu for votar a responsabilidade é muito grande, não só por mim, mas como pela sociedade e o quê eu vou fazer com essa falta de opção” (Lais, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)?

A juventude, para eles, também é um tempo de curtir a vida, alegria, animação, sair com os amigos, assumir responsabilidades, ausência de responsabilidades, namorar, liberdade. Apreciam estudar e consideram a juventude fase de aprendizado e oportunidade para tentativas, acertos e erros. Mas também relatam a juventude como um período em que “se pode entrar em furadas”, por conta das “cabeças fracas”, do uso de drogas e da violência que podem comprometer o futuro.

As narrativas dos jovens participantes nos revelam como as juventudes se unem e se separam, conforme os contextos culturais e principalmente pelas desigualdades sociais. São jovens com trajetórias que se unem a partir dos sonhos de um futuro e diferem por conta das desigualdades de oportunidades que se apresentam. Todos almejam por um futuro feliz e pleno, conquistado por meio da ocupação no mercado de trabalho que lhes proporcionará as conquistas materiais e o bem estar que procuram alcançar, manter ou melhorar.

4.3. Acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude, cultura e o uso do tempo livre

As dimensões sociológicas e antropológicas da cultura (BOTELHO, 2001) nos desafiam a compreender como os jovens vivenciam as suas juventudes. A partir das narrativas, características, escolhas, e os seus condicionantes (sociais, económico, étnico-raciais, género), nos foi possível concluir de forma teórica (DAYRREL 2003; ABRAMO, 1994) e empírica a existência de várias juventudes, assim como de uma pluralidade cultural.

No que diz respeito à cultura, na opinião dos jovens da escola pública, 83% acreditam que música seria cultura, 63% arte e demais itens como; 50% cinema, 53% livro, 50% festividades. Já a televisão foi apontada por 33% dos jovens como cultura, conforme o gráfico 23.

Os jovens da escola particular consideram como cultura: 100% música, 86% livro, 86% arte, 83% cinema, 53% festividades e 43% televisão. Os dados apontam que o conceito de cultura que permeia a concepção dos jovens estava mais ligado ao erudito, a dimensão sociológica da cultura (BOTELHO, 2001), ao que o senso comum chama de arte, ou seja, da expressão artística.

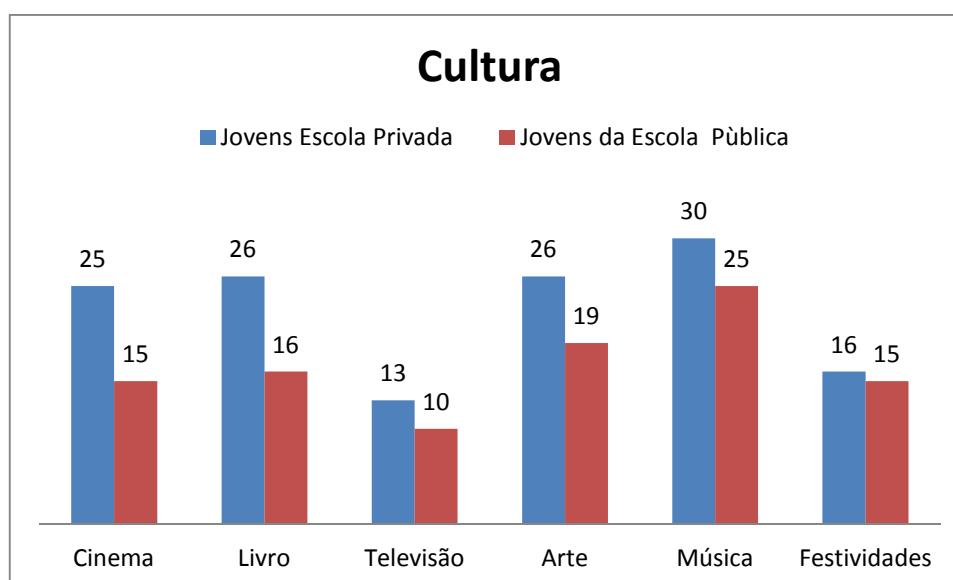


Gráfico 23. O que os jovens entendem por cultura
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Nos dois grupos pode-se identificar a desconsideração da televisão enquanto cultura, já que dos itens foi o que recebeu menor atenção dos jovens que

responderam ao questionário. Hoje, não há dúvidas de que a televisão é uma das mais poderosas instituições culturais. Numa sociedade em que mais pessoas assistem a programas de televisão do que leem livros, na qual crianças passam mais tempo defronte o aparelho do que em qualquer outra atividade, poucos podem negar o poder simbólico da televisão. Mesmo entendendo o poder de televisão e o seu raio de ação, podemos perceber uma certa crítica dos jovens, talvez pelo conteúdo transmitido por este veículo de comunicação.

Dos lugares que visitaram (Gráfico 24), dos jovens da escola privada, 100% foram ao teatro e biblioteca, 93% à livraria, 83% shows públicos, 73% museu. O menos visitados pelos jovens foram o arquivo público 20% e 56% casa de cultura.

Os lugares visitados pelos da escola pública foram: 90% shows públicos, 80% biblioteca, 73% livraria, 50% teatro. Quanto aos lugares menos visitados destacam-se 36% museu, 26% casa de cultura e 30% arquivo público.

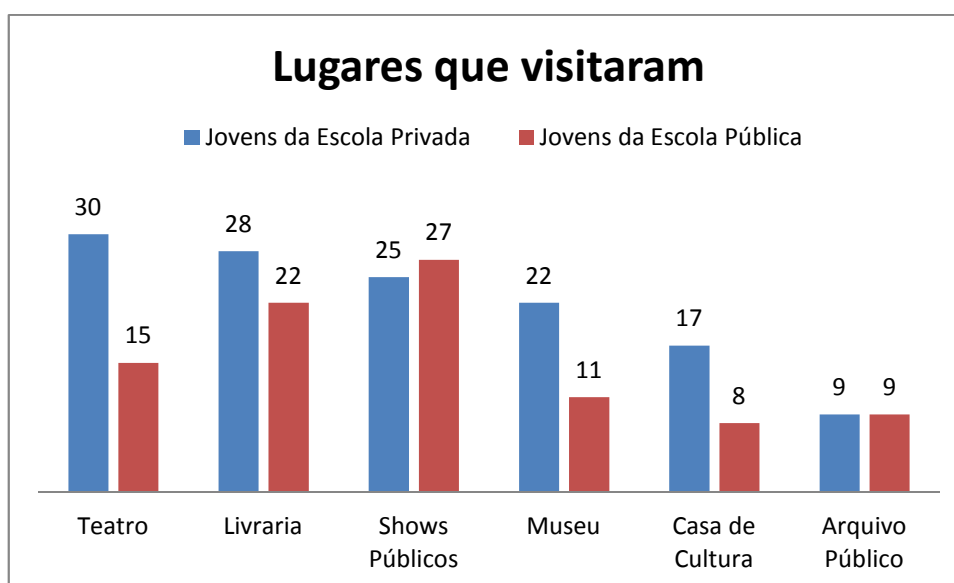


Gráfico 24. Lugares que os jovens já visitaram
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

O gráfico acima nos permite visualizar como todos os jovens da escola privada já foram ao teatro e a biblioteca, enquanto apenas 50% dos alunos da escola pública tiveram acesso ao teatro pelo menos por uma vez. Segundo Canclini (2010, p. 46) há uma explicação que surge do crescimento territorial e demográfico da cidade. Além das desigualdades econômicas e educacionais [...] bem como a distribuição não equitativa das instalações dificulta a ida a espetáculos públicos.” (CANCLINI, 2010, p. 59) Em Guarus, onde residem 100% dos jovens da escola

pública, existe apenas um teatro pertencente ao Serviço Social da Indústria (SESI), próximo a área do centro da cidade, distante da periferia.

O lugar comum aos dois grupos, em proporções diferentes são as poucas visitas à casa de cultura e ao arquivo público. Os lugares mais visitados pelos alunos da escola pública do que pelos da escola particular foram os shows públicos²⁹.

O Gráfico 24 nos trazem dados interessantes para refletir sobre as políticas culturais no município, pois 60% dos jovens da escola pública afirmaram ter participado de projetos culturais desenvolvidos pelo poder público, enquanto 66% dos jovens da escola privada. Não basta ter oferta, o acesso também deve ser pensado pelos gestores de políticas públicas. Onde ir, como ir e, ainda, como essas informações chegam aos jovens também fazem diferença.

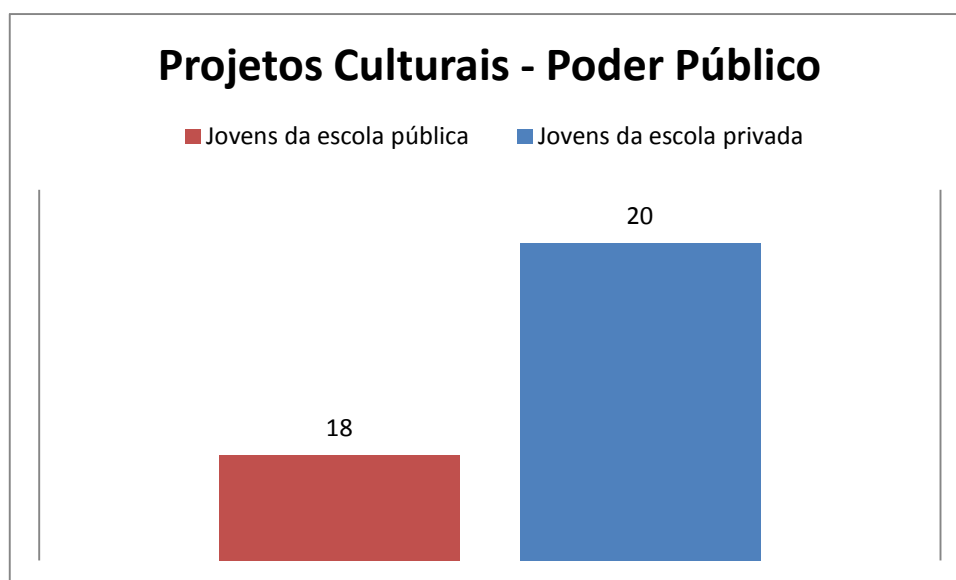


Gráfico 25. Participação de projetos culturais oferecidos pelo poder público
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Ainda no que diz respeito às atividades culturais praticadas pelos jovens no âmbito do poder público, as proporções são bem semelhantes entre os dois grupos

²⁹ No município de Campos dos Goytacazes há um forte gasto dos últimos governos municipais neste tipo de evento. Desde a gestão do ex-prefeito Arnaldo França Viana, que inclusive foi condenado pelo uso abusivo das verbas públicas, oriundas dos Royalties do petróleo. O TCE-RJ- Tribunal de Contas do Estado no Processo N:200.627-4/02 identificou irregularidades nas contratações de artistas no período entre 01/07/01 e 31/02/2002. As principais irregularidades ressaltadas pelo TCE se referem ao cumprimento dos preceitos exigidos na formalização do processo de invisibilidade de licitação de acordo com a lei 8.666/93. O seu sucessor Alexandre Mocaiber manteve a linha do seu antecessor. A atual gestão investe menos que seus antecessores, mas ainda, dentre as políticas implementadas na área cultural, é sem dúvida a que tem mais visibilidade.

de jovens. Dos jovens da escola pública, 90% da escola participaram de shows públicos, 70% exposições, seguidos por 20% concertos, 13% bailes, 3% recitais, 6% projetos esportivos e 3% no ProJovem³⁰. Já os jovens da escola particular, 80% participaram de shows públicos, 80% exposições, 16% concertos, 10% recitais, 6% projetos esportivos e 3% show gospel, como demonstra o Gráfico 25.

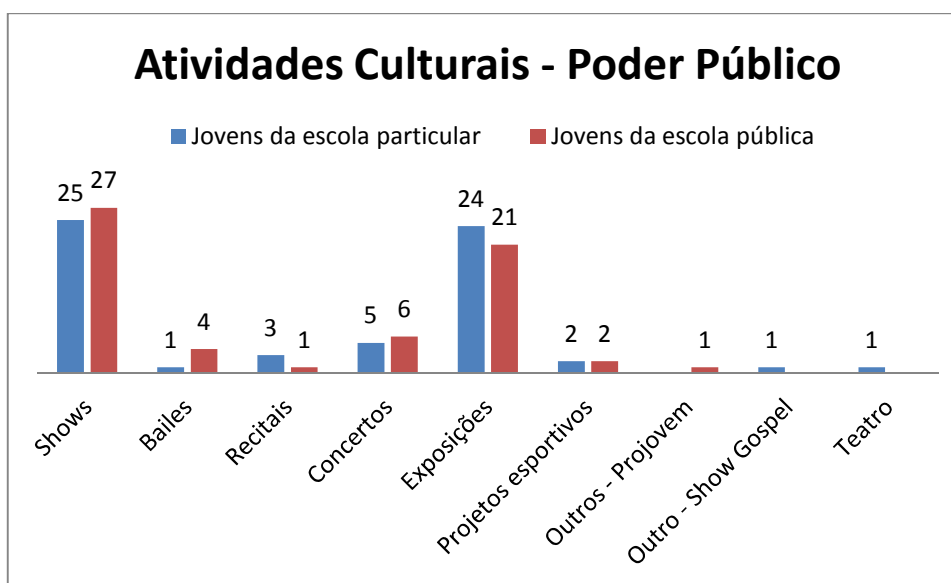


Gráfico 26. Participação em atividades culturais oferecidas pelo poder público
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Nota-se que apenas 1 um dos 30 jovens da escola pública participava de programa do qual o jovem fazia parte, é de iniciativa do governo federal, implementado em parceria como os municípios.

Segundo Botelho (2001, p.73) a vida cultural do indivíduo não se faz apenas por meio do uso do chamado tempo livre e do gasto de dinheiro, mas admite atitudes em períodos, em que não parece existir a presença do cultural, necessitando do conhecimento das várias faces do cotidiano. Mas o uso do tempo

³⁰ Programa Nacional de Inclusão de Jovens, que contemplava ações de aceleração de escolaridade, qualificação profissional e execução de ações comunitárias para os jovens e transferia auxílio financeiro da ordem de R\$ 100,00 para os jovens que apresentavam as seguintes características: tinham entre 18 e 24 anos, haviam concluído a 4a série, mas não a 8a série do ensino fundamental e não tinham vínculo empregatício. O programa foi reformulado em 2007, e está subdividido em quatro modalidades: I) ProJovem Urbano – serviço socioeducativo; II) ProJovem Trabalhador; III) ProJovem Adolescente; e IV) ProJovem Campo – Saberes da Terra. Destinado a jovens de 15 a 29 anos, o ProJovem Integrado entrou em vigor a partir de 1o de janeiro de 2008 com objetivo de promover sua reintegração ao processo educacional, sua qualificação profissional e seu acesso a ações de cidadania, esporte, cultura e lazer. O ProJovem na versão atual padronizou o valor do auxílio financeiro pago aos beneficiários em R\$ 100,00 nas três das quatro modalidades – ProJovem Urbano, ProJovem Trabalhador e ProJovem Campo. No ProJovem Adolescente o valor o auxílio financeiro é de R\$ 30,00.

livre consiste num momento de construções importantes, pois segundo Ana Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2005, p.178) é, sobretudo nele, que os jovens edificam suas normas e experiências, identidades e expressões culturais.

As atividades que os jovens da escola pública realizam na cidade no uso do tempo livre foram bastante diversificadas e as que reúnem um número maior de jovens são: 76% ir à igreja, 70% namorar, 66% sair com amigos, 56% ir ao Shopping Center, 63% visitar parentes e amigos, 56% ir ao cinema, 50% passear. As atividades com menos participação foram: 23% sair para dançar, 13% ir ao teatro, 10% ir ao museu, 6% dança, 3% atividades esportivas, 3% tocar com a banda e andar de skate, 3% curso de modelo.

“Fim de semana namoro, e vou à igreja. Revejo alguns amigos, mas é mesmo mais igreja e namorar” (Carlos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Atividade... É andar de skate (risos). Tirando isso eu acho que, eu fico em casa às vezes, vou pro SESC tomar banho de piscina, não sou muito de sair não” (Lais, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Eu estudo, trabalho e quando dá eu saio com o pessoal” (Clara, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Tempo livre faço academia” (Beatriz, C. E. Dr. Félix Miranda).

Para os jovens da escola particular as atividades que se destacaram as seguintes atividades: 96% sair com os amigos, 90% ir ao cinema, 76% passear, 76% ir ao Shopping Center, 70% visitar parentes e amigos, 60% ir à igreja. As atividades com menos de 50% de representação foram: 43% namorar, 33% ir ao teatro, 16% atividades esportivas, 10% ir ao museu, 3% música (curso de instrumento musical).

“Sair com meus pais pra jantar, sair pra ir na casa de amiga, passar a tarde, estudar com elas, só que acaba que a gente nem estuda, conversa e estuda. É... é ir ao cinema em família, sempre tem, todo mês tem reunião de família, sair com amigos, ir ao shopping, passear... Essas coisas, sexta feira inclusive” (Lia, Colégio Salesiano).

“Então eu geralmente saio com meus amigos, com meu namorado então, vou num churrasco, vou num shopping, vou ao cinema” (Maria, Colégio Salesiano).

“Ajudo meu pai e... vou na igreja. Saio, passeio” (Alessandro, Colégio Salesiano).

Como podemos visualizar no Gráfico 26, as três atividades realizadas pelos jovens na cidade da escola pública 76,6% ir à igreja, 70% namorar, 66% sair com amigos, envolvem dispositivos na própria comunidade, em contraposição as praticadas por jovens da escola particular 96% sair com os amigos, 90% ir ao cinema, 76% passear que abarcam um certo dispêndio financeiro. Além disso, todos são espaços de sociabilidades, como o quarto lugar escolhido pelos dois grupos, o Shopping Center, que funciona muito mais com um ponto de encontro dos jovens, do que um espaço estrito para o consumo.

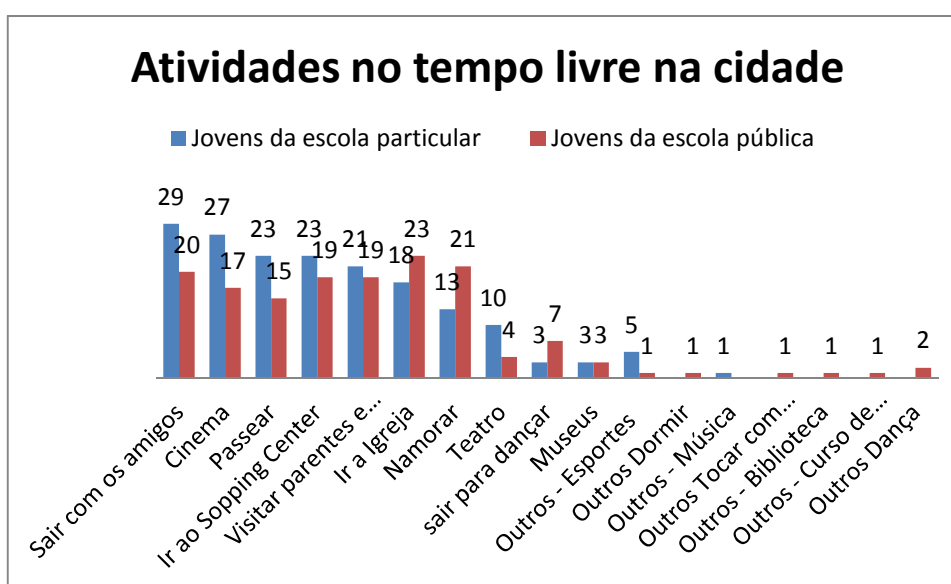


Gráfico 27. Participação em atividades culturais no tempo livre na cidade
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

As atividades realizadas no tempo livre em casa pelos jovens da escola pública são: 90% assistir televisão, 73% ouvir música, 73,3% ajudar nas tarefas de casa, 60% navegar na internet, 43% ficar descansando, 36% ler, 33% atividades esportivas e 13% ouvir rádio.

“Vejo televisão e durmo” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Televisão, computador, estudo né, se não, não tem jeito. É mais isso, e música, também gosto muito de música” (Amanda, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda) .

“Ah, gosto de ficar em casa vendo televisão! (risos).Gosto muito” (Laís, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)!

“Dormir! Cantar, é, mas às vezes eu pego um livro pra ler, eu não gosto muito dessas coisas não, mas às vezes eu pego um livro pra ler... uma revista” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Eu, de segunda a sexta eu estudo, chego em casa arrumo casa, porque... É bom! (riso) Bom pra quem?! (risos). Eu também jogo bola, também quando posso, que eu arrumo a casa, eu depois, eu durmo. É isso” (Tiago, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“No meu tempo livre eu fico mais em casa, assim, faço exercício físico e vou pra aula de balé. Faço aula de balé e pros ensaios da minha igreja, assim de dança” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

Os jovens da escola particular realizam as seguintes atividades no uso do tempo livre em casa: 90% navegar na internet, 80% ouvir música, 76% assistir televisão, 70% ficar descansando, 46% ler, 40% ajudar nas tarefas de casa, 26% atividades esportivas, 6% ouvir rádio e 3% dançar.

“Eu fico na internet, redes sociais de foto geralmente, que eu adoro foto, aí eu fico baixando música, eu ouço muito música, fico vendo a letra também. Ler livros e vejo filme, só isso mesmo” (Lais, Colégio Salesiano).

“De segunda a sexta feira tem muito pouco tempo pra praticar essas atividades, quando eu não estou na escola, geralmente eu estou na internet ou na televisão descansando né, e tocando um violão, gostava muito de jogar bola, mas agora não tenho tempo mais” (Eduardo, Colégio Salesiano).

“Eu acho que é dormir (risos) porque como eu fico tipo na escola todo dia e eu fico muito cansada, então todos dias que eu chego à tarde a única coisa que eu faço é dormir, então eu durmo todo dia a tarde e a noite é voltar a estudar e mais nada” (Maria, Colégio Salesiano).

“Tempo livre... (risos) Quase não tenho, basicamente é estudar. Estudar, ler algum, tentar ler algum jornal, uma revista. Tempo, tempo livre mesmo só tenho... Acho que, o quê? Umas quatro horas por dia, que eu tento, tento tirar pra estudo” (Marcelo, Colégio Salesiano).

O uso da televisão é disseminado em todas as classes sociais, ela ocupa o primeiro lugar nas atividades realizadas pelos jovens da escola pública e em terceiro lugar para os jovens da escola particular, enquanto a internet ocupa o primeiro lugar para estes jovens. Apesar do avanço tecnológico, muitos jovens da escola pública não dispõem de computador, e nem sempre quando o possuem, têm a assinatura da

internet, embora as redes sociais tenham uma importância significativa, a internet ficou em quarto lugar para os mesmos.

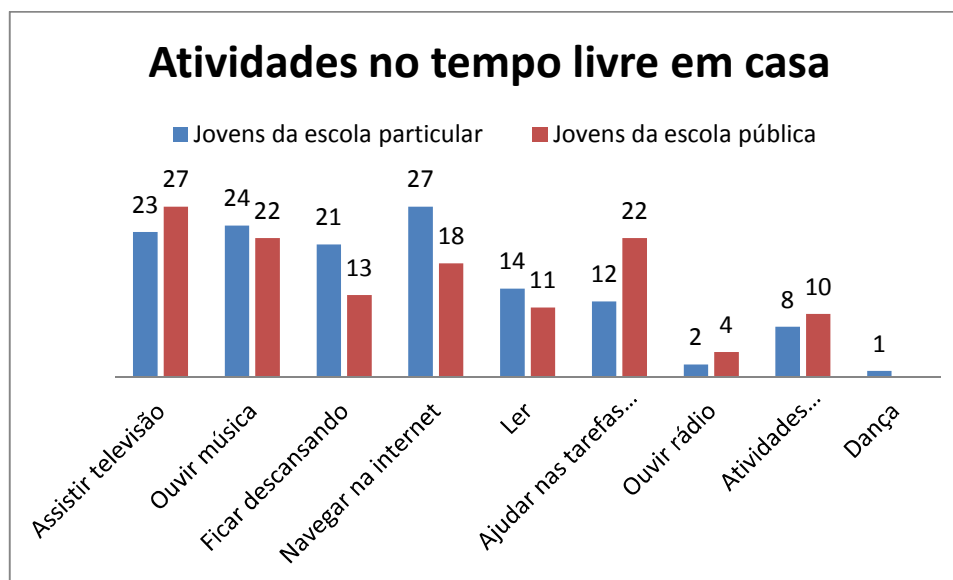


Gráfico 28. Participação em atividades culturais no tempo livre em casa
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

A terceira atividade mais praticada pelos jovens da escola pública foi ajudar nas tarefas de casa. Esses dados contribuem para demonstrar que quando o assunto é gênero, os jovens reproduzem antigos papéis sociais designados para mulheres no cuidado com a casa. Ao observamos o Gráfico 28, no eixo 1, observamos o número total de jovens da escola pública que participaram da pesquisa, 10 rapazes e 20 moças, no eixo 2, o número de rapazes 40% e moças 90% que ajudam nas tarefas de casa. As jovens contribuem ou muitas vezes são responsáveis pelos cuidados com a casa e os irmãos mais novos. As narrativas também demonstram isso.

“É porque eu perdi a minha mãe agora nas férias então eu acabo tendo que fazer muita coisa que ela teria que fazer, que o meu pai trabalha muito, sai cinco da manhã, só volta oito da noite, então eu que cuido de tudo. Então eu acabo perdendo tempo por isso, que eu tenho dois irmãos menores, aí aquela, aquele corre-corre do dia todo, acabo perdendo o tempo pra fazer as minhas coisas” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“O ruim de ser jovem: cobrança do pai, é... coisas que têm fazer de casa, serviço, principalmente quando se tem irmãos pequenos” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

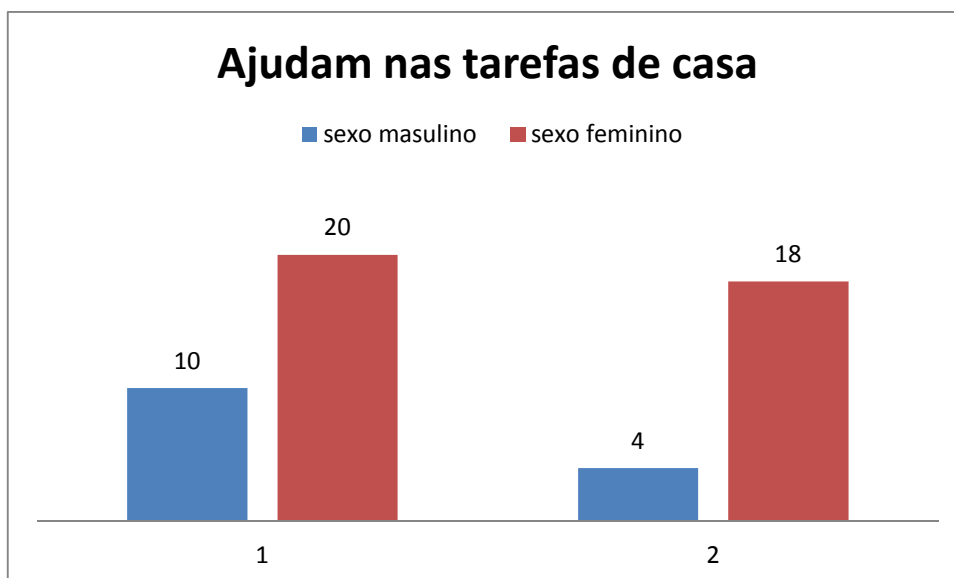


Gráfico 29. Participação nas atividades domésticas – jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Os dados referentes ao número de 40% jovens da escola privada que ajudam nas tarefas de casa no tempo livre difere-se em comparação aos jovens da escola pública, como podemos conferir no Gráfico 29.

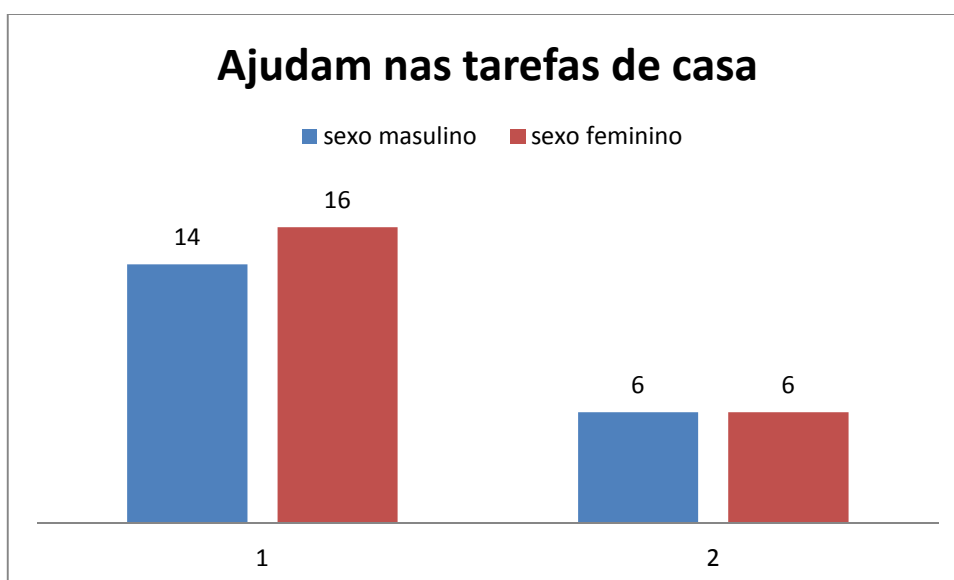


Gráfico 30. Participação nas atividades domésticas – jovens da escola privada
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

No eixo 1, observamos o número total de jovens participantes na pesquisa 14 rapazes e 16 moças; no eixo dois, o número de jovens que relatam ajudar nas tarefas de casa, correspondendo a 42,8% dos rapazes e 37,5% das moças, significa

dizer que os rapazes ajudam mais nas tarefas de casa do que as moças. Realidade totalmente diferente dos jovens da escola pública em que 90% das moças ajudam ou são responsáveis pelos cuidados com a casa.

As atividades que os jovens da escola pública mais gostam de praticar no uso do tempo livre envolvem 50% o âmbito interno (dentro de casa) como assistir televisão, ficar com a família, ouvir música, ler, dormir; e 50% externo (fora de casa) namorar, sair com os amigos, conforme seguem as narrativas:

“Assistir televisão. Assistir televisão, novela, jornal, tudo, assisto tudo” (Amanda, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“O que eu gosto mais de fazer no meu tempo livre é ler, ouvir música, gosto muito” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ficar em casa. Eu não gosto muito de sair não, eu gosto mais de ficar em casa assim quietinha, vendo um filme por aí” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Cara no momento eu gosto muito de namorar” (risos) (Marcelo, C. E. Dr. Félix Miranda).

“Tocar violão” (Cris, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“É... que eu mais gosto, são três coisas básicas que é andar de skate, tocar violão e ficar com os meus amigos. E fora isso é, é o que mais é o que eu mais gosto” (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ficar em, é descansar, ir a um, vamos supor, ficar em casa com a minha família, preservar a minha família. Ficar com, com, com a minha família” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“É dormir” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

As atividades que os jovens da escola privada mais gostam de praticar no uso do tempo livre 90% associavam atividades externas e internas, as duas não concorrem entre si. Das atividades internas destacaram-se: assistir televisão, dormir, ouvir música, ler, conversar, navegar na internet; das atividades externas foram: passear no shopping, comprar roupas, sair com amigos ou a família, jogar futebol e dançar.

“O que eu mais gosto de fazer, é (risos) falar com as pessoas tipo que eu gosto, é rever acho que as pessoas que moram longe e também adoro ler também, nossa adoro ler, é muito bom ler, porque ... Nossa” (Karina, Colégio Salesiano)!

“Passear no shopping” (risos) (Maria, Colégio Salesiano)!

“Ficar com a família, com a família e com os amigos” (Marcelo, Colégio).

“Dormir! (risos). Escutar música também” (Claudia, Colégio Salesiano).

“Sair com meus amigos, ou até passar um tempo com a minha família mesmo” (Deise, Colégio Salesiano).

“Dormir, internet, os amigos, conversar, eu amo conversar, sair” (Flávia, Colégio Salesiano).

“Ler, tomar banho de piscina, entrar nas redes sociais e assistir televisão, mas não muito assim, ficar com a família, encontrar os amigos” (Alessandro, Colégio Salesiano).

“Ver filme, adoro ver filme, ir ao cinema, sair com amigos, ir a shopping andar, comprar muita roupa (risos)” (Lia, Colégio Salesiano).

A fim de compreender o não acesso ou a não preferência dos jovens por determinada atividade, perguntamos sobre as atividades das quais nunca participaram. Os dados referentes aos jovens da escola pública revelaram que as atividades das quais os jovens nunca participaram são: 70% arquivo público, 63,3% museu, 60% casa de cultura, 53,3% teatro, 43,3% circo, 40% livraria, 33,3% sair para dançar, 16,6% biblioteca, 13,3% shows públicos, 13,3% atividades esportivas, 13,3% namorar, 10% cinema e 6,6 % viajar.



Gráfico 31. Atividades de que nunca participaram – jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

A frequência das atividades que os jovens da escola pública realizam diariamente são 96,6% ouvir música, 90% assistir televisão, 76,6% ajudar nas tarefas de casa, 50% navegar na internet, 50% namorar, 40% ler, 36,6% ouvir rádio, 33,3% praticar atividades esportivas, 33,3% ir à igreja, 16,6% passear, 10% sair com amigos e 10% visitar parentes e amigos.



Gráfico 31. Atividades que realizam todos os dias – jovens da escola pública
 Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

As atividades das quais os jovens da escola particular informaram nunca participaram foram: 60% arquivo público, 50% casa de cultura, 30% ir ao museu, 30% namorar, 30% sair para dançar, 26,6% ouvir rádio, 16,6% atividades esportivas, 16,6% circo, 16,6% shows públicos, 10% livraria.

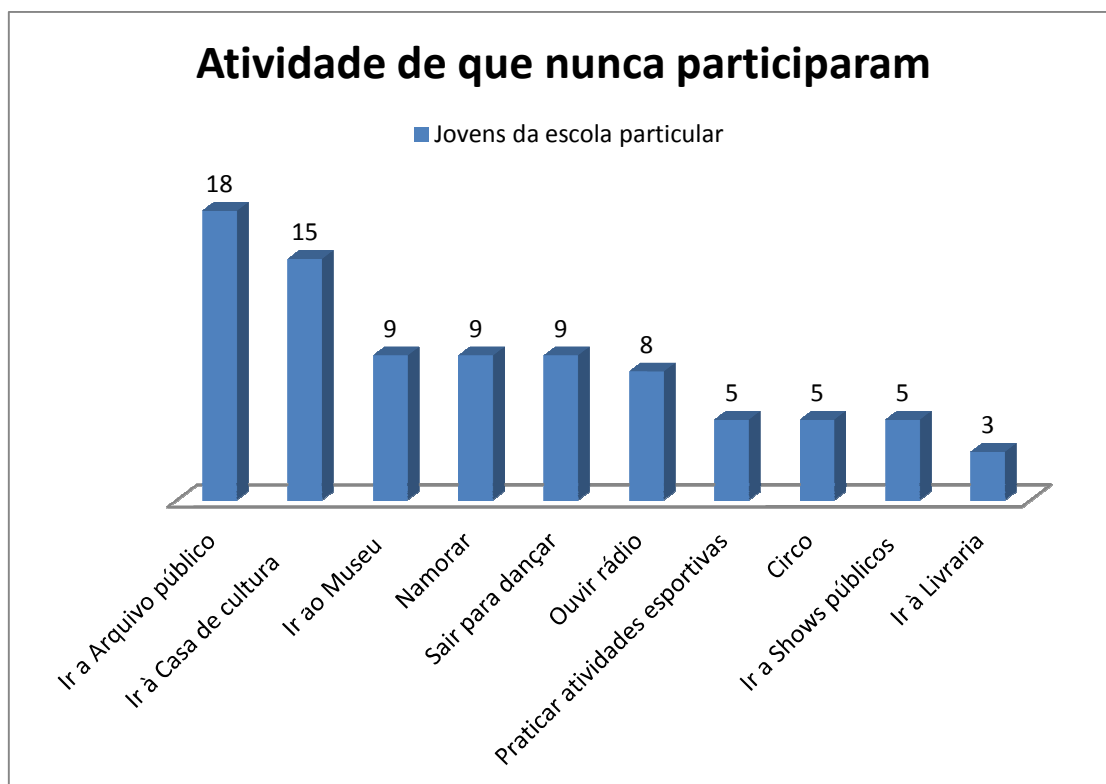


Gráfico 33. Atividades de que nunca participaram – jovens da escola particular
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Os alunos da escola particular realizam as seguintes atividades diariamente no tempo livre: 83,3% assistir televisão, 80% navegar na internet, 50% ler, 36,6 ouvir rádio, 33,3% ajudar nas tarefas de casa, 33,3% praticar atividades esportivas, 30% Ir à biblioteca, 20% namorar, 20% ir à livraria e 10% passear.

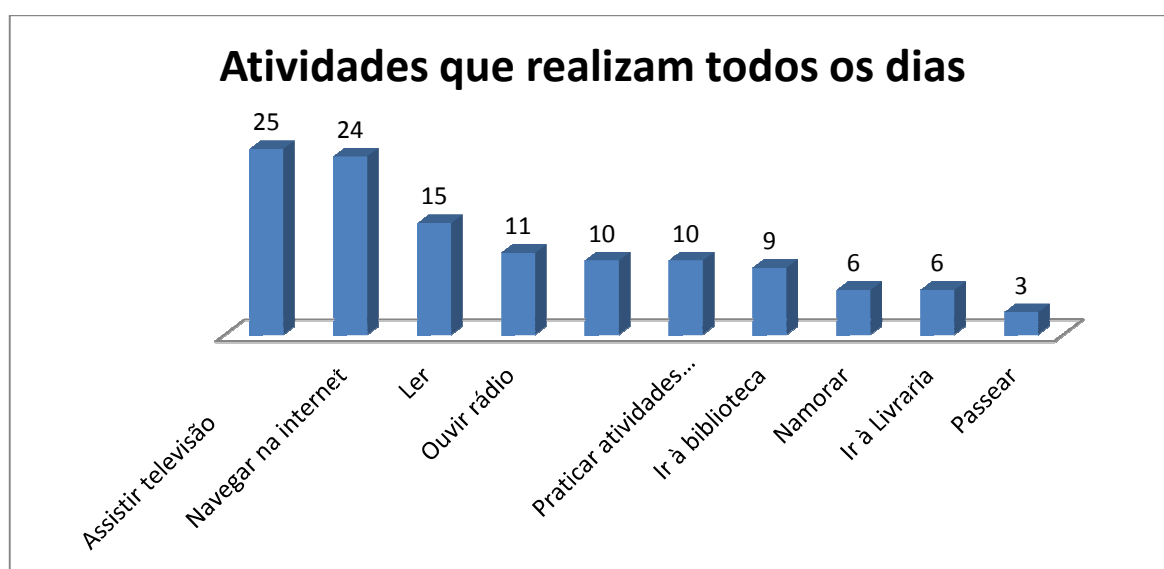


Gráfico 34. Atividades que realizam todos os dias – jovens da escola privada
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Os dados sobre as atividades que os jovens da escola pública gostariam de fazer no tempo livre indicam o grande interesse da maioria por atividades esportivas, música e dança.

“Ai se eu pudesse sair seria melhor. Sair” (Amanda, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Eu acho que eu faria... eu acho que uma dança, eu acho que eu gostaria de fazer uma dança tipo hip hop, alguma coisa assim” (Betariz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“No meu tempo livre, oportunidade... Ah tem muita coisa! Bom, tem coisas que eu gostaria de voltar a fazer, que antes eu jogava bola, aí eu gostaria de jogar bola ou então mesmo praticar algum esporte, eu gosto muito de esporte” (Marcos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ó, natação. Uma coisa que eu queria aprender, aprender muito, a nadar e só isso” (Mário, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).



Gráfico 35. Atividades que gostariam de fazer no tempo livre – jovens da escola pública

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Os jovens têm vários interesses. Quando responderam nos questionários sobre o que mais gostariam de fazer se pudessem, apareceram várias modalidades esportivas, além das atividades ligadas a grupos musicais e dança. Nas entrevistas destacaram-se o desejo dos jovens por viajar e conhecer lugares, pessoas e

culturas diferentes (quatro jovens) e a dificuldade de estudar e ler e o desejo de vencer tais dificuldades (três jovens).

“Viajar” (Guto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Viajar. Ah, conhecer lugares, pessoas. Coisas desse tipo” (Lais, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Se eu pudesse... eu acho que viajar um pouco, eu gosto muito de viajar também, se eu tivesse um, sei lá, um tempo bom eu queria é viajar um pouco” (Carlos, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Eu quero muito ver se eu consigo fazer o pré-vestibular. Que eu não tô fazendo cursinho, eu não tô fazendo nada. É o que eu gostaria de fazer mesmo” (Lais, C. E. Dr. Félix Miranda).

“Queria que o meu tempo fosse maior pra eu fazer mais algumas coisas, tipo assim ler. Eu não consigo ler assim em sequência um capítulo atrás do outro, eu sempre leio um aí rodo, faço alguma coisa depois volto e leio outro então acaba não tendo andamento porque eu nunca tenho tempo pra ler com calma, a minha vida é sempre muito corrida” (Celita, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda)

“Acho que tentar estudar... Endendeu, tipo assim, o que é entendeu? Mas parece que é uma coisa que segura a gente, ou às vezes aquele negócio: ai vou pegar um livro é meio cansativo às vezes, mas sabe que é pro melhor da gente, acho muito cansativo” (Carla, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Gostaria de fazer... Eu gostaria muito de conhecer lugares novos, conhecer lugares diferentes. O meu sonho é conhecer a Califórnia né, que é a terra do skate (riso). É... sei lá eu gostaria também é de conhecer bandas, pra saber como é que, como é que experiência de vida deles, o quê que eles têm pra contar, conhecer gente nova também, conhecer outras culturas, que aqui na cidade né um pouco... A cultura, a nossa cultura é um pouco, digamos o rock é meio, é sempre tratado com muito preconceito, sempre tratado como doido, essas coisas e eu gostaria de conhecer outras culturas, conhecer outros lugares diferentes, lugares novos, culturas diferentes é sempre bom, cê sempre tem um aprendizado com isso. (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

Os dados demonstram os anseios dos respondentes por estudar ou ler um livro e a dificuldade de fazê-lo no tempo livre, ora por falta de tempo, ora por falta de paciência ou falta de técnica ou até mesmo por obstáculos financeiros (tentando fazer um pré-vestibular). O último jovem das narrativas acima denuncia o preconceito que sofre por fazer parte de um grupo juvenil de roqueiros e skatistas, a ponto de querer conhecer outros lugares, a fim de averiguar como aqueles que

possuem o mesmo estilo de vida que ele vivem e a forma como são vistos nos lugares onde vivem.

Os chamados grupos culturais juvenis de jovens urbanos têm encontrado formas inovadoras para uso no espaço público. Utilizando-se de ritmos, gestos, rituais e palavras, estes grupos instituem sentidos, negociam significados e combatem a segregação e o preconceito. Conquistam a ampliação do espaço público, mudam estilos que se tornaram formas de expressão e comunicação entre jovens. São articuladores de identidades e referência na elaboração de projetos individuais e coletivos, sobretudo em áreas pobres e violentas.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi ganhando concretude porque passou a englobar os direitos de cidadania, chegando, assim, à sigla Desca (Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais). Segundo Novaes (2009) pela ótica das demandas juvenis, a referência aos direitos humanos – com suas variadas apropriações – funciona como: I) um instrumento para enfrentar as atuais formas de preconceito, discriminação e violências que atingem os jovens; II) um expediente agregador da diversidade de demandas juvenis; III) um *lócus* de *aggiornamento* das diferentes gerações de direitos – civis, sociais, políticos e difusos.

Na prática, os jovens oriundos da periferia, de uma situação socioeconômica desprivilegiada tem dificuldades de acesso e gozo dos seus direitos, inclusive, como o próprio jovem narra, o preconceito e a discriminação que sofre por fazer de um grupo cultural.

Os jovens da escola particular que reponderam aos questionário, também demonstraram grande interesse por atividades esportivas, música ou dança. As modalidades esportivas foram bem variadas, como: tênis, balé, salto de paraquedas. Muay Tay. MMA (Artes Marciais Mistas), natação, Jiu-Jitsu, musculação, futebol, futsal, vôlei, basquete, skate, entre outras. Nas modalidades de música e dança, destacaram-se: aulas de piano, violão e guitarra, dança de salão.

“Eu gostaria de praticar mais esporte. Fazer outra coisa assim sem ser balé, academia... é que eu não tenho muito tempo, que eu estudo bastante aí” (Claudia, Colégio Salesiano)...

“Mais esporte. Ter tempo pra malhar essas coisas assim que não tenho tempo, entendeu” (Alessandro, Colégio Salesiano)?

“(Pequena pausa) Pergunta um pouco difícil né, mas eu tenho gosto por futebol, estar jogando um futebol com os amigos eu gosto muito.

Tiver com tempo pra, pra ter isso eu ficaria feliz, gosto muito de dançar, gostaria de fazer uma academia de dança, mas também não tenho tempo, é um projeto, um plano que eu tenho pro futuro” (Eduardo, Colégio Salesiano).

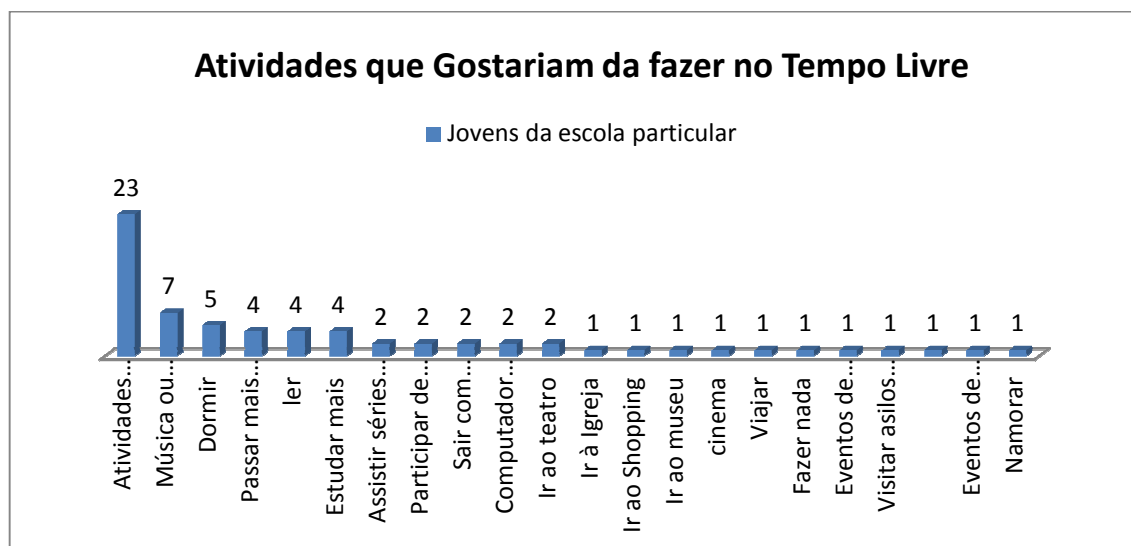


Gráfico 36. Atividades que gostariam de fazer no tempo livre – jovens da escola privada
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Nas entrevistas os jovens da escola particular demonstraram que, além da vontade de praticar esportes e atividades ligadas a música e dança, desejavam estar com a família e os amigos, terem mais tempo para escrever e mais tempo para realizarem as atividades que já fazem no cotidiano.

“É... Assim ter mais tempo pra, pros amigos, pra família que eu convivo todo dia tenho muito tempo com a família, mas com os amigos, por ter esse negócio agora de ENEM, essas coisas muita gente tá estudando e não pode sair. E viajar” (Lia, Colégio Salesiano).

“Eu faço, o que eu gosto sair, conversar, internet... Isso (Flávia, Colégio Salesiano).

“Huum... Ai pergunta tão difícil (riso)... Eu não sei... Ai eu acho que é ficar com os amigos, acho tipo, é um momento tão bom, tão... Tão bacana a gente tá reunido e tal eu acho que seria isso, ficar com meus amigos” (Maria, Colégio Salesiano).

“Ficar com a família, com a família e com os amigos” (Marcelo, Colégio Salesiano).

“Escrever mais, ter mais contato com as pessoas, que eu me fecho muito, sei lá” (Talia, Colégio Salesiano).

Os dados sobre os fatores que impedem os jovens da escola pública de realizarem as atividades que desejam para 50% consiste na falta de dinheiro, 23% falta de tempo, 14% falta de tempo e dinheiro, 3% falta de tempo, dinheiro e preguiça, 3% proibição dos pais e falta de dinheiro e 3% não responderam.

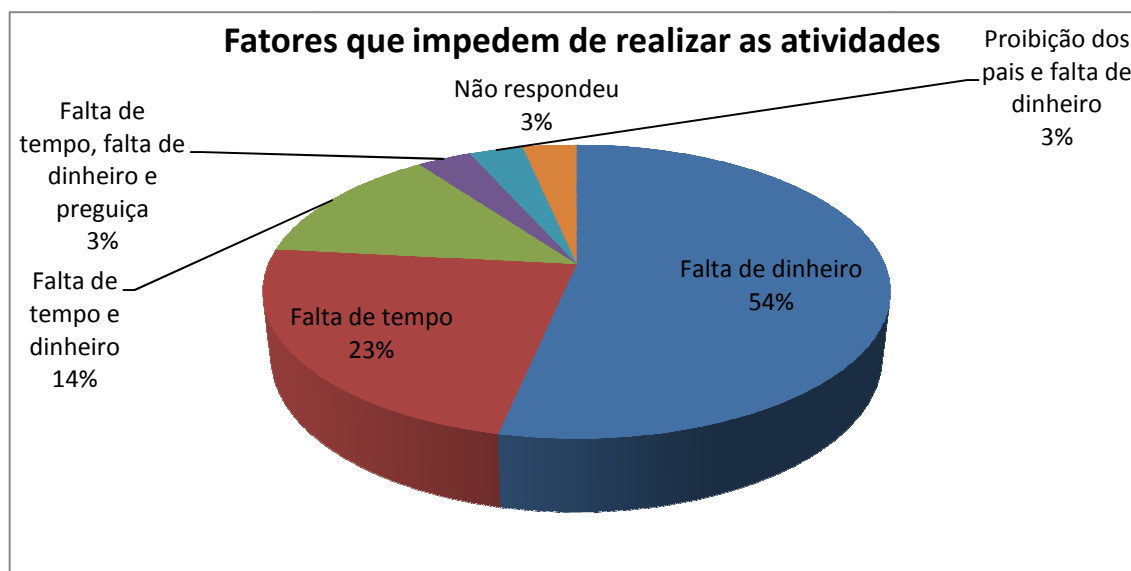


Gráfico 37. Fatores que impedem de realizar as atividades desejadas – jovens da escola pública

Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Já os alunos da escola privada afirmaram que os fatores que impedem de realizar as atividades no tempo livre foram, 50% falta de tempo, 20% falta de dinheiro, 20% falta de tempo, dinheiro e proibição dos pais, 7% falta de tempo e proibição dos pais, 7% não encontra um grupo. A maioria dos jovens colocaram em algum momento a redução do tempo livre em função de maior dedicação ao Ensino Médio e a preparação para o processo de seleção para as universidades.

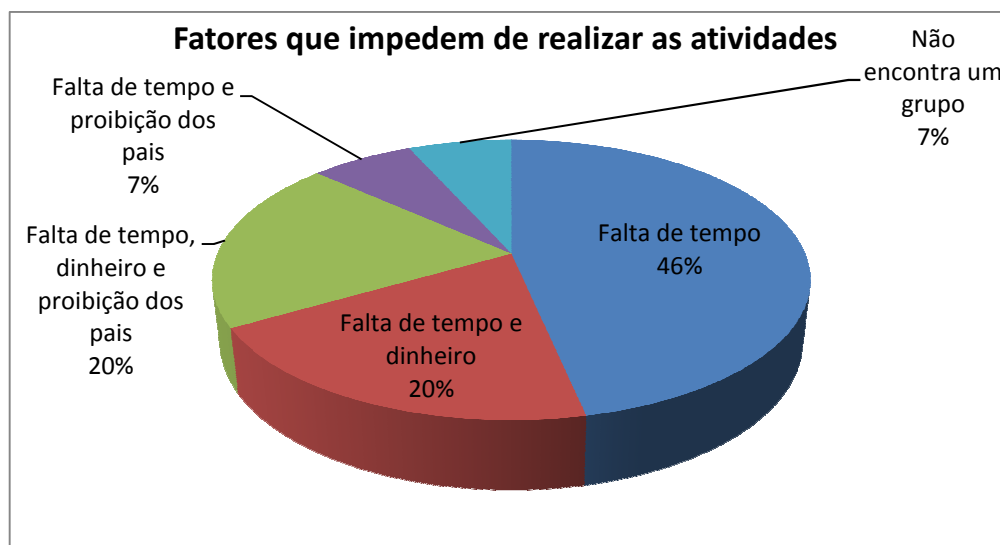


Gráfico 38. Fatores que impedem de realizar as atividades desejadas jovens da escola particular
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Enquanto a redução do tempo livre dos jovens da escola particular se dava em função do aumento da carga horária na escola (Ensino Médio mais curso preparatório para a entrada na universidade), ao revelarem os fatores que mais comprometiam o seu tempo livre, os jovens da escola pública atribuíam às atividades domésticas, ao trabalho e ao estudo (nenhum deles estava fazendo curso preparatório para o processo de seleção para a entrada na universidade, mas um deles frequentava um curso técnico).

Os dados demonstram as desigualdades de oportunidades enfrentadas pelos jovens da escola pública, onde a maioria dos fatores impeditivos de gozarem as atividades no tempo livre são de ordem financeira. Além do mais, quando analisamos as atividades realizadas no tempo livre e as que os jovens gostariam de vivenciar, são pouquíssimos os jovens que conseguem conciliar o desejado e o real.

Segundo Dayrell (2003), a vivência da juventude, tende a ser caracterizada por experiências em todas as dimensões da vida subjetiva e social, possibilitando novas vivências, sensações e emoções que trazem conhecimento de si mesmo e do mundo, fazendo desta fase da vida o momento do exercício de inserção social. Porém, não existe um padrão único e cada jovem pode vivenciar esta fase de forma própria, de acordo com as suas especificidades pessoais e o contexto social e econômico onde se insere.

Há novas possibilidades de compreensão do mundo, onde o jovem torna-se capaz de receber e exercer influências e de refletir sobre a dimensão individual e

social, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver todas as suas potencialidades.

A identidade não consiste em algo fixo e natural, mas uma construção que cada um vai realizando por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, e de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo. Ainda segundo Hall (2000), a identidade tornou-se posicional, não sendo mais ancorada somente na família, o sujeito pode inclusive assumir uma identidade com elementos antes considerados antagônicas.

Neste contexto, a participação nos grupos contribui para a vivência na coletividade e a experimentação de elementos de formação das identidades. São espaços de agregação social e constituição de sociabilidades. Lá se encontram os amigos, se estabelecem as trocas, pois segundo Pais, os amigos do grupo “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros”. (1993, p. 94)

Dos jovens da escola pública 67% participam de algum tipo de grupo. Os grupos dos quais faziam parte são bastante variados, destacando-se: 23% religioso, 18% esportivo, 14% dança e religioso. Os demais grupos eram 9% teatro e religioso, 9% música, teatro, esportivo e religioso, 9% música e religioso, 5% dança, teatro, religioso e esportivo, 5% religioso e esportivo, 4% dança e 4% música.

“É, grupo que eu participo é a minha banda né, lá eu sou o baixista, eu toco baixo lá, canto, faço back e são grupos assim de rockeiros, que é grupo de rockeiros, grupo de skatistas, grafiteiros, tem dança de rua, né. Então são grupos assim esses grupos digamos que a sociedade sempre olha com: _Ah só dá doido aí. Nem sempre é assim. (risos)” (Augusto, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Ah, tem o grupo jovem, o grupo jovem aí, a gente tem um grupo aí a gente ensaia e tudo assim e... apresenta, faz apresentação. E faz e canta no, no domingo, na quarta” (Amanda, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Na minha igreja. Eu participo do teatro. Aí eu faço qualquer atividade do teatro eu participo, eu vou, eu vou fazer, eu amo teatro então qualquer coisa eu tô fazendo” (Beatriz, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

“Na minha igreja. Dança, teatro, música, isso aí” (Cris, Colégio Estadual Dr. Félix Miranda).

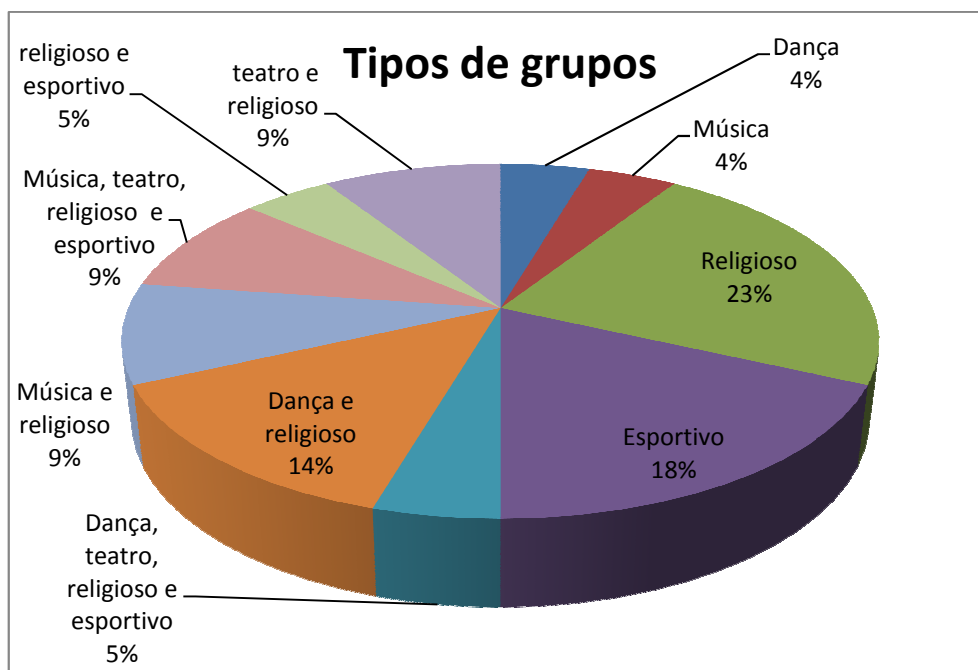


Gráfico 39. Tipos de grupos que participam - jovens da escola pública
Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Dos jovens da escola particular, 40% participam de um tipo de grupo. Os tipos de grupos foram 36% religioso, 27% esportivo, 14% teatro, 9% dança, 5% música e religioso 5% dança, teatro e religioso e 4% música.

“Ah tá, eu participo do grupo jovem aqui da escola, é do grupo jovem aqui da escola, e o outro lá da igreja do Sagrado que é mais um encontro de jovens mesmo, que tem, que tem sempre, a gente basicamente que é tipo um encontro pra espiritualidade mesmo pra encontrar um contato com Deus, aumentar essa proximidade que você tem com ele” (Marcelo, Colégio Salesiano).

“O gosto pelo esporte, o gosto por certo tipo de música, geralmente eu tô “engrupado” com todos eles” (Eduardo, Colégio Salesiano).

“Eu participo de um grupo da igreja que tem reunião todo domingo e a gente é... eu, tipo eu organizo uma parte disso entendeu? E também participo de um grupo de balé. Eu faço balé” (Claudia, Colégio Salesiano).

“O teatro né, só” (Deise, Colégio Salesiano)

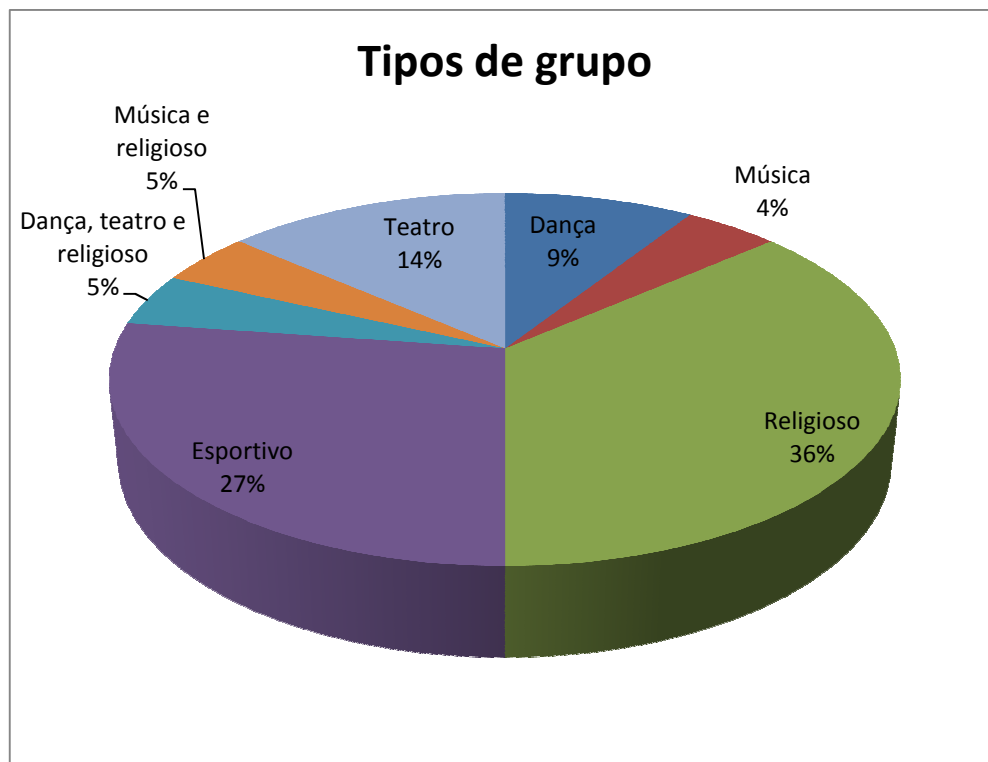


Gráfico 40. Tipos de grupos que participam - jovens da escola particular
 Fonte: Dados da Pesquisa de Campo

Ao compararmos os dados verificamos que 92% dos jovens da escola pública que participam de um grupo juvenil estão ligados à igreja, mesmo quando se trata de uma linguagem artística, como teatro, dança e música, enquanto para os jovens da escola particular, 46% estão inseridos em grupos onde estão presentes a religião. Novaes (2005, p. 267, 270) destaca que os jovens evangélicos estão predominantemente entre os mais pobres e os jovens católicos, apesar de estarem em todas as classes sociais, também são mais numerosos entre os empobrecidos. Os dados nos mostram como a igreja para os jovens da escola pública tornou-se um espaço de sociabilidade juvenil e como os jovens participam ativamente por meio de atividades de teatro, dança, música e reuniões de grupos jovens. As igrejas são localizadas na própria comunidade ou próxima a ela, facilitando o acesso dos jovens. No caso da escola particular, a igreja católica fica ao lado da escola.

Os dados demonstram como as políticas culturais devem ser planejadas conforme os lugares nos quais os jovens desenvolvem suas práticas culturais. As políticas públicas devem estar pautadas em diagnósticos acerca das demandas dos cidadãos, pelo menos aquelas que desejam promover ou são pautadas no paradigma da democracia cultural. Para contribuir na elaboração dos projetos de vida dos jovens, torna-se necessário diálogo com os jovens, afim de que estes não

tenham seu tempo apenas ocupado em atividades que não trazem sentido para suas vidas, levando em consideração seus limites e possibilidades.

CAPÍTULO 5 - CONCLUSÃO

A partir deste estudo, nos propomos a refletir a respeito da relação entre juventude, cultura e lazer no uso do tempo livre. Chamou-nos a atenção o número de jovens participantes de grupos juvenis, em interação com o meio social em que estão inseridos, e no contexto das atividades culturais. A pesquisa nos indicou alguns elementos que contribuíram para a construção de espaços culturais de jovens, com valores e dinâmicas próprias que, estimularam a expressão de identidades juvenis.

Ao visualizar a relação entre, o uso do espaço público³¹ pelos jovens como fruição cultural e, realização de atividades culturais, baseadas em relações criativas de sociabilidade, identificamos que os grupos na falta de alternativas e equipamentos culturais, criaram várias práticas culturais. Há ainda diversas questões que ficam para um posterior aprofundamento, dentre as quais identificamos a relação desses processos de formação com o desenvolvimento da autonomia dos jovens.

O envolvimento do jovem no processo de criação artística ou no desenvolvimento de atividade cultural proporciona a criação de expressões culturais próprias e a ressignificação de suas práticas sociais. Isso provoca o estímulo à renovação de sentidos estéticos e a fruição cultural, constituindo um processo de construção de identidades e simbologias específicas do mundo juvenil.

Quanto mais o jovem transita por esses diferentes campos e atua em distintos espaços, mais desenvolve sua autonomia, mais aprende a responder, se adaptar e inovar em espaços políticos e culturais diferentes. Mais recursos detém para escolher ações, projetos e definir caminhos. O aprofundamento da autonomia não ocorre apenas no universo individual, mas fundamentalmente no campo coletivo, de proposição de ações articuladas, em diálogo com outras pessoas e integrando diferentes áreas do saber.

No campo da fruição cultural, um dos resultados que nos aproximam do fato de como cultura ainda não se constitui um direito vivenciado pelos jovens em seus

³¹ Ao percorrermos a cidade presenciamos os diferentes usos das praças e quadras esportivas públicas por grupo juvenis, alguns deles eram grupos de: rock, skate, capoeiristas, ciclistas, futebol, vôlei e grupos religiosos.

cotidianos, se dá na contraposição de três tipos de informação diferentes: atividades que os jovens mais gostam de fazer no tempo livre, atividades efetivamente realizadas pelos jovens e aquelas atividades que os jovens nunca fizeram, mas gostariam de fazê-las. As respostas evidenciaram haver um desejo insatisfeito por parte dos jovens no que diz respeito às atividades de tempo livre que mais gostam de realizar e aquelas que efetivamente são realizadas. Embora assistir à televisão tenha aparecido como a atividade que os jovens mais costumam fazer durante a semana e nos fins de semana, quando perguntados sobre o que mais gostam de fazer, a resposta mais citada pelos jovens foi participar de atividades esportivas e culturais. Dentre os impeditivos de realização das atividades que gostariam, a falta de dinheiro aparece com maior relevância, sendo apontada por 53% (de forma isolada e por 20% (associado a outros fatores) dos jovens da escola pública e por 43% dos jovens da escola particular.

As atividades realizadas pelos jovens participantes da pesquisa no seu tempo livre denunciam, como os jovens de classe média e alta vivenciam uma fase ligada à liberdade, aos estudos e ao lazer e os jovens pobres precisam, na maioria dos casos, pensar nas atividades laboriosas à curto prazo. De um lado, os jovens da escola particular usam o tempo livre na cidade saindo com os amigos, indo ao cinema, passeando e indo ao Shopping Center. Do outro lado para ocuparem o seu tempo livre de forma prazerosa, os jovens da escola pública criaram estratégias de práticas culturais, esportivas e de sociabilidade na própria comunidade. Vão a igreja onde praticam teatro, dança, cantam durante a semana ou nos fins de semana. Como a quadra da escola é aberta aos fins de semana, torna possível “a pelada” dos rapazes. As amizades, os passeios com os amigos também se dão na comunidade e no seu entorno.

Ao realizarmos o cruzamento das informações a respeito dos gostos, interesses e escolhas dos jovens na área cultural e as suas práticas culturais, podemos concluir que há uma demanda reprimida. Desta forma, quanto menos acesso os jovens têm a ações, equipamentos, bens e serviços culturais, maior é sua inclinação por iniciativas de lazer e diversão, marcadas mais pela receptividade e menos pelo envolvimento social. A falta de acesso à fruição cultural não apenas condiciona a participação dos jovens ao conjunto de atividades existentes que sejam

viáveis economicamente, como também estimula escolhas de atividades culturais de caráter mais pessoal.

No que diz respeito às políticas culturais do município as atividades culturais que os jovens consideravam ter participado eram os shows públicos. Constatamos a falta de acesso ou mesmo a inexistência de atividades culturais que poderiam ser uma forma significativa de participação dos jovens. O que se confirmou ao reunirmos informações sobre as escolhas das atividades culturais efetivamente realizadas pelos jovens, o que gostariam de fazer e como isso dialogava com as políticas culturais municipais.

As juventudes no Brasil são marcadas pela desigualdade social, onde as formas de acesso aos direitos, ao sistema educativo, à formação e qualificação profissionais, ao mundo do trabalho, à cultura, à informação, entre outros não estão ao alcance de todos. A diversidade deste segmento retrata ainda a realidade social brasileira ao integrar especificidades e contemplar ou não suas diferentes necessidades no campo próprio da juventude.

Por fim, apontamos a necessidade de continuidade deste estudo no que diz respeito, as várias formas de sociabilidade juvenis e a formação de grupos. Assim como, o trato das políticas públicas baseadas nas necessidades e demandas dos jovens, voltando-se para o estímulo de construções de projetos de vida que sejam capazes de transformar suas realidades, indo para além da ocupação do seu tempo.

O cenário desenhado pela pesquisa reforça a importância de construção de políticas públicas que se fundamentem em uma compreensão dos jovens como sujeitos de direitos e por meio da concepção de cidadania como exercício pleno dos direitos universais. O reconhecimento dos jovens com igualdade de direitos e liberdades representa um processo de disputa que envolve a criação de discursos sobre o jovem e do próprio jovem, de seus desejos e identidades, mas também revela uma disputa de poder, de emancipação. Como eles mesmos refletem durante a participação da pesquisa³²:

“Eu acho que aqui na cidade falta oportunidade para as pessoas, não só para as pessoas de classe média, mas também para de classe

³² Como forma de permitir aos jovens uma maior liberdade de expressarem o que pensam sobre a temática da pesquisa, a última pergunta da entrevista foi “Tem alguma coisa que eu não tenha perguntado que você acharia interessante estar colocando sobre o tema?”

baixa. Porque e também falta é... eu acho que educação da prefeitura pra, pros jovens procurarem esse tipo de coisa, porque às vezes as pessoas não tão... não ficam interessadas porque elas não sabem do que se trata. Se é tipo uma biblioteca e tal.” (Claudia, Colégio Salesiano)

A pesquisa revela como o direito à cultura e à cidadania cultural é negado à juventude, apesar dos assuntos culturais representarem forte interesse para os jovens. As privações vivenciadas pelos jovens para a experimentação de atividades culturais e para o desenvolvimento de sua expressão decorrem da falta de acesso à criação e fruição cultural. Essas dificuldades são expressas na falta de equipamentos públicos de cultura no município ou localidade de residência do jovem, na falta de dinheiro ou na proibição dos pais. Para que a cultura se afirme na perspectiva do direito e a cidadania cultural seja mais praticada e reivindicada, inclusive pelos jovens, será necessário ampliar os meios de criação, produção e difusão cultural. A participação em atividades culturais consiste numa forma de ampliar a capacidade crítica dos sujeitos por meio da cultura e diversificar as expressões da identidade cultural, de modo a produzir alternativas à tendência homogeneizadora da indústria cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.
- _____. *Juventude e cultura*. In: Cartilha Dito e feito. São Paulo: No. 4, 2001.
- _____. *A tematização social da juventude*. Revista Brasileira de Educação, n. 5-6. São Paulo: ANPED, 1997.
- _____. (org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2005.
- ANTUNES, Ricardo, ALVES Giovanni. *As mutações do mundo do trabalho na era da mundialização do capital*. *Educ. Soc.*, 87, 25: p.335-351, 2004.
- AQUINO, Luseni. *Introdução*. In: Castro, Jorge Abrahão de. Aquino, Luseni Maria Cordeiro de. Andrade, Carla Coelho de (Org.) *Juventudes e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009, p. 23-40.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010
- AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da Cultura*. São Paulo: Melhoramentos, Brasília, INL, 1976, p. 80 –81.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BENEVIDES, Maria Victoria. *A cidadania ativa*. São Paulo: Ática, 1991.
- BOTELHO, Isaura. *Dimensões da cultura e políticas públicas*. São Paulo: Revista São Paulo em Perspectiva, vol. 15, n°2, 2001.
- BOURDIEU, P. *A juventude é apenas uma palavra*. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- We All Want to Be Young. Disponível em: <<http://www.box1824.com.br>> Acesso em: 03 de janeiro de 2013.
- BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. *Culturas do lazer e o tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- BRITO LEMUS, Roberto. *Hacia una sociología de la juventud*. JOVENES, Revista de Estudios Sobre Juventud N°1. México: IMJ. 1996.

BRUNNER, J.J. *La mano visible y la mano invisible*. América Latina: cultura y modernidad. México: Editorial Grijalbo, 1993, p.205-247.

CACCIA-BAVA, Augusto. *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras. 2004.

CALANZAS, Gabriela. *Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para uma reflexão*. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. *Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros*. In: Castro, Jorge Abrahão de. Aquino, Luseni Maria Cordeiro de. Andrade, Carla Coelho de (Org.) *Juventudes e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009, p. 71-88.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CEPAL, *Juventude e coesão social na Ibero-América: Um modelo a ser construído*. Santiago: CEPAL, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. São Paulo: Papirus Editora, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural*. São Paulo: EFPA, 2006.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DÁVILA LEÓN, Oscar. *Adolescência e juventude: das noções às abordagens*. In: FREITAS, M. V. de. (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, p. 9 – 18.2005.

DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*. *Revista Brasileira de Educação*, 2003, Nº. 24, p.40-52.

_____. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

_____. *Juventude, grupos de estilo e identidade*. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: Nº 30, p. 25-39, dez. 1999.

_____. *O rap e o funk na socialização da juventude*. *Educ. Pesquisa*, vol.28, n.1, pp. 117-136. 2002

_____. GOMES, N.L. *A juventude no Brasil*. Disponível em: <www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/SESI>. Acesso em: 23 jun 2010.

DECLARAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS AO TEMPO LIVRE, da Associação Mundial de Recreação. Genebra, Suíça: 1º de Julho de 1970.

DIEESE. *A Situação do Trabalho no Brasil*. DIEESE. 2001.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

Fotografia - Jovens fazendeiros, de August Sander. Disponível em <<http://oglobo.globo.com>> Acesso em 04 de janeiro de 2013.

FRANCH, Monica. *Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife*. Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.2, jul./dez. 2002

FREITAS, M. V. de. (Org.). *Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREITAS, M. V.; PAPA, F.C. (Orgs.). *Introdução. Políticas Públicas: Juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 145- 164.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo*. Porto Alegre: In: Educação & Realidade, v.22, n.2, p. 15-46. 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*; trad. Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 103-133. 2000.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2012*. Rio de Janeiro, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociais Municipais Uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa de informações básicas municipais/Perfil dos municípios brasileiros: gestão pública 2009*. Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009. Despesas, Rendimentos e Condições de Vida*. Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios. Síntese dos Indicadores 2011*. Rio de Janeiro, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios. Síntese dos Indicadores 2011*. Rio de Janeiro, 2012.

INSTITUTO CIDADANIA. *Projeto Juventude: documento de conclusão*. São Paulo, 2004.

JAMES DEAN Disponível em: <http://www.jamesdean.com/> Acessado em 03 de janeiro de 2013.

LAHIRE, B. *Crenças coletivas e desigualdades culturais*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 84, p. 983-995, set. 2003.

LEITE, Elenice Moreira. *Juventude e trabalho: criando chances, construindo cidadania*. In: FREITAS, M. de; PAPA, F. de C. (orgs.). Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003. p. 153-172.

Minha Terra é Sergipe. Disponível em: <http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/> Acessado em 03 de janeiro de 2013.

NOVAES, Regina. Apresentação. In: *Juventude: conflito e solidariedade*. Rio de Janeiro: Iser, 1998.

_____. *Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política*. In ABRAMO, H. W. et. all (org.) *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez. 2000.

_____. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença?* In ABRAMO, Helena W. (org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. *Prefácio*. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de; ANDRADE, Carla Coelho de (Org.) *Juventudes e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009, p. 13-22.

PAIS, J.M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PINTO, Alice Regina et al. *Manual de normalização de trabalhos acadêmicos*. Viçosa, MG, 2011. 88 p. Disponível em: <<http://www.bbt.ufv.br/>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

POCHMANN, M. *Inserção ocupacional e o emprego dos jovens*. São Paulo: ABET, 1998.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Editora Record, 2001.

_____. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002.

MAPA DE CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br>> Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

TEIXEIRA, Ana Claudia. *Formação dos conselhos no Brasil*. In: FARIA, Hamilton; MOREIRA, Altair; VERSOLATO, Fernanda. (Org.). *Você quer um bom conselho? Conselhos municipais de cultura e cidadania cultural*. São Paulo: Instituto Pólis, 2005.

VILUTIS, Luana. *Cultura e juventude: a formação dos jovens nos Pontos de Cultura*. 2009. 202 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura; usos da cultura na era global*. Belo Horizonte; Editora UFMG/Humanitás, 2006.